

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I e II

RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL

Maria José Salvado Gonçalves

Lisboa, julho de 2012

Parecer

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I e II

RELATÓRIO DE ESTÁGIO PROFISSIONAL

Maria José Salvado Gonçalves

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em
Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sob a orientação da
Professora Doutora Violante Magalhães

Lisboa, julho de 2012

E a criança vai aprender a crescer.

Todos temos de a ajudar!

Todos!

Os pais, a escola, todos nós!

E vamos ajudá-la a descobrir-se

A si própria

E os outros.

Descobrir o seu mundo,

A sua força,

O seu amor,

Ela vai aprender a viver

Com ela própria

E com os outros:

Vai aprender a fraternidade,

A fazer fraternidade,

Isto chama-se educar,

Saber isto é aprender a ensinar.

Matilde Rosa Araújo. In *Os Direitos da Criança*

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho é fruto do empenho, da dedicação e de um esforço coletivo de quem o realizou e de quem colaborou para a sua concretização.

Nesse sentido, gostaria de endereçar as minhas primeiras palavras de apreço e gratidão à minha orientadora, Professora Doutora Violante Magalhães, pela sua sábia orientação, dedicação, incentivo e pela total disponibilidade e colaboração que sempre demonstrou na realização deste Relatório, aspetos indispensáveis para que este se concretizasse.

Não podia deixar de agradecer aos que me são mais próximos, ou seja, à minha família, nomeadamente aos meus Pais e à minha irmã, pelo apoio e ajuda que sempre me disponibilizaram e, particularmente, ao meu marido, pela sua paciência, compreensão e total apoio prestado durante estes últimos cinco anos.

Por fim e não menos importante, gostaria de agradecer à minha filha, que apesar de tão pequena, pôde sentir a falta das horas de carinho e atenção que não lhe dispensei para fazer este relatório.

ÍNDICE GERAL

	pág.
Índice de Figuras	XIV
Índice de Quadros	XV
Introdução	1
1. Identificação do local, do período e do grupo de estágio	3
2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional	6
3. Importância do Estágio Profissional e da elaboração do Relatório	7
4. Metodologia utilizada	9
5. Cronograma	10
Capítulo 1 – Relatos Diários	13
1. 1.º Momento de Estágio (4.º Ano B)	15
1.1 Caracterização da turma	15
1.2 Espaço, rotinas e horário	15
1.3 Relatos Diários	18
2. 2.º Momento de Estágio (3.º Ano A)	43
2.1 Caracterização da turma	43
2.2 Espaço e horário	43
2.3 Relatos Diários	44
3. 3.º Momento de Estágio (Estágio Intensivo)	65
3.1 Caracterização da turma	65
3.2 Espaço e horário	65

	pág.
3.3 Relatos Diários	66
4. 4.º Momento de Estágio (2.º Ano B)	72
4.1 Caraterização da turma	72
4.2 Espaço e horário	72
4.3 Relatos Diários	74
5. 5.º Momento de Estágio (1.º Ano B)	91
5.1 Caraterização da turma	91
5.2 Espaço e horário	91
5.3 Relatos Diários	92
Capítulo 2 – Planificações	113
1. Fundamentação Teórica	115
2. Planificações Fundamentadas	117
2.1 Língua Portuguesa	117
2.2 Matemática	121
2.3 Estudo do Meio	123
Capítulo 3 – Avaliações	127
1. Fundamentação Teórica	129
2. Dispositivos de Avaliação de Língua Portuguesa	133
2.1 Descrição de parâmetros, critérios e cotações	133
2.2 Grelha de avaliação da atividade	135
2.3 Apresentação dos resultados em gráfico e análise	137
3. Dispositivos de Avaliação de Matemática	138
3.1 Descrição de parâmetros, critérios e cotações	138

	pág.	
3.2	Grelha de avaliação da atividade	139
3.3	Apresentação dos resultados em gráfico e análise	141
4.	Dispositivos de Avaliação de Estudo do Meio	142
4.1	Descrição de parâmetros, critérios e cotações	142
4.2	Grelha de avaliação da atividade	143
4.3	Apresentação dos resultados em gráfico e análise	145
Reflexão Final		147
Referências Bibliográficas		153
Anexos		163
Anexo 1	Proposta de Trabalho para Língua Portuguesa – 2.º ano B (19 de março de 2012)	165
Anexo 2	Proposta de Trabalho para Matemática – 2.º ano B (19 de março de 2012)	169
Anexo 3	Protocolo Experimental para Estudo do Meio – 1.º ano B (12 de junho de 2012)	173
Anexo 4	Registo de Observação da Experiência de Estudo do Meio – 1.º ano B (12 de junho de 2012)	177
Anexo 5	Proposta de Trabalho para Estudo do Meio – 1.º ano B (15 de junho de 2012)	181

ÍNDICE DE FIGURAS

	pág.	
Figura 1	Jardim-Escola João de Deus - Estrela	4
Figura 2	Jardim-Escola João de Deus – Castelo Branco	5
Figura 3	Aspeto da sala do 4.º ano B	16
Figura 4	Aspeto da roda	16
Figura 5	Horário do 4.º ano B	18
Figura 6	Aspeto da sala do 3.º ano A	43
Figura 7	Horário 3.º ano A	44
Figura 8	Aspeto da sala do 2.º ano do Jardim – Escola João de Deus de Castelo Branco	66
Figura 9	Aspeto da sala do 2.º ano B	73
Figura 10	Horário do 2.º ano B	73
Figura 11	Aspeto da sala do 1.º ano B	91
Figura 12	Horário do 1.º ano B	92
Figura 13	<i>Receita do gelado e envelope com cartões/ ingredientes</i>	108
Figura 14	<i>Combinações com “gelados</i>	109
Figura 15	<i>Jogo “Estafeta de gelados”</i>	109
Figura 16	Gráfico de resultados (Língua Portuguesa)	137
Figura 17	Gráfico de resultados (Matemática)	141
Figura 18	Gráfico de resultados (Estudo do Meio)	145

ÍNDICE DE QUADROS

		pág.
Quadro 1	Cronograma de Estágio	11
Quadro 2	Exemplo de uma Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem	117
Quadro 3	Plano de Aula de Língua Portuguesa (2.º Ano B)	118
Quadro 4	Plano de Aula de Matemática (2.º Ano B)	121
Quadro 5	Plano de Aula de Estudo do Meio (2.º Ano B)	123
Quadro 6	Escala de Avaliação utilizada	133
Quadro 7	Grelha de Critérios e Cotações (Língua Portuguesa)	135
Quadro 8	Grelha de Correção (Língua Portuguesa)	136
Quadro 9	Grelha de Critérios e Cotações (Matemática)	139
Quadro 10	Grelha de Correção (Matemática)	140
Quadro 11	Grelha de Critérios e Cotações (Estudo do Meio)	143
Quadro 12	Grelha de Correção (Estudo do Meio)	144

INTRODUÇÃO

O presente Relatório foi realizado no âmbito do Estágio Profissional I e II. Trata-se de um trabalho elaborado com base na observação de aulas e na experimentação didática; os materiais obtidos (como, por exemplo, horários, dados sobre as turmas, fichas, etc.) foram submetidos a uma análise documental.

O meu Estágio Profissional I e II teve início em setembro de 2011 e terminou em julho de 2012. Foram supervisoras da Prática Pedagógica as Professoras Doutoras Filomena Caldeira, Isabel Ruivo, Paula Colares Pereira dos Reis, Teresa Botelho e a Dr.^a Ana Maria Virtuoso.

1. Identificação do local, do período e do grupo de estágio

Este estágio decorreu a no Jardim-Escola João de Deus da Estrela e no Jardim-Escola João de Deus de Castelo Branco, que estão integrados na Associação de Jardins-Escola João de Deus, com valências em Pré-Escolar e 1.º Ciclo, no caso do primeiro, e com estas mesmas valências e a de Creche, no caso do segundo.

A Associação de Jardins-Escola João de Deus é a atual designação para a Associação de Escolas Móveis pelo Método João de Deus, criada em 1882 por Casimiro Freire, que, em 1908, viria a denominar-se Associação de Escolas Móveis pelo Método João de Deus, Bibliotecas Ambulantes e Jardins-Escolas; anos mais tarde, em 1914, com João de Deus Ramos (filho do poeta João de Deus), a nova designação foi a de Associação de Escolas Móveis e Jardins-Escolas João de Deus (Gomes, 1977, pp. 41-55). Atualmente, a Associação tem 40 Jardins-Escola, cinco Centros Infantis, duas Ludotecas, dois Museus e a Escola Superior de Educação João de Deus.

Nos Jardins-Escola João de Deus as crianças usam bibes de diferentes cores consoante as idades. No ciclo correspondente ao 1.º Ciclo do Ensino Básico, 1.º, 2.º, 3.º e 4.ºs anos, as crianças usam, respetivamente, Bibe Castanho, Bibe Verde, Bibe Azul Claro e Bibe Azul Escuro. Saliente-se que, nesta Associação, as crianças aprendem a ler ainda no ciclo correspondente ao Pré-Escolar, nomeadamente aos 5 anos (o designado Bibe Azul). Este dado é fundamental para se entender que, em

consequência, nos Jardins-Escola João de Deus, as matérias escolares são adiantadas um ano em relação ao Ensino oficial.

O estágio no Jardim-Escola João de Deus da Estrela foi dividido em quatro momentos: de 27 de setembro a 25 de novembro de 2011, no 4.º Ano B; de 28 de novembro de 2011 a 10 de fevereiro de 2012, no 3.º Ano A; de 5 de março a 27 de abril, no 2.º Ano B; de 30 de abril a 22 de junho, no 1.º Ano b. Decorreu à 2ª, 4ª e 6ª feiras, entre as 9 e as 13 horas. O estágio teve como professoras as seguintes: Rita Augusto, Joana Moreira, Vânia Oliveira e Paula Toscano, professoras titulares do 4.º Ano, 3.º Ano, 2.º Ano e 1.º Ano, respetivamente.

De 27 de fevereiro a 2 de março, ou seja durante 5 dias (de segunda-feira a sexta-feira) entre as 9h e as 17h, fiz o Seminário de Contato com a Realidade Educativa no Jardim-Escola de Castelo Branco, junto da turma do 2.º ano, lecionada pela professora Ana Cristina Filipe.

O Jardim-Escola da Estrela situa-se na Avenida Álvares Cabral, junto ao Jardim Guerra Junqueiro (Jardim da Estrela), perto da Basílica da Estrela. Trata-se de uma zona central da cidade de Lisboa, servida por numerosos transportes (autocarro, metro, elétrico). O Jardim-Escola, que confina com o Museu Biobibliográfico e com a Escola Superior de Educação, tem dois edifícios: o principal foi construído em 1915; o outro data de 1975.



Figura 1 – *Jardim-Escola João de Deus - Estrela*

O edifício principal tem um salão amplo, quatro salas de aula, uma biblioteca, um ginásio, a secretaria, casas de banho, um refeitório e uma cozinha. O segundo edifício tem oito salas de aula e casas de banho. No espaço exterior há duas zonas de recreio, havendo numa delas equipamento de lazer (escorrega/ túneis), onde os alunos podem brincar.

O Jardim-Escola João de Deus da Estrela tinha, no ano letivo de 2011/ 2012, 385 alunos do 1.º Ciclo, distribuídos por 8 turmas por cada ano de escolaridade (turmas A e B). Para além de 8 professoras destas turmas, estes alunos têm ainda atividades de música, expressão artística, educação física, inglês com outros professores. Frequentam ainda o Clube de Ciência.

Castelo Branco é sede de concelho e de distrito; os serviços e indústria são as atividades com maior relevo. O Jardim-Escola de Castelo Branco abriu ao público em setembro de 1934, mas a sua inauguração oficial só veio a acontecer em maio de 1936; foi construído pela Junta Geral do Distrito, como complemento do Dispensário de Puericultura Dr. Alfredo da Mota. Situa-se na rua do Muro, n.º 2, junto à parte antiga da cidade, conhecida por «zona do castelo», a norte da cidade, a poucos metros do Museu Francisco Tavares Proença Júnior, do Convento da Graça e da Santa Casa da Misericórdia. Por estar localizado num meio urbano, a maioria da população escolar deste Jardim-Escola é oriunda da própria cidade ou de várias aldeias e vilas próximas.



Figura 2 – Jardim-Escola João de Deus – Castelo Branco

Este Jardim-Escola tem dois edifícios: o principal foi construído em 1934 e o outro em 1991, quando foi inaugurada a escola do 1.º Ciclo pelos Encarregados de Educação dos alunos desta valência; a instituição tinha algumas dificuldades monetárias e por isso toda a comunidade educativa participou ativamente.

Duas das turmas do 1.º Ciclo (2.º e 3.º anos) funcionam no edifício mais recente, que tem 2 salas de aula e casa de banho. As turmas de 1.º e 4.º anos funcionam no edifício principal. Dos espaços interiores fazem parte o ginásio, 10 salas de aula, quatro arrecadações e uma lavandaria, catorze instalações sanitárias (3 para a creche e pré-escolar, 4 para o 1.º Ciclo, 3 para o pessoal docente, 2 para o pessoal não docente e 2 para deficientes motores), uma biblioteca com cerca de 2000 livros, uma sala de isolamento/ gabinete médico/ sala de docentes e apoio, secretaria/ sala de direção, sala de informática, arquivo, salão polivalente, cozinha, dois refeitórios e um vestiário. O espaço exterior é muito grande, pois situa-se numa quinta. Há ainda 4 zonas de recreio descobertas e um recreio coberto, havendo numa delas equipamento de lazer (escorrega/ túneis), onde os alunos podem brincar.

O meu grupo de estágio foi composto por duas pessoas: eu e a minha colega Catarina L., ambas alunas da turma de Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional

Este Relatório inclui, para além da presente Introdução e da Reflexão Final (onde esclareço os objetivos que foram alcançados, bem como as limitações deste Relatório), três capítulos.

No capítulo 1 (Relatos Diários), após caracterizar o local, a turma, respetivos horário e rotinas, estão registadas as práticas observadas e é feita uma análise reflexiva sobre as últimas. No capítulo 2 (Planificações), são apresentados o planeamento de três aulas dadas por mim, ao longo do ano, no âmbito das três áreas curriculares (Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio) e as respetivas fundamentações científicas e as fichas de apoio utilizadas. Por último, no capítulo 3 (Dispositivos de Avaliação), apresento dispositivos de avaliação referentes àquelas

três áreas curriculares, fazendo uma reflexão sobre os mecanismos que utilizei e sobre os resultados atingidos pelos alunos.

3. Importância do Estágio Profissional e da elaboração do Relatório

Este relatório de estágio assume extrema importância na minha formação não só porque permite a conclusão do Mestrado em Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, grau académico que habilita para a docência, mas também porque para a sua realização, tive que rever muitos conhecimentos curriculares adquiridos ao longo da licenciatura, os quais, em muitas ocasiões, tive que transformar e adequar em conhecimentos práticos, do quotidiano.

Importa ainda referir que este relatório representa a reflexão teórica sobre a prática pedagógica realizada ao longo deste último ano de formação. Segundo Alegria *et al.* (2001), este ano de formação reveste-se:

(...) de importância fundamental, por proporcionar aos estagiários condições para exercer numa escola, em contexto real, as funções de professor, as quais são acompanhadas de perto pelos orientadores locais, isto é, professores da Escola onde se realiza o estágio todos eles supervisionados por docentes das Universidades (chamados quer orientadores, quer coordenadores ou supervisores, já que estas designações têm a ver com o uso e não com a legislação). (p. 55)

A prática pedagógica constitui um dos momentos mais marcantes na formação inicial de professores, pois, de acordo com alguns investigadores, para além da dimensão académica, o êxito da formação de professores está dependente dela. Para Alarcão, Freitas, Ponte, Alarcão e Tavares (1997), este tipo de formação:

(...) tem de integrar uma componente prática e reflexiva. Só esta componente permite o reconhecimento dos principais caminhos a percorrer no contacto com o terreno da prática profissional e facultar experiências de formação que estimulam a mobilização e a integração dos conhecimentos e problemáticas por parte dos formandos e proporcionam o desenvolvimento da sua capacidade de compreensão do real através da observação e da intervenção. (p. 8)

Nesse sentido, a prática pedagógica que o aluno desenvolve nas instituições escolares, em contacto direto com os alunos, observando profissionais em ação, constitui «o momento, por excelência, da integração de saberes e a ponte entre dois mundos que, no seu conjunto e nas suas interrelações, constituem o seu

enquadramento formativo institucional: o mundo da escola e o mundo da instituição de formação inicial» (Alarcão *et al.*, 1997, p. 8).

Assim, a articulação da teoria e da prática profissional é fundamental no processo de formação de um futuro docente. Este, orientado pelos supervisores da prática pedagógica e ao ter possibilidade de assistir às aulas dadas pelos professores cooperantes, pode, finalmente, confrontar o que assimilou das teorias (que lhe foram expostas e que estudou ao longo da licenciatura) com o que observa na prática letiva. Segundo Canário (2001), tal articulação traduz:

(...) uma dinâmica formativa tributária de uma concepção de alternância. Nesta perspectiva a prática profissional ganhará em ser entendida como uma tripla e interactiva situação de formação que envolve de forma simultânea os alunos (futuros professores), os profissionais no terreno (professores cooperantes) e os professores da escola de formação. (p. 31)

No nosso estágio, as supervisoras da Prática Pedagógica são professoras mais experientes que desempenham o papel de «facilitador de aprendizagens que contribui para o desenvolvimento profissional e pessoal dos formandos, através de implementação de estratégias supervisivas promotoras de reflexão e espírito crítico nos seus formandos» (Formosinho, 2005, p. 32). A professora cooperante é responsável pela orientação da prática pedagógica dentro da sala de aula e, por isso, «a sua acção situa-se ao nível da formação em contexto» (Neves, 2008, p. 79).

O estágio profissional fomenta a reflexão crítica sobre a prática. Segundo Zeichner (1993), os futuros professores devem ser ajudados pelos seus supervisores a desenvolver capacidades de reflexão sobre a sua prática no sentido de a melhorarem. Para que haja ação reflexiva, este autor retoma o pensamento de Dewey e define três atitudes necessárias: abertura de espírito, responsabilidade e empenhamento.

É através da reflexão que faz sobre a sua prática que o professor/ estagiário encontra outras formas e outras possibilidades que pode experimentar e, assim, encontrar alternativas para melhorar o processo ensino-aprendizagem bem como o seu próprio desenvolvimento pessoal e profissional, pois, tal como afirma Freire (1997, p. 22), «Na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática». Por isso, na formação de professores é essencial que haja uma articulação entre a teoria e a prática, pois é nas situações reais que nos é permitido aprender fazendo. A prática deverá ser reflexiva, por conduzir à (re)construção dos saberes, por atenuar a separação entre teoria e a prática. A teoria sustenta a prática e a prática questiona a teoria.

4. Metodologia utilizada

A investigação qualitativa caracteriza-se por ser um tipo de investigação que fornece informação acerca do ensino e da aprendizagem que de outra forma não se pode obter. Os investigadores qualitativos «frequentam os locais de estudo porque se preocupam com o contexto. Entendem que as ações podem ser melhor compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência». (Bogdan e Biklen, 1994, p. 48). Dentro deste tipo de investigação qualitativa há a considerar a observação direta.

Para a realização deste relatório a técnica de recolha de dados utilizada foi a observação direta. De acordo com Quivy e Campenhoudt (2003, p. 155), a observação «engloba o conjunto de operações através das quais o modelo de análise (constituído por hipóteses e por conceitos) é submetido ao teste dos factos e confrontado com dados observáveis. Ao longo desta fase são reunidas numerosas informações».

A observação direta é aquela em que «o próprio investigador precede directamente à recolha das informações (...) apela directamente ao seu sentido de observação» (Quivy e Campenhoudt, 2003, p. 164). Tal como aconselhado por Deshaies (1997), o investigador tem de ir registando os dados observados, factos, gestos, acontecimentos, comportamentos, opiniões, ações, realidades físicas, ou seja, tudo o que aconteça num dado momento, numa dada situação. Ao longo do meu estágio, fui procurando cumprir estas diretivas. Na observação direta, o próprio investigador procede directamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Os sujeitos observados não intervêm na produção da informação procurada. Esta é manifesta e recolhida directamente neles pelo observador (Quivy e Campenhoudt, 2003, p. 164).

Sobre a análise documental há que referir que esta serve para complementar a informação obtida por outros métodos, ou seja, encontrando nos documentos informações úteis para o objeto em estudo. A análise documental é o método de pesquisa central, ou mesmo exclusivo, de um projeto e, neste caso, os documentos são o alvo do estudo por si próprios. Importa ainda referir que a análise dos documentos pode ser constituída por duas etapas: uma primeira, onde se efetua a recolha de documentos e uma segunda, de análise, como seja a análise de conteúdo. De acordo com Flores (1994), os documentos são fontes de dados brutos para o investigador e a sua análise implica um conjunto de transformações, operações e verificações realizadas a partir dos mesmos com a finalidade de se lhes ser atribuído um significado relevante em relação a um problema de investigação.

Metodologicamente, este relatório foi preparado de acordo com as normas da American Psychological Association (APA) e Azevedo (2000).

5. Cronograma

No cronograma a seguir apresento, de forma sintética, todo o meu percurso durante o Estágio Profissional I e II, nomeadamente, os dias de estágio, o tempo gasto com reuniões (quer de Prática Pedagógica, quer de acompanhamento com a Orientadora), na pesquisa e estudo de suportes teóricos, na elaboração do relatório.

Ocupei um total de 669 horas, assim distribuídas: 348 horas para aulas observadas (acrescendo a estas observações 1 hora para aula programada assistida pelas Supervisoras da Prática Pedagógica; 40 minutos para aulas surpresa, 1 hora e 15 minutos para a Prova Prática de Aptidão para a Capacidade Profissional e 14 horas para reuniões de Prática Pedagógica); 35 horas no Estágio Intensivo; 120 horas para pesquisas bibliográficas; 30 horas para reuniões de acompanhamento com a Orientadora e 136 horas para a elaboração do Relatório de Estágio.

CAPÍTULO 1. RELATOS DIÁRIOS

1. 1.º Momento de estágio (4.º ano B)

Este 1.º Momento de Estágio decorreu entre dia 27 de setembro de 2011 e o dia 25 de novembro de 2011, no Jardim-Escola João de Deus da Estrela. Foi efetuado na sala do 4.º Ano (o designado Bibe Azul Escuro), turma B, com a professora cooperante Rita Augusto. Os alunos desta turma encontram-se na faixa etária entre os 9 e os 10 anos de idade.

1.1. Caracterização da turma

A turma do 4.º ano B é constituída por 26 alunos, 15 elementos do sexo feminino e 11 elementos do sexo masculino.

Segundo informação oral dada pela professora cooperante, a turma é interessada no ambiente que a rodeia, mostrando-se participativa e empenhada no decorrer das aulas. Porém, alguns alunos distraem-se com facilidade no decorrer das aulas, atrasando-se por vezes nos trabalhos propostos.

Na área da Matemática, os alunos revelam dificuldades na resolução de situações problemáticas não rotineiras, nos algoritmos da divisão e multiplicação, pois ainda não memorizaram a tabuada. Revelam ainda algumas dificuldades na leitura de números e na numeração romana. Na área da Língua Portuguesa apresentam dificuldades na produção de textos, na conjugação de verbos e ainda dão muitos erros ortográficos. Quatro dos alunos apresentam algumas dificuldades de aprendizagem, continuando a frequentar o apoio individualizado já ministrado no ano anterior. Não nos foram cedidos mais dados sobre o nível de integração dos alunos, referentes a outras áreas curriculares.

1.2. Espaço, rotinas e horário

A sala do 4.º B está situada no 1.º piso, em frente à biblioteca. Tem vinte e seis mesas individuais, um quadro interativo e um quadro verde (para uso de giz). A sala tem um lavatório, ao lado deste quadro, e painéis nas paredes onde a professora expõe os trabalhos dos alunos nas áreas da Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio. Duas das paredes da sala têm janelas grandes.



Figura 3 – *Aspetto da sala do 4.º B*

Esta turma, tal como as demais três turmas do Ensino Básico que acompanhei durante o Estágio Profissional, no ano letivo de 2011/ 2012, partilha com os demais alunos do Jardim Escola João de Deus rotinas comuns.

Das 9:00h às 9:30h, todos os alunos do Jardim-Escola João de Deus da Estrela se reúnem no salão ou no recreio, de acordo com as condições climáticas. Nestes espaços é feita uma roda com todos os alunos e as respetivas educadoras e professoras. A roda é organizada do seguinte modo: no centro estão as crianças de 3 anos (Bibe Amarelo) com as respetivas educadoras, logo a seguir estão as crianças de 4 anos (Bibe Encarnado) e assim sucessivamente: as crianças de 5, 6, 7, 8 e, em último lugar da roda, os alunos de 9 anos (respetivamente, o Bibe Azul, o Bibe Castanho, o Bibe Verde, o Bibe Azul Claro e o Bibe Azul Escuro).



Figura 4 – *Aspetto da roda*

acolhimento é feito todos os dias da mesma forma. Apenas as músicas são alteradas. Para Hohmann e Weikart (1997):

(...) o acolhimento permite a interação entre os vários grupos de crianças, de diferentes idades, na medida em que, na mesma roda, se juntam todas as crianças (...) As experiências do tempo em grupo grande, como o cantar em conjunto, levam à construção de um sentido de “nós” e “nosso”. (p. 405)

Estes autores referem ainda que «o tempo em grande grupo é importante porque dá às crianças um reportório de experiências comuns; constrói um sentido comunitário; encoraja a pertença ao grupo e a liderança» (p. 409). Este ambiente lúdico, alegre e acolhedor faz com que as crianças se sintam bem naquele que é o espaço onde passam grande parte do seu dia.


A meio da manhã, por volta das 11 horas, os alunos fazem um intervalo que acontece no pátio exterior ou dentro da própria sala, também de acordo com as condições climáticas. É normalmente neste momento que os alunos fazem o recreio da manhã, durante o qual comem bolachas ou pão.

O recreio da manhã é um dos momentos mais importantes na vida diária dos alunos em ambiente escolar. Esta pausa é essencial para a continuação de um bom desempenho e de uma boa aprendizagem, pois, «se o momento anterior for “académico” impõem-se agora um de brincadeira pura» (Cordeiro, 2010, p. 372). É no recreio ao ar livre que as crianças se podem mover livremente, brincar, correr, saltar e fazer barulho, visto que «o tempo do exterior possibilita às crianças expressarem-se através das maneiras, que geralmente não lhes são acessíveis nas brincadeiras de interior. Asseguram também que ao ar livre as crianças envolvem-se em atividades lúdicas vigorosas e barulhentas» (Hohmann e Weikart, 1997, p. 432). O recreio a meio da manhã constitui de facto, um momento de relaxamento importante para as crianças; ao regressarem à sala de aula, retomam as suas atividades de forma mais produtiva.

Para além deste intervalo, os alunos do Jardim-Escola têm, naturalmente, ainda alguns momentos ao longo do dia reservados à higiene e às refeições.

O horário do 4.º B é o que se indica na figura 5.

PROJETO CURRICULAR DE ESCOLA
ORGANIZAÇÃO DO TEMPO LETIVO 2011/2012
PROFESSORA RITA AUGUSTO



Horário 4º Ano B

4º Ano B	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9.00-9.50 10.00-10.50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
11.00... 11.30	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO
11.30-12.10 12.10-13.00	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
13.00-14.30	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO
14.30-15.20	Hora do Conto 14.30/14.55	Estudo do Meio	Educação Musical	Educação Física	Estudo do Meio
15.20-16.10	Expressão Artística	História	Estudo do Meio	Formação Pessoal e Social	
16.10-17.00	Inglês	Estudo do Meio (Clube de Ciências)	Formação Pessoal e Social	Biblioteca/Informática 16.00-17.00	História
17.00	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE
17.15	SAIDA	SAIDA	SAIDA	SAIDA	SAIDA

(Horário sujeito a alterações)

Figura 5 – Horário do 4.º B

1.3. Relatos Diários

27 de setembro de 2011

Neste primeiro dia de estágio, todas nós, alunas estagiárias, fomos acolhidas no Jardim-Escola João de Deus – Estrela pela Diretora, Dr.^a Ana Maria Virtuoso, que nos informou acerca das datas e dos grupos de estágio, nos deu indicação das turmas em que iríamos realizar estágio, apresentando-nos às nossas colegas de estágio. Em seguida, organizou uma visita pelas salas do Jardim-Escola e cada grupo ficou na sua sala. Ao chegar à turma do 4.º ano B, a professora Rita Augusto pediu aos alunos que se apresentassem individualmente e depois fomos nós a apresentar-nos.

Feitas as apresentações, os alunos prosseguiram com a atividade que desenvolviam em Língua Portuguesa. Esta consistia na correção de um T.P.C. em que os alunos haviam feito a correção de erros ortográficos. Em seguida, escreveram as lições e sumários no dossiê e iniciaram um ditado de palavras no quadro (escreveram a palavra no quadro e sempre que a palavra continha erros era feita a sua correção). Na aula de Matemática, os alunos fizeram revisão de leitura de números.

Fundamentação teórica/ Inferências

A prática pedagógica é o momento onde o formando terá a oportunidade de vivenciar os conhecimentos adquiridos ao longo da licenciatura. É esperado que o aluno reflita sobre as atividades docentes e se aperceba das diversíssimas ocorrências que surgem em situação de ensino. Na verdade, e como defende Nóvoa (1992):

A formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante investir a pessoa e dar um estatuto ao saber da experiência. (p. 25)

Formosinho (2001, p. 58) define o professor (ou a professora) cooperante como «aquele[a] professor[a] do terreno que recebe os alunos de formação inicial nas suas salas e os acompanha e orienta nas actividades de iniciação ao mundo da profissão docente». Segundo Mintzberg (citado em Alarcão, 2003, p. 45), a professora deverá ser «responsável, experiencial, acolhedora, empática, serena e envolvente de quem vê o que se passou antes, o que se passa durante e o que se passará depois».

Neste primeiro dia de estágio, ao ser recebida pela diretora, senti-me bem acolhida. O facto de a professora cooperante ter tido o cuidado de pôr as crianças a apresentarem-se-nos e nós, estagiárias, a elas criou um clima agradável.

30 de setembro de 2011

Os alunos iniciaram o dia com a realização de um exercício caligráfico. Fizeram cópia de um texto do manual escolar (*Girolé – 4.º ano*) e treino do alfabeto. Posteriormente, a professora distribuiu a cada aluno uma imagem (recortada de vários jornais e revistas), para que, a partir das mesmas, construíssem um texto narrativo, obedecendo às regras de o compor com uma introdução, desenvolvimento e conclusão. Esta atividade de expressão escrita teve a duração de 40 minutos.

Na aula de Matemática, os alunos preencheram uma ficha sobre medidas de comprimento, cujo objetivo era fazer escrita e leitura de números – leitura por ordens, leitura por classes e leitura de um número como se fosse inteiro (neste último caso, tinham que referir sempre a unidade em questão, por exemplo, 583 dm). Tinham ainda de colocar, por ordem crescente, essas medidas.

Enquanto os alunos preenchem a ficha, eu e a minha colega de estágio, decidimos com a professora os temas e datas para as aulas programadas.

Fundamentação teórica/ Inferências

É obrigação da escola preparar os alunos do 1º ciclo para que, ao longo dos 4 anos, desenvolvam competências ao nível da língua materna que lhes permitam «a aprendizagem das técnicas e das estratégias básicas da escrita» (Sim-Sim, Duarte e Ferraz, 1997, p. 30); para estas autoras, dada a importância da língua escrita na aprendizagem das outras áreas curriculares «a escola deve igualmente ensinar a usar a expressão escrita como instrumento de apropriação e transmissão do conhecimento» (p. 30).

De acordo com os *Programas de Português do Ensino Básico*, é fundamental que os alunos, ao longo destes 4 anos, possam exercitar a escrita «através da redacção de textos que possibilitem, ora a realização de actividades reguladas por modelos, ora a escrita pessoal e criativa» (Ministério da Educação, 2009, p. 23). Este tipo de actividades de escrita, lê-se no mesmo *Programa*, permite-lhes que «vivam situações diversificadas, aprendendo a produzir diferentes tipos de texto. As situações de escrita deverão ser o mais significativas possível para que as crianças interiorizem as diferentes funcionalidades da escrita e se apropriem dos diferentes tipos de texto» (p. 71).

Assim sendo, no que se refere aos objetivos da escrita, a atividade desenvolvida foi ao encontro do estipulado nos Programas do Ministério.

3 de outubro de 2011

Os alunos começaram por partilhar com a turma o que fizeram durante o fim de semana. Depois, no âmbito da Matemática, realizaram algumas situações problemáticas não rotineiras, que foram corrigidas no quadro por mim e pela minha colega de estágio.

A professora deu indicação aos alunos para que colassem numa folha a imagem da atividade de expressão escrita realizada na sexta-feira anterior, passassem a limpo a narrativa que fizeram, lembrando que deveriam respeitar as margens.

Regressados do recreio, fizeram com a professora a correção do T.P.C. de Matemática, que consistia na resolução de situações problemáticas.

Fundamentação teórica/ Inferências

A oralidade, especificamente a Expressão oral, é um dos domínios contemplados nos *Programas de Português do Ensino Básico*. O tempo dedicado na sala de aula ao trabalho da oralidade deve proporcionar aos alunos a realização de atividades que lhes permitam treinar a comunicação oral. Os alunos do 3.º e 4.º ano devem «produzir breves discursos orais em português padrão, recorrendo a vocabulário adequado e a estruturas gramaticais com algum grau de complexidade». (Ministério da Educação, 2009, p. 26); nesse sentido, compete ao professor criar situações que permitam aos alunos que se expressem «de modo mais fluente e ajustado às situações (p. ex.: relatando acontecimentos, retendo a informação relevante, formulando perguntas e respostas, etc.)» (p. 22).

Existem múltiplas atividades de comunicação oral que podem ser propostas aos alunos, porém, «são raros os momentos em que o trabalho sobre o oral na escola é intencional e se constitui como um fim em si mesmo» (Pinto, 2010, p. 15). Refere ainda este autor que pedir a um aluno que fale do seu fim de semana implica «um trabalho prévio que o ensine a organizar e a seleccionar o que vai dizer» (p. 25).

Pedir às crianças que falem sobre o seu quotidiano, como sucedeu na aula a que assisti, enquadra-se, portanto, nos objetivos do *Programa do Português do 1.º Ciclo* no âmbito da Expressão Oral. Neste caso concreto, a professora pegou nas vivências dos alunos, desenvolvendo com eles algumas competências orais.

4 de outubro de 2011

A aula de Matemática iniciou-se com a resolução de exercícios de cálculo mental. A professora recorreu ao quadro interativo para fazer um jogo de lançamento de dados. Os alunos, de forma rápida, tinham que somar os valores obtidos dos dados. Realizaram também uma ficha sobre perímetros.

Na aula de Língua Portuguesa, os alunos fizeram a leitura em voz alta de um excerto de um poema do livro *Ler, doce ler*, de José Jorge Letria. Posteriormente,

realizaram uma ficha sobre a acentuação de palavras e sobre a sua classificação quanto ao número de sílabas.

Fundamentação teórica/ Inferências

Durante a leitura do texto de José Jorge Letria lido pelos alunos, foi visível que as crianças estavam entusiasmadas com o que faziam. O *Programa de Português do Ensino Básico* refere que os alunos do 4.º ano devem «ler em voz alta para diferentes públicos» (Ministério da Educação, 2009, p. 39). Embora a leitura fosse visivelmente feita para os colegas, a assistir a ela estávamos nós, estagiárias, e a professora da turma. Excetuando uma aluna que lia muito bem, com prosódia, a leitura dos demais alunos era menos fluente.

Tratando-se de um livro de poesia, e sem descurar o treino da leitura – trabalho esse indispensável no 1.º ciclo, a aula a que assisti fez-me pensar sobre a necessidade de o professor, a par daquele trabalho (leitura em voz alta feita pelos alunos), não desaproveitar textos literários para ler às crianças, tornando-se, por um lado, modelo de leitura e, por outro, valorizando o texto lido.

Uma leitura modelar, em voz alta, de textos literários é uma forma de valorização do texto, pois esta oferece «uma mediação que valoriza imensamente o texto junto dos receptores» (Veloso, 2005, p. 5). De acordo com este mesmo autor:

(...) a palavra passa a ter uma existência física aérea, tocando-nos com a sua sonoridade, deslumbrando-nos com a beleza que o significante oferece; outras vezes é a frase na sua integridade ou a sequência de versos que nos dão a harmonia rítmica à qual os nossos ouvidos são sensíveis. (p. 5)

Na sala de aula, as crianças gostam de ler em voz alta para os colegas e professor, e muitas das vezes concorrem entre si para o fazerem, como aconteceu na aula a que hoje assisti. Porém, como refere Veloso (2005):

(...) esse exercício acentua as dificuldades de cada um; por isso, pais e professores deveriam estimular estes jovens leitores, mostrando-lhes que o treino, a percepção dos elementos prosódicos e prévias leituras silenciosas conducentes à interpretação do texto e sua posse plena são meios para atingir a excelência. (p. 5)

Registe-se, por último, que, como afirmado por Jean (2000, p. 102), «a leitura em voz alta só tem sentido se for assumida por aquilo que é; uma arte de ler de outra forma, e, acessoriamente, uma maneira de verificar as cadências semânticas do significante escritural». Por isso, a leitura em voz alta deverá refletir um ato de

aprendizagem em que o aluno leitor deverá compreender, refletir, raciocinar e concentrar-se no texto, para que os colegas compreendam o que está ser lido.

7 de outubro de 2011

A aula iniciou-se com a professora a fazer perguntas sobre a tabuada, noções matemáticas sobre o dobro, a terça-parte.

Seguidamente, os alunos receberam um texto sem sinais de pontuação, que leram em voz baixa, para, depois, por indicação da professora, procurarem pontuar, usando apenas a vírgula, o ponto final, os dois pontos, e assinalarem os parágrafos.

Após o recreio, os alunos foram chamados individualmente, para fazerem a correção de exercícios de Matemática e esclarecerem algumas dúvidas.

Fundamentação teórica/ Inferências

O *Programa de Português* para o 3º e 4.º ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico é claro ao estipular que os alunos deverão «produzir textos coerentes e coesos em português padrão, com tema de abertura e fecho congruente, com uma demarcação clara de parágrafos e períodos e com uso correcto da ortografia e da pontuação» (Ministério da Educação, 2009, p. 77). Os alunos devem não só exercitar aprendizagens anteriores no âmbito da redação, como aprender a «redigir textos (de acordo com o plano previamente elaborado); respeitando as convenções (orto)gráficas e de pontuação; utilizando os mecanismos de coesão e coerência adequados» (p. 44).

Ao receberem da professora um texto sem sinais de pontuação e ao ser-lhes solicitado o uso do parágrafo, do ponto final, da vírgula e dos dois pontos, os alunos associaram a esses sinais a função respetiva (uma ideia diferente/ um parágrafo, uma frase completa/ um ponto final, destrição entre frases principais e secundárias ou dentro destas complementos/ vírgula e indicação de diálogo/ dois pontos).

10 de outubro de 2011

A professora começou por questionar os alunos sobre qual o livro que estavam a ler de momento. Alguns alunos indicaram qual o título que andavam a ler; outros não

se recordavam do título, mas faziam um pequeno resumo da história; outros ainda diziam não se recordar do título ou da história.

Começaram por falar da capa do livro (título, autor, ilustrador, editora, número da edição, etc.) *A girafa, o pelicano e eu*, de Roald Dahl. Após a exploração destes dados paratextuais, a professora começou a ler em voz alta o texto. À medida que ia lendo, ia fazendo breves pausas para interpretar o texto e detetar sinónimos, enumerações, recurso à adjetivação que indicassem pormenores relativos às personagens. Exploraram também, descrevendo-as, as ilustrações de cada capítulo.

Na aula de Matemática, realizaram um ditado de números e uma ficha sobre leitura e escrita de números decimais. Fizeram transformações de números no âmbito das medidas de massa e ordenaram-nos por ordem crescente. Em seguida, fizeram a correção com a professora.

Fundamentação teórica/ Inferências

Segundo Dacosta (2002, p. 201), «a primeira obrigação de um professor do Ciclo [do Ensino Básico] é despertar o gosto pela língua e a leitura». Por outro lado, e como afirma Veloso (2001, p. 24), «é obrigação da ética profissional estar a par do que se escreve e publica para crianças». Como refere este último autor, num outro local, compete ao professor seleccionar e explorar textos que permitam aos alunos «alargar a sua capacidade interpretativa e apurar a fruição estética de textos literários» (Veloso, 2006, p. 3).

Ao iniciarem a leitura de um livro, os alunos adquirem e desenvolvem competências de leitura que lhes permite relacionar os textos que leem com as suas vivências e conhecimento do mundo. A razão fundamental para leitura do texto literário é, de acordo com os *Programas de Português do Ensino Básico*, «a fruição pessoal»; o texto literário «pode, no entanto, ser objecto de leitura orientada ou constituir-se como pretexto para a realização de actividades que o prolonguem ou o recriem» (Ministério da Educação, 2009, p. 64).

Os alunos devem ser postos em contacto com textos de autores portugueses e também estrangeiros – como foi o caso do título *A girafa, o pelicano e eu*, de Roald Dahl, a fim de poderem alargar as suas referências culturais. Foi, por isso, gratificante poder assistir a esta aula. Foi também com agrado que vi a professora a conduzir a leitura, fazendo uma leitura modelo e interagindo com as crianças sobre o texto lido.

11 de outubro de 2011

Os alunos começaram por organizar o seu dossiê individual: colocaram separadores e organizaram os trabalhos das várias disciplinas, ordenando-os cronologicamente.

Na aula de Matemática, fizeram um trabalho sobre medidas de massa para efeitos de avaliação de desempenho. A professora esclareceu-nos, a nós estagiárias, que os alunos terão de fazer um total de 17 avaliações.

Na aula de Língua Portuguesa, abriram o manual *Giroflé – 4.º ano* e fizeram a leitura de “O Sol e o Vento” – um texto adaptado de Alsácia Fontes Machado, incluído em *Fábulas de Animais e Outras*. No final, realizaram um exercício ortográfico.

Fundamentação teórica/ Inferências

De acordo com o *Programa de Matemática do Ensino Básico*, o estudo das Medidas desenvolve nos alunos diversas potencialidades que lhes permite fazerem conexões na área da Matemática bem como noutras áreas curriculares: «a Medida é um contexto privilegiado na abordagem dos números racionais na sua representação decimal, permitindo estabelecer múltiplas relações entre esses números em situações com significado para os alunos» (Ministério da Educação, 2007 p. 21). O estudo das medidas justifica-se pela necessidade que delas temos no nosso quotidiano, quando desempenhamos qualquer profissão, para entendermos o desenvolvimento tecnológico e científico. Na verdade, «tanto na vida do dia-a-dia como em muitas profissões, é importante realizar medições e ser capaz de manipular instrumentos de medida» (Abrantes, Serrazina e Oliveira, 1999, p. 75).

Grosso (2004, p. 43) explicita que, para construir o conceito de massa, o professor deve «criar situações que possam ser exploradas pelos aprendizes. As investigações que as crianças fazem das situações propostas, são, regra geral, muito criativas e capazes de as levar, por si próprias, à formação dos conceitos que o professor quiser abordar». É nesse âmbito que os alunos do 1.º ciclo deverão «ser capazes de realizar estimativas e medições, e de relacionar diferentes unidades de medida», bem como «ser capazes resolver problemas, raciocinar e comunicar no âmbito deste tema» (Ministério da Educação, 2007, p. 21), o que vai ao encontro do trabalho de avaliação proposto pela professora.

14 de outubro de 2011

Os alunos começaram por fazer a correção dos T.P.C. Em seguida, calcularam áreas e perímetros, fizeram leitura de números, referindo a unidade de medida utilizada (por exemplo, um metro e cinco decímetros). Relembrou o uso do expoente ($m^2 = m^1 \times m^1$). De forma detalhada, a professora aproveitou para explicar a diferença entre área, perímetro e volume.

Na aula de Língua Portuguesa, a partir do texto que já tinham lido (“O Sol e o Vento”), a professora pediu para sublinharem, a lápis, as palavras que iria indicar. O objetivo era consultarem o dicionário à procura dessas palavras e registarem o significado no caderno. Foi-lhes explicado a forma como deveriam efetuar a pesquisa, através do exemplo da palavra “preguiça”. À medida que foram fazendo a pesquisa, os alunos deparavam-se com vários significados para a mesma palavra e a professora explicou que deveriam adequar as palavras ao contexto, por isso deviam escolher o significado que melhor se adequava à palavra.

Depois do recreio, fez-se a correção da ficha de Matemática no quadro. Esta correção foi orientada pela minha colega de estágio. Enquanto isso, eu fiz um ditado a uma aluna que não o tinha feito no dia anterior.

Fundamentação teórica/ Inferências

Na sala de aula devem existir «materiais diversificados de apoio à aprendizagem da leitura (listas, abecedários, dicionários ilustrados...), facultando actividades de descoberta e localização de informação nesses suportes» (Ministério da Educação, 2009, p. 70). Cada criança do 4.º B tem como material um pequeno dicionário de português (de editoras diferentes). Durante esta aula, ao consultarem o dicionário, os alunos alargaram o seu vocabulário.

Quanto à aula de Matemática, refira-se que, de acordo com o *Programa* (Ministério da Educação, 2007), o propósito do ensino da Geometria e Medida no 1.º Ciclo do Ensino Básico é desenvolver nos alunos:

(...) o sentido espacial, com ênfase na visualização e na compreensão de propriedades de figuras geométricas no plano e no espaço, a noção de grandeza e respectivos processos de medida, bem como a utilização destes conhecimentos e capacidades na resolução de problemas geométricos e de medida em contextos diversos. (p. 20)

No âmbito deste tema, os alunos devem estar aptos a «desenvolver a visualização e ser capazes de representar, descrever e construir figuras no plano e no

espaço e de identificar propriedades que as caracterizam» (Ministério da Educação, 2007, p. 20). O cálculo de áreas e perímetros permite aos alunos a construção do conceito de grandeza, medir e realizar estimativas. Estes devem ter noção da grandeza a medir.

Com exercícios sobre áreas e perímetros e a explicação pormenorizada que a professora deu aos alunos, pretende-se que eles venham a ficar capacitados para identificar e interpretar relações espaciais.

17 de outubro de 2011

Como é hábito neste dia da semana, os alunos iniciaram o dia relatando o seu fim de semana. Depois, fizeram correção do T.P.C. de Matemática no quadro. Foram esclarecidas algumas dúvidas sobre a divisão e multiplicação por 0,1, 0,01 e 0,001.

Em Língua Portuguesa, os alunos fizeram a leitura em silêncio do livro *A girafa, o pelicano e eu*, de Roald Dahl. Feita a leitura, fizeram um resumo de tudo o que tinham lido até ao dia anterior. A professora fez a leitura em voz alta de um novo capítulo. No final da manhã, os alunos realizaram um ditado de palavras com os casos de leitura “pre” e “per”.

Fundamentação teórica/ Inferências

Ao propor à turma do 4º B que fizessem o resumo da leitura do livro, a professora cumpriu o estipulado para este ano de escolaridade, no que concerne ao domínio da Comunicação Oral para o 4.º ano. Especificamente, na *Organização Curricular e Programas para o 1.º Ciclo do Ensino Básico* (Ministério da Educação, 2006) é dito que os alunos devem «participar na elaboração oral de histórias, relatos, resumos» (p. 144). Preconiza-se ainda que os alunos do 4.º ano de escolaridade deverão estar aptos a «resumir textos, sequências ou parágrafos» (p. 53).

Para Viana (2009, p. 38), o resumo (oral ou escrito) é entendido como sendo a «avaliação mais directa dos resultados da interacção entre o leitor e o texto na sua globalidade». Contudo, esta autora alerta para que «o resumo é uma actividade difícil para as crianças do 1.º ciclo, pois implica a capacidade de passar de um processamento a nível micro (palavras, proposições, frases) para um processamento de nível macro» (p. 38). No caso das crianças desta turma não observei dificuldades de maior nesta tarefa.

18 de outubro de 2011

Os alunos fizeram um teste de Matemática. Antes de o iniciarem, a professora explicou as regras e indicou qual o material necessário para a realização do mesmo. Depois leu o enunciado. O teste teve início às 9h45m e terminou às 11h00.

Na aula de Língua Portuguesa, foi-lhes entregue uma ficha com alguns provérbios, que tinham de completar usando vários tempos verbais do modo indicativo (por exemplo, “Quem semeia ventos, colher tempestades”). O exercício não foi bem entendido pelos alunos, que não (ou mal) conheciam provérbios.

Fundamentação teórica/ Inferências

No âmbito da expressão oral, os alunos do 4.º ano deverão ser capazes de «Reproduzir e recriar trava-línguas, lengalengas, adivinhas, provérbios, contos» (Ministério da Educação, 2009, p. 33). Para tal, é necessário que tenham contacto com os mesmos. No que diz respeito aos verbos, nesta fase, os alunos já devem estar aptos a identificar os seguintes tempos e modos verbais: «presente, futuro, pretérito (perfeito, imperfeito), imperativo, condicional, infinitivo e conjuntivo (presente)» (p. 55).

A realização do tipo de exercícios que a professora da turma entregou é importante para o treino destes conteúdos. Todavia, e como referido, a concretização deste exercício não foi fácil. Por um lado, e como referido acima (ponto 1.1.1 Caracterização da turma), estes alunos revelavam, no início do ano escolar, dificuldade na conjugação de verbos. Por outro, o provérbio, apesar de, como transcrito acima, estar contemplado pelo *Programa* neste ano de escolaridade, é de difícil apreensão por crianças destas idades. Como esclarece Diniz (1993, p. 65), o provérbio tem uma formulação «curta, incisiva e fácil de fixar». Porém, ele é definido como «uma forma condensada da experiência e da vivência de determinado grupo, transmitindo conhecimento adquiridos ao longo de séculos», a que as crianças de 9/10 anos de idade dificilmente acedem por ainda não terem atingido um pensamento abstrato.

21 de outubro de 2011

Os alunos fizeram um teste de Língua Portuguesa. A Professora deu instruções e leu enunciado. O teste iniciou-se às 9h45 e terminou às 11h00.

No final da manhã, foram distribuídos aos alunos quatro fichas com situações problemáticas. Estas fichas destinavam-se a avaliação.

Fundamentação teórica

De acordo com o Despacho Normativo n.º 6/2010¹, a avaliação formativa é a principal modalidade de avaliação do Ensino Básico. Ela é contínua e sistemática e visa a regulação de ensino e da aprendizagem. Recorre a vários instrumentos de recolha de informação tendo em conta a natureza das aprendizagens e o contexto em que ocorrem.

A avaliação formativa tem por base um conjunto de práticas variadas que se integram no processo ensino-aprendizagem e que procuram contribuir para que os alunos se apropriem melhor das aprendizagens curricularmente estabelecidas. Segundo Cortesão (1993, p. 44), ela compreende a «recolha e feedback de informação apropriada para uma sistemática e contínua revisão do decurso do processo, tendo em vista a melhoria». Assim, permite aos professores, alunos e encarregados de educação obter mais informação acerca do desenvolvimento das aprendizagens no sentido de melhorar.

Os testes são o instrumento de avaliação mais simples e têm o objetivo de recolher informação acerca da aprendizagem de cada aluno. Na verdade, adianta Estanqueiro (2010, p. 93), «um teste bem construído mede, com rigor aproximado, o nível de desempenho do aluno, numa determinada área de conhecimentos e num determinado momento. Permite, assim, detetar o que o aluno aprendeu e o que ainda não sabe».

A partir dos dados recolhidos pela avaliação formativa, o professor pode introduzir as alterações necessárias como o objetivo de melhorar as aprendizagens dos alunos e recorrer aos recursos educativos que existem na escola no sentido de encontrar respostas adequadas às necessidades dos mesmos.

24 de outubro de 2011

Esta manhã foi conduzida pela minha colega de estágio Catarina L. que deu a sua primeira manhã de aulas programadas.

¹ Cf. Despacho Normativo nº 1/2005, republicado pelo Despacho Normativo nº 6/2010, de 19 de fevereiro de 2010.

Como é hábito à segunda-feira de manhã, a colega acolheu alunos e foi-lhes perguntando o que tinham feito no fim de semana. Feito o acolhimento, deu início à aula de Língua Portuguesa. Trabalhou com os alunos as palavras derivadas por prefixação, sufixação e parassíntese. Por fim, consolidou esta matéria com uma ficha formativa, cuja correção foi feita no quadro interativo. Apenas no final, os alunos leram a ficha informativa.

Na aula de matemática, a colega distribuiu um jogo (Tangram) e foi colocando questões acerca deste material. De seguida, contou a lenda do Tangram. A partir deste material deu a aula sobre a área do triângulo.

Fundamentação teórica/ Inferências

O Tangram corresponde a um material com origem desconhecida. No entanto, tudo leva a crer que tenha tido a sua origem na China. Considerado um quebra-cabeças, este material é composto por 7 peças (um quadrado, um paralelogramo e cinco triângulos). Segundo Santos (citado em Caldeira, 2009):

(...) o Tangram como jogo ou como arte, possui um forte apelo lúdico e oferece àquele que brinca um envolvente desafio. Cada vez mais presente nas aulas de matemática, as formas geométricas que o compõem permitem que os professores vejam neste material a possibilidade de inúmeras explorações. (p. 391)

Este material favorece a aprendizagem da geometria pois com estas peças poderão obter-se diversas formas (figuras geométricas, animais, objetos e figuras abstratas). De acordo com Ponte e Serrazina (2000):

(...) os conceitos e relações matemáticas são entes abstractos, mas podem encontrar ilustrações, representações e modelos em diversos tipos de suportes físicos. Convenientemente orientada, a manipulação de material pelos alunos pode facilitar a construção de certos conceitos. Pode também servir para representar conceitos que eles já conhecem por outras experiências e actividades, permitindo assim a sua melhor estruturação. (p. 116)

Também o Ministério da Educação defende que a aprendizagem da Matemática no 1.º Ciclo deve incluir vários recursos, nomeadamente os materiais manipuláveis. Assim, de acordo com o *Programa de Matemática do Ensino Básico* (Ministério da Educação, 2007):

Os materiais manipuláveis (estruturados e não estruturados) têm um papel importante na aprendizagem da Geometria e da Medida. Estes materiais permitem estabelecer relações e tirar conclusões, facilitando a compreensão de conceitos. Alguns materiais são especificamente apropriados para a

aprendizagem da Geometria, como por exemplo: geoplanos, tangrans, pentaminós. (p. 21)

Nos Jardins-Escola João de Deus, o recurso a diversos materiais manipuláveis para a aprendizagem da Matemática é uma prática habitual. No caso desta aula, a colega Catarina L. fez a aplicação do Tangram para poder concretizar a área do triângulo.

25 de outubro de 2011

Neste dia realizaram-se aulas surpresa, pelo que fui assistir a aulas dadas por colegas estagiárias. Depois, reunimos com as professoras da supervisão da Prática Pedagógica para avaliação das aulas.

Fundamentação teórica/ Inferências

Ao longo do estágio, devem proporcionar-se situações para que o estagiário seja chamado a refletir sobre a sua prática pedagógica, sobre a sua atuação em sala de aula e sobre a sua preparação em termos de conhecimentos.

Segundo Schön (citado em Alarcão, 1991), durante a prática pedagógica, os estagiários «aprenderão a reflectir na acção e verão que a simples aplicação da regra é insuficiente, desenvolverão novos raciocínios, novas maneiras de pensar, de compreender, de agir e de equacionar problemas» (p. 13). Sempre que possível, deverá, igualmente, ser dada a possibilidade de corrigir as suas atuações, modificar as ações que considerarem ser menos positivas em situação de sala de aula.

É fundamental que os estagiários, durante a sua formação, saibam «aprender, interpretar e relacionar com as qualidades que desenvolvam e utilizar para perceber como melhorar as suas aprendizagens» (Fernandes, 2005, p. 83). Estas situações devem ser discutidas nas reuniões da Prática Pedagógica, em conjunto com as supervisoras a fim de ser feita uma reflexão individual e depois conjunta de maneira a que os estagiários possam melhorar em situações futuras. É isso que se passa durante as reuniões com as professoras da supervisão da Prática Pedagógica, após as aulas surpresa ou aulas assistidas.

28 de outubro de 2011

A professora iniciou o dia reestruturando a organização da sala. Mudou alunos de lugar e depois todos arrumaram as suas coisas nos devidos lugares.

A pedido da professora, e a propósito do Halloween, os alunos juntaram-se dois a dois e realizaram uma atividade de expressão escrita (narrativa) sobre as bruxas. Um dos elementos do par ficou responsável pela ortografia e pelo material (caneta, folha) e o outro pela escrita. No final, passaram a história a limpo individualmente e entregaram à professora. Eu e a minha colega de estágio fizemos com os alunos um ditado de números e posteriormente a sua correção no quadro.

Fundamentação teórica/ Inferências

É importante que a professora reestruture a organização da sala de aula, pois toda a instituição tem de estar organizada de modo a ser ela própria um espaço educativo. Neste sentido, «a organização e a utilização do espaço são intenções educativas e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que o educador se interrogue sobre a função e finalidades educativas dos materiais de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização» (Silva, 1997, p.37). De acordo com esta autora, a organização do espaço, o tipo de equipamento, os materiais existentes e o modo como estão dispostos condiciona o que as crianças podem fazer e aprender. A constante reflexão sobre a funcionalidade e adequação do espaço e as finalidades educativas dos materiais permite que a sua organização seja modificada tendo em conta as necessidades e evolução do grupo.

Célis (1996) também defende que, acontecendo a maior parte da vida escolar na sala de aula, revestem-se de grande importância «os elementos pedagógicos que nela existam e a forma como se organizam, com o objectivo de alcançar um sentido pedagógico com a ambientação» (p. 83). Arends (1995), sublinha que a maneira como o espaço é gerido «tem efeitos cognitivos e emocionais importantes nos alunos. Embora os professores não controlem a quantidade de espaço disponível, têm uma considerável liberdade de acção no que diz respeito à sua acção» (p. 85). Mas, adverte este autor, «acima de tudo, os professores devem ser flexíveis e experimentar diferentes arranjos das carteiras» (p. 95), pois existem várias disposições das carteiras adequadas para diferentes situações. Neste sentido, deve estar subjacente a ideia de que cada grupo de crianças é um grupo com características e personalidades próprias. Daí que estes arranjos de mobiliário devam ter em conta este princípio.

Na organização do ambiente educativo o professor deverá organizar o espaço e os materiais, concebendo-os como recursos que devem proporcionar às crianças experiências educativas integradas. Um ambiente bem pensado promove o progresso das crianças em termos de desenvolvimento físico, comunicação, competências cognitivas e interações sociais. Aliás, Arends (1995) é claro ao afirmar que «a maneira como o espaço é usado afecta a atmosfera de aprendizagem das salas de aula, influência o diálogo e a comunicação tem efeitos cognitivos e emocionais importantes nos alunos» (p. 97).

No caso concreto desta turma, à semelhança do que aconteceu neste dia, a professora tinha já feito frequentes mudanças de lugares, numa tentativa de evitar que os alunos se distraíssem falando com os colegas do lado. Pareceu-me que teve (hoje como nas vezes anteriores) o cuidado de passar as crianças sentadas na fila de trás para a frente.

31 de outubro de 2011

Neste dia, as professoras estavam de *roulement* e, como tal, as crianças da outra turma de 4.º ano estiveram na nossa sala. Por ser o dia do Halloween, falaram sobre o livro *As Bruxas*, de Roald Dahl. Os alunos do 4.º B explicaram aos colegas da outra turma de que fala o livro e, depois, a professora Rita Augusto iniciou a leitura deste livro em voz alta. Sempre que terminava um capítulo, entregava aos alunos uma atividade de carácter lúdico para realizarem.

Fundamentação teórica/ Inferências

A escola não é o único local onde é possível formar leitores, mas é o lugar social privilegiado para o acesso à leitura e é nesta fase que os alunos desenvolvem e os interesses e hábitos de leitura. Cabe então à escola criar «tempos e espaços de leitura diversificados e atraentes e oferecer actividades regulares de leitura e de contacto como livro» (Herdeiro, 1980, p. 46).

De acordo com Bastos (1999), «a escola é, assim, um dos locais privilegiados onde o encontro da criança com o livro se pode concretizar de forma cativante. E a escola deve ter como objectivo criar leitores activos» (p. 286). O professor titular têm liberdade para escolher a forma como quer conduzir as suas práticas. Deverá, contudo, diversificar o mais possível as suas estratégias. Não basta mandar abrir o

manual de Língua Portuguesa e ler o texto, analisar e responder a questionários sobre o mesmo. Cabe ao professor «ter o cuidado de despertar e estimular a sensibilidade, a imaginação, o sonho, o espírito crítico, a autonomia e ainda ser um bom leitor» (Cadório, 2001, p. 43). A leitura em voz alta é uma das formas de motivar para a leitura. Esta poderá ser feita pelos alunos. Mas, como defende Cadório, é sobretudo através da leitura feita pelo professor que os alunos captam «o ritmo, entoação e emoção de quem lê. É também uma forma de o professor mostrar fruição e intimidade com os livros e de, conseqüentemente, contagiar os auditores» (p. 51).

A animação de leitura contribui, pois, para a formação da competência leitora uma vez que promove o hábito de ler, proporciona o contacto com experiências leitoras e abre o caminho para a leitura literária. A prática de as crianças de uma turma lerem a colegas de outra turma, como sucedeu neste dia, é uma estratégia motivadora para a leitura.

4 de novembro de 2011

Os alunos começaram por realizar alguns exercícios de cálculo mental, designadamente as seguintes: $25+25=50$, triplo de 50, terça-parte, metade, situações problemáticas com dinheiro, com distâncias, tabuadas, etc.

Fizeram depois a correção de um exercício de ortografia em que tinham que preencher as lacunas com “u” e “o”. Esclareceram algumas dúvidas acerca do uso do “u”, recorrendo ao uso da *Cartilha Maternal*, de acordo com as palavras que constavam do exercício. Fez-se a correção da interpretação do texto do teste (“Uma história só”, de Maria Alberta Menéres). Os alunos fizeram a leitura em silêncio e, de seguida, uma ficha de compreensão do texto. Posteriormente, a professora fez a leitura modelo, após o que os alunos leram em voz alta.

A professora escolheu dar uma aula de Matemática com o 5.º Dom de Fröbel. Relembrou o nome do material e por quantos cubos é composto. Recordaram regras de uso do material e instruções para a abertura da caixa, bem como as instruções para a construção do “cruzeiro” em forma de ditado. Concluída a construção, a professora formulou algumas questões matemáticas, tendo iniciado com a representação de frações. Criou algumas situações para calcular áreas e também efetuar cálculo mental. No final, os alunos arrumaram o material nas respetivas caixas.

Fundamentação teórica/ Inferências

A *Cartilha Maternal* foi criada pelo poeta João de Deus, em 1876. Desde então, muitas gerações têm aprendido a ler por ela. Nos Jardins-Escola João de Deus a *Cartilha Maternal* é usada para o ensino da leitura logo no Bibe Azul (5 anos). No decorrer do 1.º Ciclo do Ensino Básico, a *Cartilha* é usada pontualmente para revisão de regras de escrita, tal como sucedeu durante a aula de hoje.

Como refere Ruivo (2009, p. 131), «o acto de ler é complexo e mobiliza uma infinidade de capacidades, logo a aprendizagem da leitura não deve ser encarada como uma simples aquisição de mecanismos e regras, mas sim a estimulação para o desenvolvimento da escrita». Como pude verificar nesta aula, foi a partir de uma dúvida sobre a escrita dos alunos que se deu o recurso à *Cartilha*. Ao relembrar as regras de leitura que vêm nesta obra, os alunos ganham confiança na sua prática de escrita.

7 de novembro de 2011

Neste dia realizei a minha primeira aula programada. Por ser segunda-feira, e também por ser habitual nesta turma, acolhi as crianças e dei oportunidade a quem quisesse fazê-lo de partilhar com os colegas o que tinha acontecido no fim de semana.

A Língua Portuguesa, o tema que a professora me propusera tratar fora a pronominalização. Através de apresentação em *PowerPoint*, revi com os alunos os pronomes pessoais e, depois, dei exemplos da substituição dos nomes por pronomes pessoais. No final, fiz a consolidação destes conhecimentos com uma proposta de trabalho e respetiva correção no quadro.

Na aula de Matemática, o tema que me tinha sido proposto fora o de trabalhar perímetros, determinando o lado desconhecido. Optei por apresentar alguns exemplos através de um *PowerPoint* animado, calculando o perímetro das figuras apresentadas em simultâneo. No final, distribuí uma proposta de trabalho para consolidação dos conteúdos dados.

Fundamentação teórica/ Inferências

De acordo com a *Organização Curricular e Programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico* (Ministério da Educação, 2006), é esperado que os alunos de 4.º ano saibam:

- Calcular o perímetro de polígonos.
- Desenhar polígonos a partir de um perímetro dado.
- Medir o perímetro da base circular de um objecto. (p. 188)

Os alunos devem resolver problemas que envolvam grandezas e medidas em situações do quotidiano, pois estas constituem o contexto fundamental para a aprendizagem deste tema. É através de situações concretas «que surgem as fórmulas e os procedimentos para determinar medidas» (Ministério da Educação, 1997, p. 21).

Numa figura, o perímetro é a soma de todos os seus lados. Por isso, o perímetro permite calcular a fronteira de uma superfície, pelo que se revela bastante útil. Conhecer o perímetro de um campo permite, por exemplo, definir qual a quantidade necessária de material para o vedar. Foi isto mesmo que fui explicando às crianças.

O *PowerPoint* animado que apresentei tinha várias figuras, algumas das quais com a indicação da medida dos lados e outras não. Optei por apresentar a matéria não de uma forma terminada, mas solicitando a colaboração e respetivo raciocínio dos alunos.

8 de novembro de 2011

A minha colega de estágio deu hoje a sua segunda aula programada. Iniciou-a com uma adivinha. Deu uma aula de Matemática sobre frações equivalentes com recurso ao Geoplano. A Língua Portuguesa abordou os quantificadores multiplicativos e fracionários.

11 de novembro de 2011

Nesta manhã dei uma aula de História de Portugal. Os temas abordados foram D. João III, Colonização do Brasil e consequências dos Descobrimentos. Fiz uma apresentação em *PowerPoint* ilustrado e fui dialogando com os alunos sobre as imagens que passavam. No final, realizámos um jogo com diversas perguntas através de um Quiz.

Após o recreio, eu e a minha colega de estágio reunimos com a professora do 4.º B para discutir as aulas dadas, enquanto as crianças resolveram algumas fichas de revisões de Matemática e Língua Portuguesa.

Fundamentação teórica/ Inferências

O ensino da História de Portugal no 1.º Ciclo do Ensino Básico é cada vez mais necessário «pela sua *utilidade*, pela sua dimensão formativa, pois contempla a nossa realidade, inclusive a realidade física; contemplar o resultado da história, portanto, o seu conhecimento facilita à aquisição das *referências básicas*» (Félix, 1998, p. 73); segundo esta autora, a disciplina permite aos alunos «encontrar **raízes** culturais, desde os espaços familiares aos mais amplos da comunidade nacional e internacional, de modo a desenvolver-lhes a consciência de que são parte da identidade comum – que não é única, nem irrepetível, nem a melhor, mas simplesmente a sua» (p. 69).

Para a apresentação desta aula recorri ao uso do *PowerPoint*. O uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) «quando eficazmente utilizadas, podem auxiliar a aprendizagem positivamente» (Silveira-Botelho, 2009, p. 104). As imagens suscitaram o interesse e curiosidade por parte dos alunos, que ao longo da aula participaram de forma ativa.

14 de novembro de 2011

Os alunos partilharam o que fizeram no fim de semana. Depois abriram o manual de Língua Portuguesa e leram um poema sobre S. Martinho, várias vezes e em silêncio. Fecharam o livro e a Professora combinou que iria ler o poema e que, de vez em quando, se enganaria; sempre que eles detetassem um erro teriam que bater palmas e corrigir o erro. Leram novamente o poema e, em seguida, realizaram um exercício ortográfico, fizeram a sua correção e verificação do número de erros. Enquanto a Professora foi chamando, individualmente, cada aluno para verificar a correção do exercício ortográfico, os demais responderam por escrito às perguntas de interpretação de um texto do manual (“A andorinha Tribilá”, de Carlos Correia).

No dia de hoje, a Professora escolheu o Geoplano para falar sobre linhas retas, linhas paralelas, linhas perpendiculares e linhas oblíquas. No final, realizaram uma proposta de trabalho, cuja correção foi feita no quadro.

Fundamentação teórica/ Inferências

O Geoplano é um material didático, cujo nome deriva do inglês *geobords* ou do francês *geoplans*, em que *geo* significa geometria e *plan* plano. Este recurso consiste numa placa de madeira ou de plástico, com pregos; a disposição forma uma malha circular, quadrangular ou retangular. É acompanhado de elásticos coloridos. Este material é excelente pela sua mobilidade e para que as crianças explorem problemas geométricos, registem no papel ponteadado, os seus desenhos, de forma a desenvolverem a sua destreza (cf. Caldeira, 2009, p. 409).

O Geoplano proporciona a manipulação e exploração e permite que a criança possa, ela mesma, identificar, através das suas próprias construções, figuras geométricas e polígonos. Permite representar figuras observadas, fazer labirintos, itinerários, calcular áreas e perímetros, fazer composição e decomposição de figuras entre outros. Para Serrazina e Matos (1996), trata-se de «uma descoberta activa, raciocínio indutivo, elaboração e teste de inferências e conjecturas e o desenvolvimento da percepção visual e da imaginação» (p. 10).

Através deste material estruturado, durante a aula de hoje, os alunos foram fazendo as representações solicitadas pela Professora.

15 de novembro de 2011

Neste dia dei a minha segunda aula programada. Iniciei com Matemática; o tema que me fora proposto era o das medidas agrárias. Apresentei aos alunos um anúncio da venda de um terreno, cujas medidas se encontravam em hectares (ha). A partir daí, conduzi a aula. No final, realizamos em conjunto algumas situações problemáticas.

Na aula de Língua Portuguesa, o tema proposto fora o dos determinantes e pronomes indefinidos. Iniciei esta aula com a leitura do texto “Livro Fechado”, de António Torrado, retirado do site historiadodia.pt. Pedi aos alunos para lerem em voz alta este texto. Após, apresentei determinantes e pronomes indefinidos através de *PowerPoint* e fui dando exemplos, contextualizando-os sempre em frases. Realizei com os alunos alguns exercícios de consolidação, nomeadamente um exercício em que eles tinham que completar alguns provérbios e expressões com pronomes indefinidos.

Fundamentação teórica/ Inferências

Os determinantes e pronomes fazem parte das classes principais de palavras. Os alunos de 3.º e 4.º ano deverão ser capazes de «Identificar as características que justificam a inclusão (ou exclusão) de palavras numa classe» (Ministério da Educação, 2009, p. 56).

O ensino da gramática, especificamente da morfologia, começa a ser dado, de acordo com o atual *Programa de Português*, no 1.º ano, embora que ainda de forma muito incipiente. Como referido na Introdução deste Relatório (no ponto 4), derivado ao facto de as crianças, nos Jardins-Escola João de Deus, iniciarem a aprendizagem da leitura aos 5 anos, avança-se, em termos de leitura/ aprendizagem da língua, um ano em relação ao ensino oficial. É esta situação que justifica que, chegados ao 4.º ano, os alunos tenham de cumprir o Programa do Jardim-Escola da Estrela, que estipula a identificação da classe dos pronomes, nomeadamente e entre outros, os pronomes indefinidos e relativos, enquanto no Programa oficial do Estado o estudo destes pronomes não está incluído.

17 de novembro de 2011

Neste dia, que não era de estágio habitual, combinei com a professora do 4º B dar uma aula de Estudo do Meio, sobre Sismos. Expliquei o que era um Sismo e dei indicações dos procedimentos a ter antes, durante e depois de um Sismo. No final, fizemos um treino do plano de emergência da escola.

Fundamentação teórica/ Inferências

É importante que os alunos conheçam as regras de segurança anti-sísmicas nomeadamente a prevenção e comportamentos a ter durante e depois de um sismo. Este tema faz parte do Bloco À Descoberta de Si Mesmo, do *Programa de Estudo do Meio*.

Conforme estipulado pelas normas de segurança do Ministério da Educação (1996), «devem efectuar-se, regularmente, testes ao Plano de Emergência de modo a garantir a sua funcionalidade durante um fenómeno de risco» (Ministério da Educação, 1996, p. 35). O plano de emergência serve para prevenir, identificar os riscos e sobretudo estabelecer os meios para fazer face ao acidente.

Os alunos participaram de forma entusiasmada no exercício de treino do plano de emergência que lhes propus.

18 de novembro de 2011

A minha colega de estágio, Catarina L., deu uma aula sobre Primeiros Socorros. Entretanto, por estarem a decorrer aulas surpresa na escola, fui assistir a aulas dadas por colegas estagiárias. Depois, reunimos com as professoras da supervisão da prática pedagógica para avaliação das aulas.

22 de novembro de 2011

Os alunos começaram por realizar um exercício de expressão escrita, a partir de um título dado pela professora: “Um Rei que vivia num livro”. Redigiram, durante 40 minutos, um texto com introdução, desenvolvimento e conclusão. A professora pediu que usassem a criatividade, vocabulário diversificado, muita adjetivação e que tivessem atenção com os erros ortográficos. No final, deveriam passar o texto a limpo e fazer a respetiva ilustração.

Na segunda parte da manhã, os alunos fizeram a leitura da história e alguns alunos fizeram de júri. O objetivo era o de verificar se as frases estavam bem construídas, se o texto fazia sentido, se o vocabulário era diversificado e se usavam muitos adjetivos. A pontuação dada ia de 0 (muito fraco) a 5 (muito bom). A correção ortográfica e caligráfica ficou a cargo da Professora.

Fundamentação teórica/ Inferências

Na sala de aula têm que surgir oportunidades para que os alunos possam ter contacto com a escrita e por isso devem ser criadas situações para que tal aconteça. Assim, é necessário «diversificar os contextos de produção, multiplicar práticas de escrita, encontrar em grupo soluções para os problemas que a construção do texto exige, permite aprofundar a compreensão da leitura, acelerar aprendizagens, organizar e desenvolver o pensamento» (Ministério da Educação, 2006, p. 146).

Ao longo da escolaridade, enquanto leitores e produtores de textos, os alunos devem entender a utilidade e funções da escrita (contar histórias, informar...). A

produção de um texto escrito não deve ser vista como uma tarefa monótona e enfadonha.

Pelo contrário, o aluno deve sentir o «prazer de inventar, de construir um texto, prazer de vencer as dificuldades encontradas ... prazer de encontrar o tipo de escrita e as formulações mais adequadas à situação, prazer de progredir, prazer da tarefa levada até o fim, do texto acabado bem-apresentado» (Jolibert *et al.*, 1994, p. 16). Conforme defendem Costa e Sousa (2010, p. 75), encarar e incentivar o aluno «como construtor/ co-construtor de textos é fundamental no ensino, pois potencia a interdependência entre oral e escrito e entre aprendizagem da leitura e da escrita».

Ao pedir aos alunos que redigissem um texto a partir de um título, a professora cumpriu o estipulado pelos *Programas de Português do Ensino Básico* que, no âmbito da escrita, determina que os alunos do 3.º e 4.º ano devem «escrever, em termos pessoais e criativos, diferentes tipos de texto, como forma de usufruir do prazer da escrita» (Ministério da Educação, 2009, p. 26).

23 novembro de 2011

Neste dia os alunos fizeram teste de Matemática, que teve início por volta das 9h45m e terminou às 11h00 com a ida para o recreio.

Quando regressaram, os alunos assistiram ao filme de animação *Gnomeu e Julieta*.

25 de novembro de 2011

Os alunos fizeram o teste de Língua Portuguesa. Antes de iniciarem, a professora deu algumas indicações, nomeadamente que deveria dar respostas completas e escritas de forma clara. O teste teve início às 9h30 e terminou às 11h00.

Depois do recreio, os alunos iniciaram os ensaios para a festa de Natal. Formaram-se grupos e enquanto cada grupo ensaiava, os outros colegas estavam na biblioteca a fazer uma ficha formativa de Matemática.

Fundamentação teórica/ Inferências

Todos os meses, os alunos do 1.º Ciclo do Jardim-Escola fazem um teste de avaliação que tem a duração de 90 minutos. Este teste visa aferir os conhecimentos adquiridos pelos alunos ao longo do mês.

O maior mérito da avaliação formativa é, na opinião de Bloom, Hastings e Madaus (1973, p. 142), «a ajuda que ela pode dar ao aluno em relação à aprendizagem da matéria e dos comportamentos, em cada unidade de aprendizagem».

2. 2.º Momento de estágio (3.º ano A)

Este 2.º Momento de Estágio decorreu entre dia 28 de novembro de 2011 e o dia 10 de fevereiro de 2012, no Jardim-Escola João de Deus da Estrela. Foi efetuado na sala do 3.º Ano (Bibe Azul Claro), turma A, com a Professora Cooperante Joana Moreira. Os alunos desta turma encontram-se na faixa etária entre os 8 e os 9 anos de idade.

2.1 Caracterização da turma

Não foi possível obter quaisquer dados relativos a esta turma, visto que a professora titular não os cedeu.

2.2 Espaço e horário



Figura 6 – *Aspeto da sala do 3.º A*

A sala do 3.º ano B situa-se no piso superior do Jardim-Escola. É um espaço amplo com muita luminosidade, pois uma das suas paredes é preenchida com janelas que rebem a luz do Sol durante todo o dia.

Há um quadro interativo, numa das paredes, e na parede oposta um quadro verde (para uso de giz), que, de cada lado, tem duas estantes para arrumação de material. Na parede em frente às janelas, existem diferentes placards onde a professora expõe trabalhos feitos pelos alunos e também cartazes elaborados pela própria.

As carteiras dos alunos estão dispostas em grupo, sendo que existem nesta sala 4 grupos (grupo1, grupo 2, grupo 3 e grupo 4). Do lado direito do quadro interativo encontra-se a secretária da professora, com o computador e também uma estante onde se encontram diversos dossiês. Do lado esquerdo, uma outra estante com livros de leitura e diversos manuais escolares. Os dossiês individuais dos alunos encontram-se na estante que se encontra do lado direito do quadro verde.

O horário correspondente ao período de aulas a que assistimos ao longo do estágio é o que apresento na figura seguinte:

PROJETO CURRICULAR DE ESCOLA
ORGANIZAÇÃO DO TEMPO LETIVO 2011/2012
PROFESSORA JOANA MOREIRA



Horário 3º Ano A

3º Ano B	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9.00-9.50 10.00-10.50	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11.00-11.30	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO
11.30-12.10 12.00-13.00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13.00-14.30	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO
14.30-15.20	Estudo do Meio	Estudo do Meio (Clube de Ciência)	Hora do conto 14.30/14.45	Formação Pessoal e Social	Estudo do Meio
15.20-16.10		Estudo do Meio	Expressão Artística	Educação Física	Educação Musical
16.10-17.00	Formação Pessoal e Social			Biblioteca/Informática 16.00-17.00	Estudo do Meio
17.00	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE
17.15	SAIDA	SAIDA	SAIDA	SAIDA	SAIDA

(Horário sujeito a alterações)

Figura 7 – Horário do 3.º A

2.3 Relatos Diários

28 de novembro de 2011

Por estarem poucos alunos na sala de aula, a professora foi perguntando aos alunos o que fizeram durante o fim de semana. Quando todos os alunos chegaram, a professora pediu-lhes para fazerem a correção dos T.P.C de Estudo do Meio sobre o aparelho respiratório. Depois, no âmbito da disciplina de História, fizeram um jogo de perguntas sobre os primeiros povos da Península Ibérica, usando o quadro interativo.

Depois do recreio da manhã, os alunos leram o capítulo “A cidade”, do livro *A Fada Oriana*. Após a leitura, a professora fez algumas revisões sobre o complemento direto e o complemento indireto, escrevendo algumas frases no quadro.

Fundamentação teórica/ Inferências

No *Programa de Português do Ensino Básico* é sugerido aos professores que sejam dados nas aulas textos e autores que façam parte do Plano Nacional de Leitura. No mesmo *Programa* também é referido que esta sugestão não pretende restringir as escolhas dos professores apenas a esta listagem. *A Fada Oriana* é uma obra que todos os alunos gostam de ler, provavelmente fruto da identificação que fazem com as personagens que andam pelas suas idades. Como refere Martins (1995):

(...) as personagens/ crianças da sua obra denotam uma característica comum: são crianças de sete a onze anos, quando a idade surge referenciada ou como menina (Oriana, A fada Oriana) (...) Será assim importante relacionarmos a idade atribuída a estas crianças com as características de desenvolvimento sociomoral que, padronizadamente, lhes são atribuídas para que percebamos até que ponto é que os conflitos por elas protagonizados podem servir de modelos a outras crianças da mesma faixa etária. (pp. 28-29)

É fundamental que os alunos contactem com diferentes tipos de textos, nomeadamente o texto literário. Convém no entanto não esquecer que será profícuo, a par do texto literário, ir usando outros tipos de texto, pois, segundo Magalhães (2008):

(...) a formação de um leitor literário integra e culmina a formação do leitor de outros tipos de texto, pois implica que a criança oiça ler e possa manusear o texto literário, mas a par de outros. Se for exposto a um único tipo de texto, o aprendiz de leitor nunca se aperceberá da especificidade daquele que tem em mão. É do cruzamento entre leituras que nasce o leitor. (p. 64)

Nesta aula, a leitura deste excerto foi orientada para a realização de atividades de Língua Portuguesa, em que a professora, a partir do texto, aproveitou para rever o complemento direto e o complemento indireto.

29 de novembro de 2011

Os alunos fizeram teste de Estudo do Meio, que teve início às 9h30m e terminou às 11h00m. Os que terminaram mais cedo iniciaram uma ficha de Matemática e outra de Língua Portuguesa.

Quando regressaram do recreio, os alunos fizeram um trabalho em grupo. As mesas foram organizadas de modo a que as crianças pudessem trabalhar. Este trabalho era a “Maratona Ortográfica”, cujo objetivo é que os alunos escrevam, sob a forma de ditado, 20 palavras em que têm maiores dificuldades (por exemplo, palavras que contenham o v/f e o s/ss). No final, quem tem até três erros cola um autocolante num cartão (tipo bingo) criado para o efeito.

Posteriormente, fizeram um ditado lacunar a partir da canção, interpretada pelos Clã, “Ou isto ou aquilo”. Este texto faz parte de um volume de literatura infantil da reconhecidíssima autora brasileira Cecília Meireles. À medida que ouviam a música, os alunos foram preenchendo os espaços com as palavras que faltavam. Ouviram a música três vezes e no final a professora repetiu oralmente a letra.

Depois terminaram as fichas que lhes tinham sido entregues após o teste.

Fundamentação teórica/ Inferências

É importante promover o trabalho a pares ou de grupo, em função dos objetivos comunicativos e pedagógicos, pois a aprendizagem é vista como um processo dinâmico de internalização de comportamentos sociais partilhados. Segundo Morgado (2004):

(...) quando devidamente organizado, o trabalho em grupo disponibiliza recursos para utilização partilhada e estimula, através da interacção entre alunos e entre professor e alunos, o desenvolvimento social dos alunos, área que as escolas começam a entender como fundamental nos seus objectivos. (pp. 69-70)

Quando promovido, o trabalho a pares permite que os alunos trabalhem sempre em conjunto numa mesma tarefa. Desta forma, é favorecido um ambiente rico em descobertas mútuas, *feedback* recíproco e partilha de ideias frequente.

2 de dezembro de 2011

Os alunos foram aos correios de Campo de Ourique para um encontro literário com a escritora Alice Vieira, que contou algumas das histórias dos seus livros (*Charada da Bicharada* e *Livro com cheiro a...*) e outras histórias ainda não publicadas. Dialogou um pouco com eles.

Quando regressaram à escola, os alunos foram ao recreio, após o que iniciaram os ensaios para a festa de Natal (uma dramatização de *A Fada Oriana*), em conjunto com a outra turma de 3.º ano.

Fundamentação teórica/ Inferências

Alice Vieira é uma reconhecidíssima autora de literatura infantil. Segundo Veloso (s.d.), através da sua escrita, Alice Vieira:

(...) oferece aos jovens leitores a descoberta de contos tradicionais, reescritos com imaginação e linguagem sedutoras, bem como a recuperação das rimas infantis preservadas pela cultura popular. Cria universos ficcionais muito próximos da realidade vivida por crianças e adolescentes, onde as interações familiares ganham uma dimensão dolorosa (sem cair na lamechice) e contribuem para a clarificação do mundo interior do leitor e para a construção da sua identidade (p. 23)

A escrita para crianças e adolescentes desta autora tem alternado entre narrativas longas, inspiradas na História e em assuntos da atualidade, e textos mais curtos para crianças pequenas. Neste último grupo, Alice Vieira opta ou por recontar e adaptar contos tradicionais (por exemplo, *O Coelho Branco*) ou por fazer recolha de rimas (como acontece em *Eu Bem Vi Nascer o Sol*) e por escrever pequenos textos poéticos – como é o caso de *Charada da Bicharada*. Também para idades de 1.º Ciclo, em especial para o 3.º ano, criou textos como *Livro com cheiro a...* (*Chocolate, Baunilha, Morango, Canela*), nos quais brinca com a língua e o seu funcionamento, acabando por falar ludicamente de classes de nomes, adjetivos, advérbios, regras de pontuação, etc.

Quanto às narrativas para crianças um pouco mais velhas, inspiradas na História, temos o exemplo de títulos como *A Espada do Rei Afonso* ou *Este Rei que Eu Escolhi*. No que se refere aos assuntos sobre a atualidade, a autora trata temas como o apelo ao consumo, a influência da televisão na educação infantil e problemas do quotidiano juvenil: a amizade, a solidão, as relações familiares, as relações entre crianças e adultos, a infância em diálogo com a velhice. Estes temas são tratados na coleção que se iniciou com *Rosa, minha Irmã Rosa, Lote 12, 2º Frente* e *Chocolate à Chuva*.

Quer para as crianças mais pequenas, quer para os mais crescidos, Alice Vieira apresenta um discurso coloquial, colocando na sua escrita um humor e crítica social subtil.

5 a 15 de dezembro de 2011

Ocorreram os ensaios para a festa de Natal. Os alunos ensaiaram uma peça de teatro e cantaram algumas canções sobre a *Fada Oriana*, de Sophia de Mello Breyner Andresen. Ao longo destes dias, nós, estagiárias ajudámos a organizar a peça e a fazer adereços.

13 de dezembro de 2011

Neste dia, os alunos participaram nas Ações de Segurança Rodoviária, que decorreram na Escola de trânsito Fixa do Parque Recreativo do Alto da Serafina, da Câmara Municipal de Lisboa. Estas Ações, compostas por aulas teóricas e práticas, recorrem a meios audiovisuais e à simulação de situações de trânsito que visam diminuir a sinistralidade infantil e fomentar um comportamento mais correto na via pública.

Fundamentação teórica/ Inferências

Uma vez que é transversal a todas as áreas curriculares, parece-me pertinente enquadrar a atividade deste dia na Educação para a Cidadania, que fomenta a aprendizagem dos princípios que regem a vida em sociedade. Como esclarecido no documento Eurydice - Rede de Informação sobre Educação na Europa (Gabinete de Informação e Avaliação do Sistema Educativo do Ministério da Educação, 2005), no âmbito da Educação para a Cidadania em Portugal:

(...) as temáticas transversais da Educação para a Cidadania podem ser abordadas nas áreas curriculares disciplinares e não disciplinares e em actividades não formais desenvolvidas pelas escolas, como programas, projectos, clubes, concursos, teatro, reflectindo um conjunto de temas actuais, tais como direitos humanos, ambiente, saúde, sexualidade, prevenção rodoviária, igualdade de género e outros, com propostas metodológicas para um trabalho integrado, sempre que se articulem com conteúdos programáticos e com actividades complementares, dentro e fora do espaço escolar. (p.100)

O objetivo de ações como a ocorrida hoje é promover o debate entre alunos, professores e encarregados de educação, a formação dos alunos para práticas seguras e responsáveis enquanto utentes da via pública e a valorização dos jovens mediante a realização de trabalhos práticos junto da sociedade civil.

16 de dezembro de 2011

A festa de Natal do Jardim-Escola teve lugar na Escola Superior de Educação. Teve início por volta das 9h30, com as crianças do pré-escolar. Enquanto decorria esta sessão, eu e as minhas colegas de estágio ficámos na sala de aula a plastificar e recortar fotografias que a professora tinha tirado aos alunos e que iriam ser colocadas nas paredes da escola.

A festa do 1.º Ciclo teve lugar na parte da tarde com início às 14:00h. Enquanto decorriam as atuações do 1.º ano (Bibe Castanho) e do 2.º ano (Bibe Verde), nós, estagiárias, e as professoras do 3.º ano (Bibe Azul Claro) ajudámos a vestir e preparar os alunos para a sua atuação. Quando o Bibe Verde terminou a sua atuação, encaminhamos os alunos do Bibe Azul Claro até ao palco, onde cantaram algumas canções ensaiadas pelo professor de música, Paulo Viana. De seguida, apresentaram a peça de teatro *A Fada Oriana*.

Terminada a atuação, os alunos foram juntos com os pais até à sala de aula, onde a professora entregou as avaliações.

Por volta das 20h, no salão do Jardim-Escola, decorreu um jantar de Natal para pessoal docente e não docente e para as estagiárias do mestrado que quiseram participar.

Fundamentação teórica/ Inferências

As festas fazem parte do quotidiano de qualquer escola. A própria sociedade impõe que as mesmas sejam valorizadas em contexto escolar.

As atividades que a escola organiza para os alunos e suas famílias, em particular a festa de Natal, requerem muito tempo de preparação, mas são um contributo imprescindível para aproximar os pais da escola. Muitas das vezes, a própria escola pede também a colaboração dos pais. Na opinião de Marques (2001, p. 109), «Os alunos beneficiam porque sentem, de perto, o interesse dos pais e ficam mais aptos a corresponder às expectativas de pais e professores».

No que diz respeito à participação e envolvimento dos encarregados de educação no ambiente escolar, o autor acima referido revela que «os estudos realizados (...) nas últimas três décadas mostram que, quando os pais se envolvem na educação dos filhos, eles obtêm melhor aproveitamento escolar» (Marques, 2001, p.19). A mesma opinião é partilhada por Alves e Leite (2005, p. 9) que defendem que «a cooperação escola-família-escola exige vontade, tempo, perseverança (...) é uma

das condições essenciais para que os processos de ensino aprendizagem sejam mais ricos e (...) para que sejam melhores os resultados dos alunos». Por esse motivo, é importante que nas atividades promovidas pela escola haja uma participação dos pais nas mesmas.

2 de janeiro de 2012

Apesar de ter iniciado o período de estágio, muitas crianças ainda se encontravam de férias e as próprias professoras se encontravam em *roulement*, por isso todas os alunos de 1.º Ciclo ficaram juntas na mesma sala. Ao longo da manhã fizemos com eles a um jogo, o *monopoly* da alimentação.

Fundamentação teórica/ Inferências

O jogo assume um papel muito importante no desenvolvimento da criança, tanto a nível motor como a nível social, pois, de acordo com Jesus (2002, p. 61), «é através do jogo que a criança descobre o mundo que a rodeia, se integra na sociedade e, principalmente, realiza as suas experiências».

Os jogos favorecem, deste modo, o domínio das habilidades de comunicação, nas suas várias formas, facilitando a auto-expressão. Além disso, encorajam o desenvolvimento intelectual por meio do exercício da atenção e também pelo uso progressivo de processos mentais mais complexos, como comparação e discriminação e pelo estímulo à imaginação.

3 de janeiro, de 2012

Os alunos trabalharam um texto dramático, no âmbito da História de Portugal, sobre os povos Bárbaros. Cada um ensaiou a sua fala e, posteriormente, foi feita a apresentação para a professora, que os filmou.

Como faltavam personagens, eu e as outras colegas estagiárias também participámos na apresentação da peça.

Fundamentação teórica/ Inferências

As escolas devem estimular junto das crianças o gosto pela representação, pois os alunos aprendem a improvisar, melhoram a concentração, desenvolvem a socialização, a criatividade, a expressão corporal, a coordenação. Ao terem de decorar um texto, fazem leituras de pesquisa e praticam a memorização, a oralidade, desenvolvendo o vocabulário. Trabalham ainda e para além disso, o emocional, a cidadania, a ética.

No que diz respeito à História, de acordo com Proença (1990), as simulações históricas permitem que o ensino desta disciplina «se torne motivador e estimulam o desenvolvimento de várias capacidades, particularmente no domínio da imaginação, criatividade e capacidade de expressão» (p. 135). Através da dramatização, os alunos “vivem” o papel de diferentes personagens históricos que fizeram parte de sociedades e épocas diferentes da sua. Este tipo de atividade, além de apelar à criatividade dos alunos, «desenvolve neles a imaginação empática tão necessária à aprendizagem da História e contribui para que esta disciplina se torne estimulante e motivadora» (p.136).

Para além do que já foi referido, o teatro faz com que as crianças se soltem mais, percam a timidez e revelem o seu verdadeiro carácter, personalidade e comportamento individual ou de grupo – facto a que tive oportunidade de assistir durante a aula de hoje.

6 de janeiro de 2012

Neste dia, os alunos receberam uma nova colega na turma. Esta aluna que veio de outra escola começou por apresentar-se e depois os outros alunos apresentaram-se também. Para além de dizerem o seu nome, disseram também uma coisa de que gostavam muito e outra de que não gostavam.

Os alunos fizeram revisões sobre os determinantes possessivos, regras de translineação e análise sintática de frases.

Após o recreio, fizeram um exercício sobre unidades de comprimento. A professora explicou de forma mais pormenorizada as medidas de comprimento à aluna nova.

Fundamentação teórica/ Inferências

Na aprendizagem da matemática, o ensino das medidas é fundamental para que os alunos possam dar sentido a conceitos espaciais. De acordo com Spodeck e Saracho (1998):

As crianças pequenas podem começar a conhecer as medidas de forma simples e intuitiva. Ensinar a medir principia por ensinar a comparar as coisas com um padrão informal e, por último, aprende-se a realizar medições formais, comparando coisas e quantificando-as em relação aos padrões estabelecidos. Cada tipo de medida tem seu conjunto único de problemas. (p. 313)

É através da vivência de experiências concretas que se inicia o processo de compreensão de medida. Na área da Matemática é fundamental que os alunos contactem com ideias sobre medida, por isso, «as primeiras experiências dos alunos devem proporcionar o contacto com diferentes objectos em que lhes seja permitido manipular, comparar, sentir, observar os atributos mensuráveis» (Abrantes, Serrazina e Oliveira, 1999, p. 67).

9 de janeiro de 2012

Neste dia, dei a minha aula programada, a qual foi assistida por uma das professoras da Prática Pedagógica, a Professora Doutora Paula Colares Pereira dos Reis.

Iniciei com a aula de Estudo do Meio, onde falei sobre o Sol com estrela. Apresentei em *PowerPoint* várias imagens e fui falando sobre as características do Sol e sobre a sua importância.

Na aula de Matemática fiz uma pequena revisão sobre a definição de círculo e circunferência e introduzi a noção de diâmetro e de raio, apresentei exemplos e depois pedi aos alunos que determinassem o raio e o diâmetro de uma circunferência numa proposta que lhes entreguei.

Em Língua Portuguesa, falei na diferença entre determinantes e pronomes, e depois apresentei, com exemplos, os pronomes possessivos. Lemos um texto com abundância de determinante e de pronomes possessivos; nele, os alunos tinham que os identificar, sublinhando-os com cores diferentes.

Na reunião de Prática Pedagógica, foram feitas as apreciações das aulas programadas dadas neste dia.

Fundamentação teórica/ Inferências

O tema de Estudo do Meio que me foi proposto para esta aula faz parte do *Programa de Estudo do Meio* para o 3.º ano e enquadra-se no Bloco 2 (À descoberta do ambiente natural), no ponto 3 (Os astros). Este ponto do *Programa* tem como objetivo que os alunos reconheçam «o Sol como fonte de luz e calor» (Ministério da Educação, 2006, p. 117). Ao mostrar imagens do Sol e focar as suas principais características, procurei que os alunos compreendessem a importância desta estrela, nomeadamente para a existência de vida no nosso planeta.

Na Matemática, comecei por fazer a distinção entre círculo e circunferência e depois relacionei o raio e o diâmetro. Para que os alunos pudessem treinar, distribuí, no final da aula de Estudo do Meio, um Sol (recortado em cartolina) a cada aluno, para que, a partir do mesmo, pudessem calcular o raio e o diâmetro. Ponte e Serrazina (2000) afirmam:

(...) a aprendizagem da geometria no 1.º Ciclo da educação básica deve basear-se em experiências informais, constituindo desse modo a base para um ensino mais formal. Os alunos devem ter oportunidades para realizar experiências que lhes permitam explorar, visualizar, desenhar e comparar objectos do dia a dia e outros materiais concretos. (pp.165-166)

A aprendizagem da Geometria deve ser feita de modo informal, a partir de situações concretas e do nosso dia-a-dia. A Geometria constitui um domínio da Matemática que se revela de extrema importância no conhecimento espacial da criança.

Uma das críticas que me foi apontada foi a má gestão do tempo. Na verdade, ao demorar demasiado tempo com a área de Estudo do Meio, restou-me menos para as demais áreas. O tempo educativo comporta o ritmo e tipos de atividades, sejam elas individuais, de pequeno grupo ou de grande grupo, permitindo oportunidades de aprendizagem diversificada. A distribuição do tempo e a organização do espaço estão, pois, interligados, logo a sua articulação deverá adequar-se às características do grupo e às necessidades da criança, já que «o tempo e o espaço são bens escassos no ensino e o seu uso deve ser planeado com cuidado e antecipação» (Arends, 1995, p. 96).

O tempo revela-se, assim, «o recurso mais importante que o professor tem de controlar: não só quanto tempo deve ser gasto numa matéria específica, mas como gerir e focalizar o tempo dos alunos nos assuntos escolares em geral» (Arends, 1995, p.79). Apesar de concordar com a crítica que me foi feita, devo referir que, 60 minutos para abordar as três áreas do conhecimento é, na minha opinião, muito pouco, uma

vez que a distribuição do tempo no horário da turma por cada área é de cerca de 90 minutos.

10 de janeiro, de 2012

Nesta manhã de estágio, as aulas foram conduzidas pela colega estagiária a Rita R.

Em Língua Portuguesa, a colega abordou as funções sintáticas da frase e introduziu o complemento oblíquo. Na Matemática, em seguimento da minha aula assistida, a Rita reviu o diâmetro e o raio da circunferência e introduziu as definições de tangente, corda e secante.

Depois do recreio, na aula de Estudo do Meio, a Rita explicou o fenómeno dos eclipses lunar e solar.

13 de janeiro de 2012

A professora iniciou a aula com a leitura modelo do texto “A nuvenzinha preguiçosa”, de Maria Teresa Vasconcelos, do manual de Língua Portuguesa *Giroflé*. Depois, pediu à estagiária Susana D. que prosseguisse com a interpretação do texto. Terminada a interpretação pediu-me que fizesse a análise gramatical do mesmo. Pedi aos alunos que identificassem no texto determinantes, pronomes, nomes, adjetivos, e fizemos a análise sintática de uma frase.

Depois do recreio, a professora Joana iniciou a aula de Matemática com o material Cuisenaire, com o qual trabalhou a leitura de números, recorrendo ao quadro interativo. A professora foi representando com as barras Cuisenaire algumas quantidades e os alunos identificavam as quantidades representadas. Depois, pediu à estagiária Rita R. que continuasse a dar a aula.

Fundamentação teórica/ Inferências

As Barras de Cuisenaire foram criadas por George Cuisenaire, mas posteriormente divulgadas pelo professor Caleb Cattedagno, numa tentativa de ensinar matemática de uma forma lúdica. Este material é composto por um conjunto de barras

em forma de prisma quadrangular, com 1cm de aresta na base, com 10 cores e 10 comprimentos diferentes. De acordo com Palhares e Gomes (2006):

(...) a utilização do material Cuisenaire estende-se a vários conteúdos entre os quais se destacam fazer e desfazer construções a partir de representações no plano, cobrir superfícies desenhadas em papel quadriculado, medir áreas e volumes, trabalhar simetrias, construir gráficos de colunas, estudar fracções e decimais, estudar as propriedades das operações, efectuar a decomposição de números, efectuar a ordenação e comparar “partes de” e resolver problemas. (p.171)

Na área Matemática, este material permite trabalhar diversos conteúdos nomeadamente a decomposição de números, resolução de situações problemáticas, múltiplos e divisores de um número inteiro, fracções, áreas e perímetros, entre outros. No caso concreto, a professora fez com os alunos leitura de números.

16 de janeiro de 2012

Esta manhã de aulas foi dada pela colega estagiária Susana D. que iniciou com a aula de Matemática onde explicou aos alunos a multiplicação e divisão por 0,1; 0,01; 0,001.

Em Língua Portuguesa, a colega deu as preposições e os alunos foram dizendo várias vezes todas as preposições, para as memorizar. No final, preencheram a letra de uma música com preposições.

Depois do recreio, na aula de Estudo do Meio, a Susana falou das Constelações e terminou com uma proposta de atividade em que os alunos, em grupo, tinham que representar numa esferovite uma constelação com fio de algodão.

Fundamentação teórica/ Inferências

A atividade de Estudo do Meio que a estagiária Susana propôs aos alunos proporcionou aos mesmos um momento de interação, estimulando, dessa forma, o desenvolvimento social dos alunos. Sobre o trabalho de grupo, Morgado (2004) refere que «em ambientes de cooperação, os alunos produzem mais ideias e desenvolvem mais confiança em si como aprendizes. Integram e apreendem mais facilmente os seus níveis de responsabilidade face ao grupo desenvolvendo simultaneamente processos de auto-regulação mais eficazes» (p. 70).

No final, após a professora dar indicação, foram colocadas as “constelações” na parede. Deste modo, os alunos viram nesta atitude, como que uma recompensa pelo seu trabalho.

17 de janeiro de 2012

Neste dia foi a estagiária Rita R. quem deu a manhã de aulas. Começou com Língua Portuguesa. Apresentou aos alunos a distinção entre frase simples e frase complexa. Explicou-lhes também que as preposições servem para ligar frases com mais de uma oração. Depois, fizeram exercícios de ligação de frases, as quais foram corrigidas no quadro.

Na aula de Matemática, os alunos tiveram uma aula de estatística onde aprenderam a Frequência Absoluta e a Frequência Relativa. Fizeram exercícios com tabelas e respetiva correção.

Na aula de História de Portugal, a Rita falou das Invasões Muçulmanas.

20 de janeiro de 2012

Neste dia, os alunos fizeram uma visita de estudo ao Castelo de S. Jorge, no âmbito da disciplina de História de Portugal. A visita incluiu o espetáculo de uma pequena dramatização, que teve por base o encontro casual de D. Afonso Henriques com D. Teresa. O diálogo entre ambos gira em torno de factos importantes ocorridos no reinado de D. Afonso Henriques e que determinaram a formação de Portugal, nomeadamente a conquista de Lisboa aos mouros. Depois de assistirmos à representação, fizemos uma visita guiada ao Castelo.

Fundamentação teórica/ Inferências

A visita de estudo não deve perder seu valor por ser uma atividade fora da sala de aula. Pelo contrário, ela constitui uma situação de aprendizagem que favorece a aquisição de conhecimentos e favorece a sociabilidade. Segundo Almeida (1998, p. 55), «o aluno, longe das quatro paredes da sala de aula, num outro ambiente, tende a tornar-se igual a si próprio»; por isso, acrescenta este autor, no decorrer da visita de estudo, o professor pode observar o comportamento dos seus alunos pois «há uma

aprendizagem recíproca de novas formas de participar, de ouvir e de executar». Durante estas visitas, os alunos desenvolvem competências, manifestam atitudes e valores, que se pretendem que sejam positivos, para com os colegas e professores.

De acordo com Proença (1990), uma visita de estudo no âmbito da disciplina de História

(...) permite realizar um ensino activo e interessante (...) contribuindo para uma aprendizagem integradora da realidade. Os alunos encontram-se em presença das “coisas”, e, deste modo, a sua adesão à realidade histórica não se faz por uma imposição magistral, mas através das provas que lhe são fornecidas directamente pelas coisas observadas. (p. 137)

Contactar directamente com as fontes históricas contribui para a iniciação ao método da pesquisa histórica e formação do espírito científico. No final de cada visita deverá ser feita uma avaliação coletiva de todo o processo, identificando-se os aspetos positivos e negativos.

23 de janeiro de 2012

Neste dia, a minha colega de estágio, Catarina L. teve aula surpresa com as professoras da Prática Pedagógica. Foi-lhe pedido para fazer a leitura e interpretação de um texto.

Depois do recreio fomos às habituais reuniões da Prática Pedagógica. Este dia de estágio prolongou-se com uma reunião da Prática Pedagógica no Museu da Escola Superior de Educação, que reuniu todos os professores que compõem a Prática Pedagógica, o Diretor e todas as estagiárias de mestrado. A reunião teve início às 14h00 e terminou Às 18h00.

Fundamentação teórica/ Inferências

As reuniões de Prática Pedagógica têm como objetivo dar a conhecer às estagiárias, as notas qualitativas referentes a cada momento de estágio.

Inicia-se habitualmente com a leitura em voz alta, feita pelas Supervisoras de Prática Pedagógica, dos aspetos positivos e negativos de cada aluno e assim sucessivamente, até serem lidos os de todos os alunos. Este método serve para ouvirmos os comentários das professoras cooperantes, que salientam os aspetos positivos e os aspetos negativos das nossas prestações durante o estágio, com o

intuito de mantermos os comportamentos adequados e corrigirmos os menos próprios e, sobretudo, que façamos uma reflexão sobre os mesmos. Segundo Alves (2002), «é importante que, tanto o ensino quanto a avaliação, passem por consideráveis transformações para se adaptarem às novas condições» (p.138).

Através destes comentários, fazemos uma reflexão geral de tudo o que foi feito numa determinada turma. De acordo com o autor acima referido, há que valorizar a «reflexão como exercício potenciador das práticas profissionais e do desenvolvimento pessoal e profissional» (Alves, 2002, p.130) A capacidade de refletir sobre a própria prática é muito importante, pois ao longo de toda a sua carreira, o professor deverá questionar sempre as suas ações e atitudes no sentido de as melhorar.

As reuniões da Prática Pedagógica servem para refletirmos acerca do nosso desempenho e permite-nos fazer a avaliação, depois de uma aula dada, pois é importante termos noção do que correu bem e dos aspetos a melhorar. De acordo com Alves (2002, p. 139), o estágio e a avaliação servem para «orientar o aluno no sentido do desenvolvimento de processos que contribuam para um papel mais activo e autónomo na avaliação da sua aprendizagem». Assim, é fundamental receber um *feedback* e avaliação da nossa prestação enquanto estagiárias, de maneira a podermos melhorar em situações futuras.

24 de janeiro de 2012

Esta manhã de estágio foi dada pela minha colega Catarina L., sendo esta a primeira das aulas programadas com a professora cooperante.

Em Língua Portuguesa, a Catarina falou sobre as palavras homófonas, apresentou exemplos e os alunos realizaram exercícios de consolidação. Na aula de Matemática, apresentou aos alunos, o conceito de Moda e Mediana.

A seguir ao recreio, a Catarina falou dos pontos cardeais e colaterais e da bússola como instrumento de orientação. No final realizaram uma atividade experimental.

Fundamentação teórica/ Inferências

Os alunos do 1.º Ciclo estão preparados para, dentro das variáveis estatísticas, aprenderem conceitos como a média, moda e mediana. Estes conceitos permitem

saber a tendência geral dos dados. A mediana, por exemplo, «indica a ordem do elemento que ocupa o meio da tabela numa lista ordenada» e a «moda é o valor que aparece com mais frequência» (Ponte e Serrazina, 2000, p. 217).

De acordo com estes dois autores, «para realizar a recolha de dados os alunos precisam de fazer operações como separar, classificar e contar. Este trabalho não poderá ser bem aproveitado se estas operações não estiverem bem definidas ou não forem feitas correctamente» (p. 218).

27 de janeiro de 2012

A colega Susana D. deu neste dia a sua segunda aula programada.

As palavras derivadas por prefixação e sufixação foram o conteúdo abordado a Língua Portuguesa. A Matemática, a Susana abordou os números complexos. Através de um jogo, os alunos tiveram que fazer transformações de números incomplexos para números complexos e procurar qual era a número que correspondia.

Depois do recreio, a Susana fez uma apresentação em *PowerPoint* sobre a Reconquista Cristã no âmbito da História de Portugal. Depois distribuiu-lhes uma proposta de trabalho. A colega optou por formar grupos e os alunos foram realizando todas as tarefas propostas em conjunto.

Fundamentação teórica/ Inferências

Nas suas aulas, o professor deve recorrer a recursos variados, nomeadamente aos recursos audiovisuais, que são de extrema eficácia nas aulas de História pois motiva os alunos e reforça as suas mensagens. Na opinião de Proença (1990, p. 105), «a escola tem que aproveitar as vantagens da utilização dos audiovisuais, já que este responde a muitas necessidades da aprendizagem». Qualquer aluno aprende melhor se vir e escutar ao mesmo tempo a matéria que lhe está a ser ensinada.

30 de janeiro de 2012

Nesta manhã de aulas, os alunos começaram por fazer a correção dos T.P.C. de Matemática, que consistia em exercícios de correspondência sobre o raio e

diâmetro, completar igualdades com medidas de comprimento ex: $5\text{m} = 500\text{ cm}$, colocar por ordem crescente e calcular mentalmente ex: $\times 0,1$ / $: 0,1$.

Depois do recreio os alunos assistiram a um concerto com o grupo “Os Corvos”, no ginásio do Jardim-Escola.

31 de janeiro de 2012

Esta manhã de aulas foi dada pela minha colega de estágio Catarina L., sendo esta a sua segunda aula programada.

Na aula de Língua Portuguesa, falou sobre a Notícia (título, lead, corpo), falou nas respostas às perguntas: Quem? Quando? Como? Onde? Porquê? Os alunos leram algumas notícias e depois fizeram uma notícia coletiva. Na aula de Matemática, a colega introduziu as medidas de capacidade. Os alunos realizaram alguns exercícios de consolidação. A seguir ao recreio, a Catarina deu aula de História de Portugal sobre o Condado Portucalense.

3 de fevereiro de 2012

Neste dia dei a minha primeira aula programada com a professora cooperante. Iniciei com Língua Portuguesa, fazendo a leitura modelo do texto *O Domínio do Domínó*, de Margarida Fonseca Santos. Em seguida solicitei aos alunos que lessem o texto em voz alta. Fizemos uma pequena interpretação do texto e, depois, como o tema da aula eram os determinantes e pronomes demonstrativos, revimos a diferença entre determinante e pronome. Apresentei um *PowerPoint* com vários exemplos e, para consolidar esta matéria, os alunos realizaram uma atividade que consistia em identificar determinantes e pronomes e a subclasse a que pertenciam.

A seguir ao recreio, iniciei a aula de Matemática com uma pequena revisão do sistema monetário. Os alunos realizaram alguns exercícios no quadro interativo, onde tinham que fazer várias operações envolvendo Euros. Depois, distribuí a cada aluno um envelope com notas e moedas e fizemos o jogo “vamos às compras”, cujo objetivo era fazer com que os alunos comprassem determinados brinquedos e realizassem as operações que envolviam a compra.

Em Estudo do Meio, falei aos alunos sobre a Bandeira Nacional. Apresentei em *PowerPoint* a evolução da bandeira portuguesa até à República e expliquei o simbolismo da mesma, os locais onde deve ser hasteada e a posição que deve ocupar. Entreguei aos alunos uma proposta de trabalho, que continha o desenho, a preto e branco, da bandeira portuguesa, que eles tinham de colorir.

Fundamentação teórica/ Inferências

Para os alunos, o dinheiro não tem nenhuma relação com a medida. O dinheiro serve simplesmente para fazer compras, indica o número de moedas exigidas em troca de um gelado ou de uma pastilha. De acordo com Ponte e Serrazina (2000),

(...) a grandeza dinheiro deve ser tratada de modo diferente das outras. O professor deve partir do princípio que há um certo número de moedas que já são familiares Às crianças e estas devem compreender as relações entre elas e perceber quantas moedas de um tipo são equivalentes a outra ou são necessárias para completar um dado preço. (p. 201)

Apesar de, nesta fase, os alunos já conhecerem a maioria das moedas e notas, a escola deve criar situações que lhes proporcione compreender a relação entre notas e moedas, por exemplo, a quantas moedas equivale uma determinada nota e vice-versa, ou quantas moedas ou notas são necessárias para completar um determinado valor. Por isso, «é importante proporcionar aos alunos, na sala de aula, situações que envolvam compras e vendas, em que os alunos simulem a realização de pagamentos e efectuem trocos, utilizando, por exemplo, réplicas de moedas e notas) (Breda, Serrazina, Menezes e Sousa, 2011, p. 149).

6 de fevereiro de 2012

Neste dia dei a minha segunda aula programada com a professora cooperante. Iniciei com a área da Matemática, recordando a definição de perímetro e depois juntei as crianças duas a duas e distribuí-lhes um envelope com dez quadrados (cinco de cada cor), pedindo que construíssem duas figuras diferentes com cinco quadrados cada. Pedi-lhes que calculassem o perímetro da figura criada por eles, tomando como unidade de medida o lado do quadrado. Os alunos foram representando no quadro as diferentes figuras e concluíram que figuras diferentes podem ter perímetros equivalentes. Visto que o material a trabalhar nesta aula eram os Pentaminós, os

alunos realizaram uma atividade lúdica que consistia em construir um retângulo com as doze figuras diferentes.

Na aula de Língua Portuguesa, apresentei, através de um *PowerPoint*, a história *Ainda Nada?*, de Christian Voltz. A partir do que lemos da história, pedi aos alunos para que contassem o que aconteceria se... O objetivo era o de que me respondessem no condicional e fui registando no quadro todos os verbos. Depois, pedi que olhassem para os verbos escritos no quadro e pedi que vissem o que tinham em comum ao que responderam que terminavam em “ria”. Desta forma, parti para a explicação do modo condicional. No final, realizaram um pequeno exercício de consolidação, preenchendo uma ficha que lhes entreguei.

Depois do recreio, na aula de História de Portugal, mostrei um vídeo sobre a formação de Portugal e, em seguida, fizemos a interpretação do mesmo. Entreguei aos alunos um envelope com legendas de determinados acontecimentos marcantes no reinado de D. Afonso Henriques (por exemplo, a conquista de Lisboa ou a Batalha de Ourique). Entreguei-lhes ainda uma folha com um friso cronológico, o qual tinha de ser completado com as acima referidas legendas. À medida que os alunos iam legendando, fomos corrigindo, através de um *PowerPoint* de imagens, as datas e acontecimentos correspondentes. No final, para terminarem com uma atividade mais lúdica, fizemos um karaoke da canção “D. Afonso Henriques, o conquistador”.

Fundamentação teórica/ Inferências

Os pentaminós pertencem a classe dos “poliminós”, tal como o dominó que todos nós conhecemos. O termo “poliminó” teria sido proposto por Solomon W. Golomb, matemático chefe do Laboratório de Jacto Propulsão do Instituto de Tecnologia da Califórnia, no ano de 1954.

Os pentaminós são figuras formadas pela união de quadrados, unidos pelos lados. No total são 12 peças diferentes, que permitem a criação de inúmeros problemas e suas soluções.

No âmbito da Matemática, este material permite explorar diversos conteúdos, como por exemplo: realizar atividades com áreas e perímetros, resolver puzzles, formar diversas figuras geométricas, entre outras. Para além destas, permite também a visualização espacial, que pode ser desenvolvida, inicialmente, por meio da construção e manipulação de representações concretas, utilizando materiais manipuláveis e posteriormente pela representação mental de formas, relações e

transformações. Foi com estes objetivos que propus aos alunos a atividade acima descrita.

7 de fevereiro de 2012

A professora iniciou a manhã fazendo a correção dos T.P.C. de Matemática que consistia na leitura de números decimais por ordens, classes e referindo a última ordem. Corrigiram também exercícios de cálculo mental com divisão e multiplicação de números decimais e transformações com medidas de comprimento.

A correção deste trabalho visava a revisão da matéria que iria sair no teste que os alunos viriam a realizar dois dias depois.

Fundamentação teórica/ Inferências

O cálculo mental constitui uma ferramenta fundamental para os dias de hoje. Por isso, deve ser desenvolvido desde o início do 1.º ciclo, já que está intimamente relacionado com o desenvolvimento do sentido de número. Segundo o *Programa de Matemática do Ensino Básico* (Ministério da Educação, 2007):

(...) a destreza de cálculo é essencial para a manutenção de uma forte relação com os números, para que os alunos sejam capazes de olhar para eles criticamente e interpretá-los de modo apropriado. pois quanto maior for o desenvolvimento das estratégias de cálculo mental mais à-vontade se sentirá o aluno no uso de estratégias de cálculo mais convencionais como os algoritmos das quatro operações. (p. 10)

As tarefas de cálculo mental são normalmente atividades altamente motivadoras para as crianças. De acordo com Morgado (1993):

O professor pode naturalmente fornecer aos alunos material manipulável, estruturado ou não, para fomentar a construção das operações. Normalmente tal procedimento torna-se necessário no início do processo de ensino/aprendizagem mas dispensável alguns tempos depois. (p. 63)

Na sala de aula devem ser criadas diversas situações que permitem o treino do cálculo mental, quer através de situações práticas que envolvam o uso de dinheiro, medidas (como já tive oportunidade de referir) ou distâncias, quer através da realização de exercícios feitos no caderno.

10 de fevereiro de 2012

Os alunos iniciaram a manhã com a correção de um texto lacunar de História de Portugal, sobre D. Afonso Henriques.

Em seguida, na área da Matemática, a professora trabalhou com os alunos as frações equivalentes com o 5.º Dom de Fröbel. Explicou-lhes que para somar frações temos que ter denominadores iguais e deu exemplo com as peças do 5.º Dom.

Depois, pediu à minha colega de estágio que continuasse a aula. A Catarina fez com eles a construção de um “centro comercial” e, de seguida, resolveram algumas situações problemáticas.

A seguir ao recreio, os alunos fizeram a leitura em silêncio do texto do manual, “A isto os homens grandes chamam amor”, texto adaptado do livro *O Palhaço Verde* de Matilde Rosa Araújo. Fizeram interpretação e a análise gramatical retirando do texto nomes, adjetivos, determinantes, pronomes, verbos e classificando-os.

Fundamentação teórica/ Inferências

Como defende o *Programa de Matemática do Ensino Básico* (Ministério da Educação, 2007), «a aprendizagem da Matemática pressupõe que os alunos trabalhem de diferentes formas na sala de aula» (p. 10). Por isso, os materiais didáticos são uma das formas de promover experiências de aprendizagem; eles constituem um suporte físico através do qual as crianças exploram, experimentam e manipulam.

Segundo Caldeira (2009), o uso de materiais «consiste em manipular objectos e “extrair” princípios matemáticos. Os materiais manipulativos devem representar explicitamente e concretamente ideias matemáticas que são abstractas» (p. 15). O 5.º Dom de Fröbel é um material didático composto por 21 cubos inteiros, três cubos partidos ao meio e três cubos partidos em quatro partes. Estão organizados dentro de uma caixa de madeira que é também um cubo. Este material proporciona a exploração de diversos conteúdos matemáticos nomeadamente as situações problemáticas, o cálculo mental e frações, como pudemos constatar nesta aula.

3. 3.º Momento de estágio (Semana de Estágio Intensivo)

Este 3.º Momento de Estágio foi realizado entre dia 27 de fevereiro de 2012 e o dia 2 de março de 2012, no Jardim-Escola João de Deus de Castelo-Branco. Foi efetuado na sala do 2.º Ano (Bibe Verde), com a Professora Cooperante Ana Cristina Filipe. Os alunos desta turma encontram-se na faixa etária entre os 7 e os 8 anos de idade.

3.1 Caracterização da turma

Esta turma é constituída por 19 alunos: 9 elementos do sexo feminino e 10 elementos do sexo masculino.

Segundo informação dada pela professora cooperante, existe um aluno retido, que apresenta desordem por hiperatividade e défice de atenção. A professora sinalizou um outro aluno, tendo já sugerido aos pais acompanhamento no psicólogo por apresentar distúrbios comportamentais, nomeadamente défice de atenção, dificuldades de concentração e por não realizar as tarefas propostas. Existem ainda mais duas crianças (um menino e uma menina) com algum défice de atenção e concentração.

As famílias são muito participativas e participam de forma regular nas atividades do Jardim-Escola.

3.2 Espaço e horário

A abertura do Jardim-Escola faz-se às 8h e o encerramento às 19h, diariamente. Contudo, as atividades letivas do 1.º Ciclo decorrem entre as 9h e as 13h de manhã e entre as 14h30 e as 17h à tarde.

A sala do 2.º ano está situada no edifício mais recente. Tem dezanove mesas individuais, um quadro branco e painéis, nas paredes, onde a Professora expõe os trabalhos dos alunos na área da Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio. Uma das paredes da sala tem duas janelas grandes e uma porta em vidro que fica de frente para uma das zonas de recreio.



Figura 8 – *Aspetto da Sala do 2.º ano do Jardim-Escola de Castelo Branco*

3.3 Relatos Diários

27 de fevereiro de 2012

Neste dia, os alunos iniciaram com Língua Portuguesa e fizeram um exercício com casos de leitura C (cêke). Depois, corrigiram-no e fizeram um texto (de uma sebenta organizada pela professora com alguns casos de leitura), com as palavras desse texto. Fizeram ainda um ditado.

Quando regressaram do recreio, os alunos abriram o manual de Matemática *Projeto Desafios*. Fizeram a exploração visual da imagem e, a seguir, a professora introduziu os Diagramas de Venn e de Carrol. Depois fizeram alguns exercícios.

Ao início da tarde, um dos alunos foi ao computador efetuar uma consulta na internet, ao sítio do Instituto de Meteorologia, para pesquisar sobre o estado do tempo, a hora do nascer e pôr-do-sol, a temperatura máxima e o vento. Outro aluno foi ao quadro registar as informações e todos registaram numa tabela criada para o efeito. Esta consulta é feita todos os dias, visto este registo ser um trabalho que está a ser desenvolvido ao longo de todo o ano letivo no âmbito de um projeto proposto pelo manual de Estudo do Meio e adotado pelo Jardim-Escola. Após esta atividade, os alunos tiveram aula de Educação Física.

Quando regressaram, na aula de Estudo do Meio, os alunos exploraram uma imagem do manual sobre a primavera, focando as principais características desta estação do ano. Em seguida, assistiram a um vídeo sobre a vida das abelhas.

Fundamentação teórica/ Inferências

O Ensino Experimental das Ciências tem vindo a ser implementado como metodologia de desenvolvimento da área do Estudo do Meio e, indiretamente, de todas as outras áreas, favorecendo no aluno a construção do seu próprio conhecimento. Neste contexto, o professor deverá criar ambientes propícios à aprendizagem e desenvolver, com as suas práticas, as competências necessárias nos alunos.

Ao realizarem a pesquisa diária sobre o estado do tempo, os alunos desenvolvem algumas atitudes das quais se destacam a «curiosidade, criatividade, flexibilidade, abertura de espírito, reflexão crítica, autonomia, respeito pela vida e pela natureza» (Oliveira, 1991, p.35). Para além do aperfeiçoamento destas atitudes, esta atividade permite também desenvolver nos alunos as seguintes capacidades: «testar ideias, formular hipóteses, observar, planear e realizar experiências, problematizar, controlar variáveis, interpretar informação, conceptualizar, pensar afinal» (p.36).

As crianças constroem uma imagem positiva e refletida acerca das ciências e desenvolvem o sentido crítico e a criatividade, o que é útil em outras áreas do saber e em diferentes contextos das suas vidas, nomeadamente a resolução de problemas pessoais, profissionais e sociais.

28 de fevereiro de 2012

Os alunos iniciaram o dia com Matemática onde trabalharam os Pictogramas. Treinaram com alguns exercícios do manual. Após, os alunos começaram por preencher uma tabela com os seus frutos preferidos e a seguir construíram um pictograma. Antes de saírem para o recreio, um dos alunos foi ao computador pesquisar no Instituto de Meteorologia para fazerem o registo do tempo.

A seguir ao recreio, a professora distribuiu aos alunos o guião da visita de estudo a Lisboa que ia acontecer no dia seguinte. Fizeram a leitura do mesmo onde constavam algumas recomendações e instruções nomeadamente o que deviam levar. Depois pintaram as imagens do guião.

Os alunos discutiram ainda o comportamento tido em sala de aula da semana anterior e, mediante o que foram dizendo, a professora foi fazendo o registo num caderno próprio para o efeito.

No início da tarde, os alunos tiveram aula de informática. Nesta aula treinaram o processamento de texto e fizeram pesquisa de imagens na internet. Após a aula de informática, os alunos tiveram aula de expressão plástica, onde fizeram um trabalho em plasticina.

Fundamentação teórica/ Inferências

Como é sabido, vivemos numa Sociedade de Informação e Comunicação. Assim, é fundamental que a escola prepare as crianças para o contacto e utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação pois estas desde cedo levam à construção de hábitos de trabalho e de estudo que acompanhará os alunos ao longo de toda a sua vida. Simultaneamente, reforçam o conhecimento tecnológico, indispensável na sua vida futura.

Os computadores devem ser utilizados e vistos como uma ferramenta de estudo, tal como uma régua, um lápis ou um caderno. De acordo com Fisher (2000):

A criança tem o computador como grande aliado no processo de construção do conhecimento porque quando digitam as suas ideias, ou o que lhes é ditado, não sofrem frente aos erros que cometem. Como o programa destaca as palavras erradas, elas podem autocorrigir-se continuamente, aprendendo a controlar suas impulsividades e vibrando em cada palavra digitada sem erro.

Neste contexto podemos perceber que errar não é um problema, que não acarreta a vergonha nem a punição, pelo contrário, serve para reflectir e para encontrar a direcção lógica da solução. (p. 39)

É cada vez mais importante o ensino da informática a partir dos primeiros anos de escolaridade, pois a aprendizagem destas competências é benéfica para o desenvolvimento dos alunos.

29 de fevereiro de 2012

Neste dia, os alunos foram à visita de estudo ao Teatro Politeama, ver o musical infanto-juvenil *Pinóquio*.

Os alunos partiram de Castelo Branco por volta das 8h30, pararam em Abrantes, para merendar e ir à casa de banho. Chegaram a Lisboa por volta das 11h30 e almoçaram na zona da Expo. Depois, seguiram para a Avenida da Liberdade e deslocaram-se a pé até ao Teatro Politeama. O espectáculo teve início às 14 horas e

terminou hora e meia depois. No final, os alunos aguardaram o elenco e todos tiraram fotografias.

Após o espetáculo, os alunos regressaram a Castelo Branco, tendo efetuado paragem em Santarém, para lanchar e ir à casa de banho. Chegaram por volta das 19h30.

Ao longo de toda a viagem, os alunos foram sempre muito animados.

Fundamentação teórica/ Inferências

Para além de outras, é função da escola promover a cultura junto das crianças. Como tal, deverá criar oportunidades que possibilitem a todos os alunos o acesso à mesma, quer através de visitas a museus, exposições e bibliotecas, idas ao teatro ou outros espetáculos de âmbito cultural. Nesse sentido, «a escola estará a contribuir decisivamente para esbater dificuldades no acesso à cultura e a contribuir para a construção de referências culturais partilhadas» (Ministério da Educação, 2009, p. 67).

Levar as crianças ao Teatro é promover junto das mesmas hábitos culturais e o gosto pelo teatro.

1 de março de 2012

Neste dia, os alunos começaram por dizer o que mais gostaram na visita de estudo do dia anterior.

Em seguida, a pedido da professora, fui eu quem conduziu a aula de Língua Portuguesa. Como estava planeado a realização de uma produção escrita, decidi construir com eles uma história coletiva a partir de cartões com imagens (com personagens, locais, objetos mágicos e obstáculos). Escrevi no quadro o que os alunos foram dizendo e, depois, eles foram passando numa folha. No final fizeram a ilustração da mesma.

Depois de regressarem do recreio, os alunos treinaram a divisão fazendo algumas operações no quadro. Por volta do meio-dia, os alunos tiveram aula de inglês.

À tarde, na aula de Estudo do Meio, apresentei um *PowerPoint* com alguns animais que vivem no mar, nomeadamente mamíferos, peixes e aves. Falámos sobre as características dos mesmos.

Fundamentação teórica/ Inferências

A introdução de uma língua estrangeira numa idade precoce é fundamental, sobretudo porque a linguagem desenvolve-se com mais eficácia durante a infância. Aprender uma língua estrangeira promove o desenvolvimento da consciência da identidade linguística e cultural, através do confronto com a língua nativa, aproxima à cultura por ela veiculada, proporcionando novas experiências e vivências significativas para a vida da criança.

Segundo Bouton (1977), a aprendizagem de uma segunda língua tem vantagens socioculturais e «permite um acesso rápido e satisfatório a duas línguas, tal, como a dois sistemas de cultura de civilização e abre à criança um universo alargado» (p. 416).

A aprendizagem do inglês é muito importante pois é uma língua universal e permite a integração dos jovens em qualquer país da União Europeia.

2 de março de 2012

Neste dia, os alunos iniciaram aula com Língua Portuguesa, preenchendo um texto lacunar sobre como se faz o pão, uma atividade proposta pelo manual de Língua Portuguesa, *Projeto Desafios*. Posteriormente, os alunos fizeram um ditado mudo. A professora ia escrevendo duas a três palavras no quadro, dava algum tempo e, depois, apagava e os alunos tinham que escrever no caderno essas palavras. Antes do recreio, treinaram ainda os plurais de palavras terminadas em “ão”. Os alunos foram sugerindo palavras, formaram os plurais e escreveram-nas no quadro. No final, a professora escolheu as seguintes palavras: “irmãos”, “trapalhões” e “ladrões” e pediu aos alunos que construíssem uma frase com as mesmas.

Depois do recreio, os alunos treinaram a leitura de números até à classe dos milhares, fazendo a leitura por ordens e por classes.

Depois do almoço, os alunos tinham programada uma visita a pé, ao Museu Francisco Tavares Proença Júnior. Ao chegar ao Museu, devido a um pequeno imprevisto, a visita foi adiada. Uma vez que os alunos já se encontravam no exterior, aproveitaram para fazer uma visita pela quinta do Jardim-Escola. Durante o passeio, os alunos colheram um trevo e quando regressaram à sala de aula colocaram-no dentro de um livro para secar.

No final da tarde, os alunos tiveram a “hora do conto”, e foi a diretora do Jardim-Escola quem esteve com eles. Colocou um “avental de histórias” e foi pedindo aos alunos que tirassem de uma caixa imagens e que, a partir das mesmas, fossem construindo uma história. À medida que a história ia avançando, introduzia novas imagens com novas personagens e situações novas e os alunos iam prosseguindo a história. Depois da história, os alunos colocaram-se ao lado das suas mesas, em pé, e fizeram um jogo tipo “palavra puxa palavra”, por exemplo: inverno – neve; crocodilo – dentes, etc. Ainda numa outra atividade, os alunos tiveram que adaptar a letra da canção “O balão do João” a uma outra música, fazendo várias tentativas, nomeadamente com a música “As pombinhas da Catrina”.

Para finalizar, a Diretora realizou com eles uma espécie de relaxamento. Os alunos deitaram as cabeças em cima das mesas e escutaram uma história. Sempre que a Diretora tocava na cabeça de um aluno, esse aluno tinha que continuar a história.

Fundamentação teórica/ Inferências

A escola deve não só ensinar a criança a ler, mas, essencialmente, criar-lhe o gosto de ler. É necessário que as escolas proporcionem situações motivadoras que ponham a criança e o livro em permanente contacto. Assim, de acordo com Gomes (2000):

(...) a “hora do conto” ocupa um lugar importante, pelo que julgamos fundamental elegê-la como uma das actividades capazes de, pela sua prática continuada, proporcionar o desenvolvimento do prazer de ler, resultante, numa primeira etapa, da simples satisfação do gosto pelas histórias (p. 35).

A criança deve viver a leitura, envolver-se com a história, identificar-se com as personagens. Os pais, professores e mediadores devem estimular estratégias criativas de condução da leitura. As narrações orais com entoação adequada, a dramatização e os debates são excelentes formas de promoção da leitura.

4. 4.º Momento de estágio (2.º ano B)

Este 4.º Momento de Estágio foi realizado entre o dia 5 de março e 27 de abril de 2012, no Jardim-Escola João de Deus da Estrela. Foi efetuado na sala do 2.º Ano (Bibe Verde), turma B, com a Professora Cooperante Vânia Oliveira.

4.1 Caracterização da turma

A turma do 2.º ano B é constituída por 28 alunos, 15 elementos do sexo feminino e 13 elementos do sexo masculino.

Segundo informação dada pela professora cooperante, e tendo em conta os testes de avaliação diagnóstica realizados no início do ano letivo, a turma é interessada no ambiente que a rodeia, em termos culturais, e grande parte dela é apoiada pelos familiares que se interessam pelo desempenho escolar dos seus educandos.

Na área da Matemática, a turma revelava, no começo do ano, dificuldade nas operações, bem como no cálculo mental. De um modo geral, identificavam as ordens dos algarismos até às centenas de unidades, as cores e as ordens no material Calculadores Multibásicos. Na área da Língua Portuguesa, ao nível das competências essenciais, as principais dificuldades desta turma centravam-se na leitura e escrita de pequenas frases e textos, bem como a sua interpretação. A maioria dos alunos, no início do ano escolar, não aplicava os sinais de pontuação no final da frase, nem usava maiúsculas no início desta. Também não utilizavam corretamente os sinais gráficos de acentuação. No entanto, a maioria dos alunos conseguia relacionar a letra de imprensa com a manuscrita.

Esta turma é bastante interessada e motivada para a aprendizagem. A maioria dos alunos consegue manter a concentração, havendo apenas uma criança mais irrequieta, mas com um comportamento aceitável.

4.2 Espaço e horário


A sala do 2.º B está situada no 1.º piso do edifício principal. Tem vinte e oito mesas individuais, um quadro verde (para uso de giz), dois painéis nas paredes, onde a professora expõe os trabalhos dos alunos nas áreas da Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio. Uma das paredes da sala tem 3 janelas grandes que

permite a entrada de luz solar. Ao fundo da sala, num dos cantos, está a secretária da professora e, ao lado, uma mesa de apoio onde se encontra uma impressora. Na parede oposta ao quadro, está um armário, onde estão guardados os materiais da sala (folhas, lápis e dossiês da professora). Na mesma parede do quadro, mas do outro lado das colunas, existe um armário onde estão guardados os dossiês dos alunos.

Apesar de parecer uma sala ampla, existem duas colunas na sala que dificultam a disposição das mesas dos alunos, criando ainda um espaço morto mal aproveitado. Assim, as mesas estão todas muito juntas em filas. Do lado da janela, estão organizadas três a três, e do lado da porta, duas a duas.



Figura 9 – Aspeto da sala do 2.º B

PROJETO CURRICULAR DE ESCOLA ORGANIZAÇÃO DO TEMPO LETIVO 2011/2012 PROFESSORA VÂNIA OLIVEIRA					
					
<h3 style="color: green;">Horário 2º Ano B</h3>					
2º Ano B	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9.00-9.50 10.00-10.50	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11.00 - 11.30	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO
11.30-12.10 12.10-13.00	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13.00-14.30	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO
14.30-15.20	Formação Pessoal e Social	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Inglês	Educação Musical
15.20-16.10	Biblioteca/Informática 15.00 – 16.00			Expressão Artística 15.20-17.00	Educação Física
16.10-17.00	Estudo do Meio				Formação Pessoal e Social 16.30 – 17h
17.00	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE
17.15	SAÍDA	SAÍDA	SAÍDA	SAÍDA	SAÍDA

(Horário sujeito a alterações)

Figura 10 – Horário do 2.º B

4.3 Relatos Diários

5 de março de 2012

Neste primeiro dia de estágio no 2.º ano B, à medida que iam chegando, os alunos iam relatando o que tinham feito durante o fim de semana. Depois, a pedido da professora, um a um, apresentaram-se a nós, estagiárias, e em seguida foi a nossa vez de nos apresentarmos.

Na aula de Matemática, fizeram a correção dos T.P.C. que consistia: na revisão de alguns conteúdos, nomeadamente a leitura de números por ordens e por classes; na identificação de figuras geométricas; no exercício de cálculo mental e de situações problemáticas.

Após o recreio, os alunos fizeram um ditado de palavras com os casos de leitura “ç” e “ss”, ditadas por mim, a pedido da professora.

Antes de irem almoçar, os alunos ordenaram um texto, cujos parágrafos estavam desordenados e depois responderam a algumas perguntas de interpretação acerca do mesmo.

Fundamentação teórica/ Inferências

O desenvolvimento da expressão e compreensão do oral na escola, segundo Sousa e Cardoso (2010), significa:

(...) um trabalho explícito, sistematizado e continuado sobre cada um destes aspectos. No entanto, e por tradição, o oral é raramente assumido como objecto de aprendizagem. Ao contrário da escrita e da leitura, são raros os momentos em que o trabalho sobre o oral na escola é intencional e se constitui como um fim em si mesmo – desenvolver técnicas e estratégias para aprender a falar e aprender a escutar melhor, tendo em vista o desenvolvimento dos desempenhos atrás enunciados. (p.15)

Ao relatarem o que fizeram durante o fim de semana, os alunos estão também a ser integrados para uma nova semana. O primeiro momento consiste principalmente em estabelecer um diálogo com todas as crianças. De acordo com Cordeiro (2010), este momento serve para «dar uma oportunidade de contar as novidades (...) e de desenvolver a memorização. Para além disso, as crianças aprendem a saber ouvir, a esperar pela sua vez e a estar com atenção, concentração e tranquilidade» (p. 371).

Cada momento inicial diário deve ser entendido como um espaço de acolhimento, onde se pode e deve dialogar com as crianças no sentido de as predispor para a ação educativa.

6 de março de 2012

Os alunos iniciaram o dia com Língua Portuguesa, fazendo a leitura em silêncio de um texto do manual *Pasta Mágica*. O texto em questão, em verso, intitula-se “Saber dar o lugar” e é da autoria de José Jorge Letria. Leram depois o texto em voz alta e, após, a professora colocou algumas questões sobre o texto, nomeadamente se era um texto escrito em prosa ou em poesia. Falaram nas estrofes, nos versos e nas rimas. Fizeram a interpretação e exploração gramatical. No final, fizeram um ditado.

Após o recreio, os alunos fizeram exercícios de revisão de Matemática. Estes exercícios consistiam na leitura de números por ordens e por classes, na identificação do algarismo de maior/ menor valor absoluto e algarismo de maior/ menor valor relativo e operações (multiplicações e divisões).

Fundamentação teórica/ Inferências

O ditado é uma prática frequentemente utilizada no ensino da leitura e da escrita. Para além de favorecer a aprendizagem do vocabulário, o ditado proporciona uma prática ativa e estruturada na escrita de palavras de um contexto e desenvolve a capacidade de concentração, pois «o exercício de registar com precisão as palavras exatas de orações ou parágrafos pode ser importante para desenvolver uma melhor perceção do uso dos matizes semânticos e sintáticos da linguagem» (Condemarin e Chadwick, 1987, p. 186).

O ditado é muitas das vezes utilizado pelo professor para avaliar a ortografia, pelo que se recorre muitas vezes a «um texto já preparado, com o único propósito de verificar se os alunos conhecem as regras de transcrição da ortografia padrão» (Teberoski e Colomer, 2003, p. 122).

Os ditados devem aumentar, de forma progressiva, o grau de dificuldade e sempre com um propósito significativo, para que a criança assimile, através da audição, as palavras, e consiga, através deste exercício, aprender corretamente a sua ortografia.

9 de março de 2012

Os alunos fizeram teste de Matemática, que teve início às 9h30 e terminou um pouco depois das 11h00. Antes de iniciarem o teste, a professora leu o enunciado com os alunos e deu as instruções necessárias.

Quando regressaram do recreio, em Língua Portuguesa, os alunos fizeram uma composição coletiva. A professora deu a escolher a alguns alunos uns cartões com a personagem, o lugar e a situação final e a partir dos mesmos foram estruturando a composição no quadro. Os alunos iam copiando, parágrafo a parágrafo, a história construída.

Fundamentação teórica/ Inferências

A escrita coletiva é uma atividade muito enriquecedora do ponto de vista da aprendizagem, pois permite «a realização de atividades diversas e que supõem atividades linguísticas diferentes» (Teberosky, 2002, p. 70). Neste tipo de atividades, ocorre uma distribuição das tarefas que a própria atividade implica, e a responsabilidade própria à sua realização, promovendo, assim, valores como a socialização, a partilha de ideias, cooperação e respeito.

Segundo Condemarín e Chadwick (1987), os comentários cruzados realizados em grupos «são essenciais para motivar os alunos a redigir; servem para mostrar-lhes as necessidades dos leitores ou ouvintes, e para ajudá-los a tomar decisões a fim de melhorar a composição» (p. 214). Na maioria das vezes, a produção de textos escritos é uma atividade individual, por isso os alunos se sentem tão motivados a participar neste tipo de produção que é própria da comunicação oral, ou seja, a partir de uma conversa, os seus interlocutores constroem o discurso.

Os alunos colaboraram de forma entusiasmada na realização desta atividade.

12 de março de 2012

Como é habitual neste Jardim-Escola, a professora iniciou o dia pedindo aos alunos que relatassem o seu fim de semana. Em seguida, pegaram na ficha de revisões de Língua Portuguesa que tinham levado para fazer durante o fim de semana e começaram a fazer a leitura em voz alta do texto *Joana-Ana*, de Matilde Rosa Araújo. Depois corrigiram as perguntas de interpretação. No domínio do Conhecimento

Explícito da Língua corrigiram exercícios em que tinham que identificar determinantes, nomes próprios, comuns e comuns coletivos, verbos e adjetivos, completar espaços com palavras da área vocabular e família de palavras, graus dos nomes, tempos verbais e tipos e formas de frases.

Após o recreio, a professora deu uma aula de leitura de números com os Calculadores Multibásicos. Pediu ainda que efetuassem uma subtração com empréstimo e respetiva prova dos nove.

Fundamentação teórica/ Inferências

Os Calculadores Multibásicos são um material matemático constituído por um conjunto de três placas de plástico, com cinco orifícios cada uma, e um conjunto de cinquenta peças em seis cores diferentes: dez peças amarelas, treze peças verdes, treze peças encarnadas, dez peças azuis, duas peças cor-de-rosa e duas peças de cor lilás. Estas peças encaixam umas nas outras e nos orifícios, formando “torres”. Os Calculadores Multibásicos permitem às crianças representar quantidades, efetuar cálculos e realizar leitura de números, começando por colocar as unidades no orifício mais à direita da placa.

As peças são normalmente agrupadas por cores para facilitar a sua contagem. Ao estabelecer o número de peças que devem constituir cada agrupamento estamos a definir uma base. Segundo Palhares (2004), a «Base dum sistema de numeração é o número de unidades de uma certa ordem com as quais se forma uma unidade de ordem imediatamente superior» (p.171).

Este material ajuda na construção de conceitos matemáticos, a partir dos conhecimentos que as crianças possuem, através das vivências do seu dia-a-dia e de experiências significativas que as conduzem a colocar hipóteses, a refletir e a tirar conclusões.

13 de março de 2012

Neste dia os alunos fizeram teste de Língua Portuguesa até às 11h00. Durante o mesmo, a professora informou as estagiárias das datas das aulas programadas.

Depois do recreio, os alunos fizeram alguns exercícios para treinar os conteúdos nos quais tinham tido maiores dificuldades no teste da semana anterior, nomeadamente no reconhecimento de algumas figuras geométricas e nas operações.

Fundamentação teórica/ Inferências

Ao realizarem exercícios de treino das operações matemáticas, os alunos vão ao encontro do estipulado pelo *Programa de Matemática para o Ensino Básico*. Na verdade, neste *Programa* (Ministério da Educação, 2007) refere-se que «nos dois primeiros anos, valoriza-se o cálculo numérico na representação horizontal, permitindo que seja levado a cabo um trabalho consistente com os números e as operações ligado ao desenvolvimento do sentido de número» (p. 13-14). Segundo Ponte e Serrazina (2000)

(...) a compreensão global dos números e das operações bem como a sua utilização de maneira flexível para fazer julgamentos matemáticos, desenvolve estratégias úteis de manipulação dos números e operações. O reconhecimento e a utilização de diferentes formas de representação das operações são um facilitador de apreensão de conceitos (p. 135).

Por isso, é importante que os professores, quando solicitam aos alunos a realização de operações, o façam recorrendo a diversas estratégias de cálculo, visto estas desenvolverem nos alunos a capacidade de concretização de resolver várias operações do quotidiano.

16 de março de 2012

Neste dia estava programada a minha manhã de aula nesta turma.

Iniciei com a aula de Estudo do Meio. O tema abordado foi o Sistema Solar. Através de uma apresentação em *PowerPoint*, decidi criar uma personagem (um astronauta) ao qual os alunos deram o nome Tiago; depois, convidei os alunos a fazerem uma viagem ao espaço. Simulámos a descolagem de um foguetão e, deste modo, apresentei os planetas do Sistema Solar. Ao mesmo tempo, fomos dialogando sobre as características de cada um dos planetas. Porém, quando terminei a apresentação, entrou na sala uma das supervisoras da Prática Pedagógica, a professora Isabel Ruivo, que me pediu para dar uma aula surpresa sobre leitura de números com o material Cuisenaire.

Enquanto fui arrumando a sala, as minhas colegas estagiárias foram buscar o material para distribuir às crianças e, finalmente, quando todos tinham o material, dei início à aula. Por nunca ter assistido a uma aula dada com este material e conseqüentemente não saber como iniciar a aula, decidi rever com os alunos as cores de todas as peças e os respectivos valores e pedi para representarem a “escadinha”. Em seguida, pedi que representassem 12 unidades com duas peças do Cuisenaire. À medida que os alunos iam dando hipóteses eu representava as mesmas no quadro. Peguei na peça verde escura (que representa seis unidades) e perguntei como, utilizando uma outra peça (sem ser a peça verde escura), poderia obter a mesma quantidade. Os alunos não conseguiram chegar lá e por isso expliquei que cruzando a peça encarnada sobre a peça verde escura estávamos a multiplicar: $2 \times 6 = 12$. A partir do exemplo pedi que representassem os números: 20 e 131.

Às 11 horas, como é hábito, eu e as demais estagiárias reunimos com as supervisoras da Prática Pedagógica para fazer a reflexão sobre as aulas decorridas nesta manhã.

Fundamentação teórica/ Inferências

O Sistema Solar é um dos temas de Estudo do Meio que mais agrada às crianças. Desperta sempre neles muita curiosidade, vontade de fazer perguntas e também de mostrarem o que já sabem acerca do tema. De acordo com VanCleave (1991), «o estudo da Astronomia, tal como qualquer outra ciência, visa essencialmente os caminhos para a resolução de problemas e para a descoberta da razão pela qual os fenómenos se realizam da maneira como o fazem» (p. 15).

De acordo com o *Programa de Estudo do Meio* para o 1.º Ciclo, é importante estimular a curiosidade dos alunos pelos fenómenos naturais. Como tal, estes devem ser «encorajados a levantar questões e a procurar respostas para eles através de experiências e pesquisas simples» (Ministério da Educação, 2006, p. 115).

Foi bom ver que os alunos estavam motivados e que a estratégia que utilizei, simulando uma viagem ao espaço, foi bem-sucedida. Ao estarem motivados numa determinada atividade, os alunos obtêm mais facilmente sucesso, pois, como refere Estanqueiro (2010), «a motivação facilita o sucesso. Por sua vez, a conquista do sucesso reforça a motivação. É um círculo virtuoso» (p. 11). A motivação de um grupo é uma grande ajuda para o sucesso de uma aula. Por isso, tanto os alunos como os professores devem estar motivados. No entanto, não é só a motivação dos alunos que importa, já que «a motivação dos professores condiciona a motivação dos alunos» (p.

31). Assim, é importante passar à turma confiança e entusiasmo à medida que se aborda algum tema ou conteúdo programático. Os alunos ao perceberem o entusiasmo do professor, eles próprios se motivam e se entusiasмам. As estratégias usadas pelo professor condicionam em grande medida a motivação do outro para aprender. Se os alunos não estiverem motivados o processo de ensino/aprendizagem, este é dificultado.

19 de março de 2012

Neste dia retomei a aula que tive que interromper no dia anterior. Por não ter concluído a aula sobre o Sistema Solar, decidi fazer uma pequena revisão com os alunos. No final, distribuí um envelope com imagens dos planetas e respectivas legendas e uma ficha onde cada aluno tinha de colar os planetas na posição certa em relação ao Sol e fazer a sua legendagem.

Depois do recreio, iniciei a aula de Língua Portuguesa sobre o grau comparativo dos adjetivos. A partir do tema da aula de Estudo do Meio, pedi a colaboração de um aluno para descrever e comparar alguns planetas do Sistema Solar. Mas, uma vez mais, tive que interromper a aula, pois os alunos tinham a visita da escritora Sílvia Alves que chegou antes da hora combinada e, por isso, os alunos tinham que ir assistir. Nesse encontro, a escritora Sílvia Alves falou um pouco sobre si e sobre os seus livros e depois deu a palavras aos alunos que quiseram fazer algumas perguntas.

No início da tarde, retomei a aula de Língua Portuguesa e expliquei o que é um adjetivo, para que serve e a flexão em grau. Depois, através da apresentação em *PowerPoint*, dei vários exemplos do grau comparativo de superioridade, inferioridade e de igualdade. Por fim, distribuí uma proposta de trabalho (v. Anexo 1) aos alunos e fizemos a respetiva correção no quadro.

No âmbito da Matemática, resolvemos duas situações problemáticas não-rotineiras (v. Anexo 2).

Fundamentação teórica/ Inferências

A visita de um escritor ou ilustrador à escola é um acontecimento pontual na vida da escola e dos alunos e pode, se o encontro correr bem, ser frutuoso. De acordo com Bastos (1999):

Para que o seu impacto seja mais duradouro, é importante que esse encontro esteja integrado num plano de acção mais global. Pode possibilitar momentos de intenso envolvimento com o livro, nas diferentes fases do processo: preparação; o próprio contacto; actividades anteriores e posteriores (p.295).

A escritora não leu nenhuma das suas histórias aos alunos, mas sim a história de um escritor galego, o que fez com que os alunos perdessem o entusiasmo e interesse, gerando algum burburinho e algumas conversas paralelas.

20 de março de 2012

Neste dia, a estagiária Ana N. deu a sua manhã de aulas. Iniciou com a área de Estudo do Meio, abordando as fases da lua (quarto crescente, quarto minguante, lua nova e lua cheia). Depois, propôs aos alunos uma atividade que consistia em colar a imagem e legendar.

Na área da Matemática, o tema da aula foi as horas. A Ana distribuiu vários relógios em cartolina, para cada dois alunos, e explicou como funcionavam os ponteiros das horas e dos minutos. Os alunos realizaram alguns exercícios recorrendo aos relógios que tinham sido distribuídos anteriormente.

Na área da Língua Portuguesa, o tema da aula foi a notícia. Para explicar a constituição de uma notícia, a Ana recorreu a um jornal que trouxe para exemplificar. Mostrou também um jornal antigo e os alunos puderam constatar as diferenças e comparar com os jornais da atualidade. Posteriormente, distribuiu um pequeno exercício que consistia em identificarem, numa notícia, o título, o lead e o corpo da notícia. No final, construíram uma notícia em conjunto.

Fundamentação teórica/ Inferências

Para desenvolverem a noção de tempo é importante que os alunos adquiram noções como a passagem do tempo, intervalo de tempo e instante de tempo. Estas noções devem ser adquiridas antes de aprenderem a ver as horas.

De acordo com Spodek e Saracho (1998), «o tempo é abstrato, o que faz dele uma dimensão difícil de ser medida pelas crianças pequenas. Na verdade, nós não ensinamos as crianças a medirem o tempo, e sim a lerem os instrumentos que o medem» (p.316). Para estes autores, na aprendizagem das horas, existem dois processos envolvidos que têm que ser abordados separadamente: «Um deles é a da

leitura dos relógios e calendários, e outro é a medição de algo que não pode ser visto nem tocado. A passagem do tempo é percebida subjetivamente» (p. 316).

Assim, é importante que a escola desenvolva, em primeiro lugar, a noção de tempo e só depois se dê atenção à medida da grandeza tempo.

23 de março de 2012

Neste dia foi a minha colega de estágio Catarina L. que deu a sua manhã de aulas.

Iniciou com a área de Estudo do Meio, onde abordou a noite e o dia, integrados no tema: Aspectos Físicos do Meio Local. Recorreu ao uso de um *PowerPoint* para explicar aos alunos como é que este fenómeno acontecia e, no final, distribuiu aos alunos uma ficha formativa para os alunos fazerem. Depois, fizeram a correção e receberam uma ficha informativa para colocarem nos dossiês.

Na área da Matemática, a Catarina fez situações problemáticas com horas.

Depois do recreio, na área de Língua Portuguesa, a Catarina fez a leitura modelo de *A Bruxa Mimi* e depois pediu aos alunos para lerem. Após a leitura, entregou-lhes um envelope com frases, as quais os alunos deveriam ordenar para formarem a correta sequência da história.

Fundamentação teórica/ Inferências

Ao longo desta manhã de aula, verifiquei que a Catarina não estabeleceu uma aproximação com as crianças, pois os alunos não participaram da forma entusiasmada que lhes é habitual. De acordo com Dean, Marchesi e Martin (citados por Morgado, 2004, p. 97), «o estabelecimento de um clima relacional, afetivo e emocional, baseado na confiança e aceitação mútuas, parece constituir um fator extremamente contributivo para a qualidade de acção educativa». Esta é uma turma muito interessada, principalmente com o Estudo do Meio, e foi precisamente durante esta aula que os alunos fizeram maior silêncio e onde se notou maior desinteresse.

Na aula de Matemática, gerou-se alguma indisciplina, pois a Catarina não soube criar um clima de apoio, de motivação e interesse pelas atividades que preparou. Como refere Stoll (citado por Morgado, 2004, p. 97), «a existência de um clima positivo na sala de aula contribuirá, à escala para que toda a comunidade

educativa estabeleça um bom clima de trabalho que se revele acolhedor para os alunos».

Na aula de Língua Portuguesa, a Catarina não fez uma boa leitura modelo, pois não foi expressiva e não cativou os alunos.

Como afirma Gomes (1996), «só transmite o gosto de ler quem tem enraizada a paixão pelos livros e foi formado no sentido de a saber comunicar» (p. 12). O professor para motivar os alunos para a leitura deverá ele próprio estar interessado, motivado e mostrando prazer naquilo que lê, só assim poderá transmitir o mesmo prazer aos seus alunos.

10 de abril de 2012

Neste dia, a manhã de aulas foi dada pela colega estagiária Sónia G.

Por ser o primeiro dia de aulas depois das férias da Páscoa, os alunos começaram por partilhar o que fizeram durante as suas férias. Posteriormente, a Sónia G. disse aos alunos que iriam fazer uma composição coletiva. Tinha vários cartões com as personagens, espaço e cartão extra. Esta atividade prolongou-se até depois do recreio.

A atividade demorou mais tempo do que era suposto e por isso a colega regressou na parte da tarde para dar a aula de Matemática e Estudo do Meio.

Fundamentação teórica/ Inferências

O exercício proposto pela Sónia ajusta-se às estratégias resultantes do estudo de Vladimir Propp. Este estudo foi relatado no livro *Morfologia do Conto*. Propp comprovou que os contos da tradição oral russa, especificamente o conto maravilhoso, ou seja, aquele que é definido como «qualquer desenrolar de acção que parte de uma malfetoria ou de uma falta, e que passa por funções intermédias para ir acabar em casamento ou em outras funções utilizadas como desfecho» (Propp, 1983, p. 44), têm todos a mesma estrutura.

Assim, há «uma narração construída segundo a sucessão regular das funções» (Propp, 1983, p.153), que Propp apurou serem trinta e uma. Elas iniciam-se com o afastamento do espaço de origem do protagonista e terminam com a punição do malfeitor e com o casamento (ou outra recompensa) do herói. A partir deste estudo,

vários autores começaram a propor exercícios didáticos, em torno do que lhe designa habitualmente por “Cartas de Propp”.

Gianni Rodari, em *A Gramática da Fantasia*, é um desses autores. Insistindo nas vantagens de desenvolver a imaginação com propostas didáticas em torno do conto e da sua estrutura, Rodari (2006) afirma:

(...) as crianças adoram misturar as cartas, improvisando regras: tirar três ao acaso e construir com elas uma história completa; a partir da última carta da série; dividir o baralho entre dois grupos, e compor duas histórias ao desafio. Muitas vezes basta uma simples carta para sugerir um conto (p. 96).

Este tipo de exercício permite um trabalho coletivo e estimula as crianças a construírem histórias, desenvolvendo a imaginação e o domínio da língua.

13 de abril de 2012

Neste dia a estagiária Ana N. deu uma aula de treino para a sua aula assistida. Estabeleceu com os alunos um diálogo, enquanto os restantes iam chegando.

Na área de Língua Portuguesa falou sobre a carta, sobre os constituintes do sobrescrito, nomeadamente, remetente, destinatário e selo. A Ana trouxe um envelope grande muito apelativo e que continha lá dentro uma carta. Antes de o abrir, criou nos alunos alguma surpresa, pois eles estavam curiosos para saber se lá dentro tinha algo. Quando a Ana abriu a carta, esta era também de tamanho grande. Colocou-a no quadro e alguns alunos leram-na em voz alta. De seguida, explicou-lhes como se constrói uma carta (local, data, saudação, introdução, corpo da carta, conclusão e despedida) e fez a distinção entre carta formal e informal.

O conteúdo da carta falava em União Europeia que era o tema da aula que se seguia. No entanto, e para consolidar o que tinham aprendido sobre a carta, foi-lhes distribuída uma tarefa que consistia em preencherem um sobrescrito onde tinham que indicar em que local se colocava o remetente, o destinatário e o selo.

Na área de Estudo do Meio, com o apoio de um mapa da Europa, a Ana falou de todos os países da União Europeia, localizou-os sempre no mapa e colocou no quadro imagens das bandeiras que correspondiam a cada país, bem como o nome do país. Depois, explicou que alguns desses países partilham a mesma moeda, o Euro, e disse quais eram.

Na área da Matemática, distribuí o 5.º Dom de Fröbel e deu instruções para a construção do “centro comercial”. Após a construção, os alunos resolveram uma situação problemática contada através de uma história. Foram-lhes distribuídas notas e moedas (euros) e os alunos tiveram que resolver a situação problemática utilizando o dinheiro.

Depois do recreio, a partir da construção que os alunos já tinham feito, a professora cooperante pediu ao meu par de estágio que construísse com as crianças o “colégio”. A colega Catarina teve 10 minutos para preparar-se e depois iniciou então a construção. Contudo, não conseguiu fazê-la e consultou diversas vezes no livro como é que a mesma se fazia. Pediu à professora cooperante para fazer uma outra e a professora aceitou. Porém, uma vez mais não conseguiu concretizá-la.

Fundamentação teórica/ Inferências

É importante que numa aula o professor recorra a diversos recursos para facilitar o processo de ensino e aprendizagem, tal como o fez a colega Ana N.

Pereira (1992, p. 139) sustenta que os recursos «constituem um material precioso e um suplemento necessário para atingir os objetivos de aprendizagem»; para esta autora, os «recursos (também designados por recursos auxiliares ou meios auxiliares) incluem todos os materiais com que o professor trabalha para fazer com que o processo de aprendizagem seja mais eficaz na sala de aula e na escola em geral».

No que diz respeito à utilização de mapas, Proença (1989, p. 296) refere que «existem diversos tipos de mapas (políticos, físicos, económicos, etc.) mas qualquer deles só terá eficácia se o professor ensinar os seus alunos a lê-lo corretamente». Num outro documento, a mesma autora defende que «a imagem pode desempenhar um papel tão importante como o documento escrito (...) já que, através dela, é possível transmitir um número quase ilimitado de informações (...)» (Proença, 1990, p.105).

O uso destes materiais em sala de aula favorece a motivação dos alunos e ajuda no desenvolvimento da observação. Assim, a utilização do mapa da Europa e sequente recurso às bandeiras por parte da colega complementaram e enriqueceram a exposição feita em aula.

16 de abril de 2012

Neste dia a colega Ana N. deu a sua aula programada.

Antes de a professora da Supervisão Pedagógica chegar à sala, a professora cooperante foi dialogando com os alunos sobre o seu fim de semana. Depois, os alunos fizeram a leitura silenciosa de um texto do manual, “Chapéus há muitos”, de António Torrado (retirado do livro *Da rua do contador para a rua do ouvidor*). Em seguida, fizeram um ditado.

Por volta das 10h30, chegou a professora Paula Colares Pereira que veio assistir à aula da estagiária Ana N.

A colega iniciou a aula com a área de Língua Portuguesa e começou por distribuir um cartão a cada menino. Uns tinham uma palavra, outros tinham uma imagem. Como o tema da aula eram as onomatopeias, a ideia era que os alunos associassem as onomatopeias às imagens (como, por exemplo, “miau, miau” à imagem de um gato). A Estudo do Meio, a aula foi sobre o pássaro do amor. A Ana levou o pássaro e mostrou-o a todos os alunos e foi-lhes falando das suas características (caraterísticas das aves). Na aula de Matemática, o tema abordado foram as combinações. Aproveitando o tema da aula de Estudo do Meio, a Ana fez combinações com os pássaros do amor, sendo o objetivo saber quantos casais se podiam obter, sabendo que existiam 3 machos e 2 fêmeas. Os alunos fizeram as respetivas combinações.

Após o recreio, fomos reunir com as professoras supervisoras da Prática Pedagógica.

17 de abril de 2012

Hoje a minha colega de estágio, Catarina L., deu uma aula de treino para a sua aula assistida.

Iniciou com a área de Estudo do Meio, falando sobre os países da União Europeia e depois falou sobre a moeda europeia, o Euro. Na aula de Matemática, o tema era o sistema monetário. A Catarina realizou com os alunos algumas situações problemáticas com euros. A Língua Portuguesa, abordou as funções sintáticas da frase (sujeito / predicado).

Depois de virem do recreio, os alunos tiveram Clube de Ciência com o professor Pedro Fidalgo, que realizou com os alunos uma experiência sobre o equilíbrio. Antes de dar início à experiência, fez uma breve introdução teórica, explicando a noção de gravidade e forças, dando exemplos. Depois distribuiu o protocolo experimental e procedeu à realização da experiência “o equilíbrio e o equilibrista”. No final, os alunos registaram o que observaram da experiência.

Antes de irem para o almoço, os alunos fizeram um exercício de lateralidade com a professora da turma.

Enquanto discutimos as aulas com a professora cooperante, os alunos fizeram uma cópia de um texto em rima sobre a tabuada.

Fundamentação teórica/ Inferências

Os exercícios de lateralidade são exercícios fundamentais para a definição da lateralidade e para a prevenção de problemáticas como a dislexia, discalculia e disortografia. Estes exercícios permitem desenvolver nas crianças várias componentes fundamentais, tais como: o esquema corporal, equilíbrio, coordenação, estruturação espacial e temporal. Segundo Condemarin e Chadwick (1987), «a lateralidade gráfica implica uma actividade altamente simbólica que requer uma organização perceptiva motora específica e complexa. A lateralidade é expressa em actividades de manipulação e heterogéneas» (p. 29).

Nesse sentido, é pois necessário que a criança conheça e compreenda o seu corpo para controlar melhor os seus movimentos, visto ser através do movimento dinâmico que se consegue o controlo do corpo.

20 de abril de 2012

Neste dia, o Jardim-Escola recebeu a visita de alguns pais que assistiram e participaram nas atividades escolares.

A professora iniciou a manhã com a área da Matemática e utilizou o material estruturado Pentaminós. Como foi a primeira vez que os alunos trabalharam este material, a professora Vânia explorou com eles as características do material. Depois, abordou a noção de área. Os alunos classificaram as figuras quanto à forma e quanto à cor. Como as peças são constituídas por cinco quadrados, a professora explicou que

cada quadrado correspondia a uma unidade de área, logo cada figura tinha cinco unidades de área. Em seguida, pegaram em duas peças e desenharam-nas numa folha quadriculada. Os pais foram ajudando os filhos na tarefa.

Por volta das 10h30, os alunos, juntamente com os pais, desceram até à sala de expressão plástica, onde a professora Lúcia os esperava para fazerem um origami da baleia. Esta atividade foi também partilhada com os pais.

Após o recreio, os alunos foram para até ao ginásio para a “hora do conto”. Lá, encontrava-se um senhor que fez a dramatização da história do livro *Sobe e desce*, de Oliver Jeffers. Esta história falava sobre um menino que ajuda o seu amigo pinguim a voar.

Quando regressaram à sala de aula, na área de Língua Portuguesa, a professora pediu aos pais para lerem *As consultas do Dr. Serafim e a bronquite da senhora Adriana*, uma história de Rosário Alçada Araújo. A professora pediu aos alunos para que, à medida que fossem ouvindo onomatopeias, as registassem numa folha. Para terminar a manhã, os alunos tinham uma surpresa para os pais. A professora colocou a música *Ser poeta*, de Florbela Espanca, cantada por Luís Represas. Foi um momento muito bonito.

Fundamentação teórica/ Inferências

É importante a vinda dos pais à escola e que estes participem nas atividades dos filhos. Segundo Marques (1991):

(...) os estudos sobre as práticas de envolvimento dos pais nas escolas mostram que os pais beneficiam no seu papel de educadores. Os alunos também beneficiam porque aprendem mais e revelam maior motivação para o estudo. Os professores beneficiam porque ficam a compreender melhor as necessidades e as características das famílias, podendo mais facilmente adaptar o currículo aos vários tipos de alunos e introduzir componentes curriculares que aproximem a escola das culturas comunitárias. (p. 8)

Escolas e famílias deverão trabalhar em conjunto para um maior relacionamento mútuo, visando a produção de melhores contextos educativos para os seus educandos.

Na opinião de Reis (2008, p. 76), «um maior envolvimento parental está associado a menos problemas emocionais/ comportamentais». Assim sendo, atividades como as feitas no Jardim-Escola João de Deus, nomeadamente e entre outras, os dias de vinda dos pais à escola, fazem todo o sentido.

23 de abril de 2012

Neste dia, um dos alunos pediu à professora para ler à turma um texto que tinha feito para a professora. Depois relataram o seu fim de semana.

Na área da Matemática, tomando como unidade as peças do material Cuisenaire, a professora abordou a noção de perímetro. Através de situações problemáticas, os alunos foram calculando o perímetro de várias construções feitas com este material estruturado. No final, representaram as mesmas numa folha de papel quadriculado.

Após o recreio, foi-lhes entregue uma ficha com exercícios para conjugarem verbos (presente, passado e futuro) e classificarem palavras quanto à classe e subclasse (nomes comuns, comuns coletivos, determinante e adjetivos).

Fundamentação teórica/ Inferências

É fundamental que os alunos possam representar as suas ideias matemáticas de diversas maneiras. De acordo com Spodeck e Saracho (1998), «para além das formas convencionais, podem usar materiais manipuláveis, os dedos, a língua natural, desenhos e diagramas. Através do uso de todas estas representações, desenvolvem as suas imagens mentais das ideias matemáticas» (p.42). Para além disso, a utilização de materiais manipulativos «ajudam as crianças a entenderem conceitos e processos através da aplicação prática e concreta das ideias que aprendem» (p. 320).

O recurso aos materiais manipulativos permitiu que, nesta aula, os alunos representassem de forma concreta o cálculo do perímetro de uma figura.

24 de abril de 2012

Neste dia, conforme combinado com a professora Vânia, dei a minha segunda manhã de aulas nesta turma².

Iniciei com a aula de Língua Portuguesa. Falei sobre a importância dos sinais de pontuação e dos auxiliares de escrita. Coloquei no quadro imagens, preparadas previamente, dos sinais de pontuação e dos auxiliares de escrita,. Pedi a alguns alunos que viessem procurar, num conjunto de legendas que eu levei para a aula,

² Esta aula será comentada no Capítulo 2 – Planificações.

colocandas em cima de uma mesa, a que continha a descrição da função de cada sinal de pontuação e auxiliar de escrita e que a fizessem corresponder à respetiva imagem. Depois, entreguei uma proposta de trabalho aos alunos. No final, fiz a leitura modelo do texto “Ponto Final”, de António Torrado, e após pedi a alguns alunos para lerem o texto em voz alta.

Na aula de Estudo do Meio, falei sobre os meios de comunicação pessoal e social. Apresentei várias imagens dos meios de comunicação pessoal e social, falando sobre cada uma. Entreguei uma proposta de trabalho aos alunos, que consistia em distinguirem os meios de comunicação pessoal dos meios de comunicação social.

Na área da Matemática, partindo dos conhecimentos que os alunos já tinham, recordámos a noção de perímetro e unidade de perímetro. Expliquei que as unidades de perímetro se podem associar às medidas de comprimento e introduzi o metro e os seus submúltiplos. Depois, propus aos alunos a construção de diferentes figuras com o material Cuisenaire e que a cada unidade de medida fizessem corresponder o cm.

27 de abril de 2012

Nesta manhã de aulas, a estagiária Sónia G. deu aula de Matemática e a estagiária Ana N. deu aula de Língua Portuguesa, conforme havia sido combinado com a professora cooperante.

A Sónia abordou o conceito de perímetro recorrendo ao material estruturado Pentaminós. Os alunos colaram as figuras dos Pentaminós que lhes tinham sido entregues numa folha e depois calcularam o seu perímetro.

Depois do recreio, a Ana deu uma aula sobre o grau superlativo dos adjetivos. Fez uma revisão dos graus normal e comparativo e, com recurso a imagens muito apelativas, explicou como se formava o grau superlativo, exemplificando com frases.

5. 5.º Momento de estágio (1.º ano B)

Este 5.º Momento de Estágio foi realizado entre dia 30 de abril de 2012 e o dia 22 de junho de 2012, no Jardim-Escola João de Deus da Estrela. Foi efetuado na sala do 1.º Ano (Bibe Castanho), turma B, com a Professora Cooperante Paula Toscano.

5.1 Caracterização da turma

A turma do 1.º ano B é constituída por 27 alunos: 13 elementos do sexo feminino e 14 elementos do sexo masculino. No início do ano letivo, 13 alunos não tinham completado ainda os 6 anos de idade.

No dia em que a professora Paula Toscano deu informações sobre o aproveitamento da turma, não estava presente na sala de aula.

5.2 Espaço e horário

A sala do 1.º Ano B está situada no rés-do-chão e é muito pequena. Tem vinte e sete mesas individuais, muito perto umas das outras, sendo o espaço entre elas quase inexistente. Tem um quadro verde, para uso do giz, ao meio da parede, e nas paredes dos dois lados deste quadro, um quadro branco, onde a Professora expõe os trabalhos e alguns materiais. Numa das paredes há duas grandes janelas viradas para a entrada do Jardim-Escola.



Figura 11 – *Aspeto da sala do 1.º ano B*

PROJETO CURRICULAR DE ESCOLA
ORGANIZAÇÃO DO TEMPO LETIVO 2011/2012
PROFESSORA: PAULA TOSCANO



Horário 1º Ano B

1º Ano B	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9.00-9.50 10.00-10.50	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11.00 - 11.30	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO	RECREIO
11.30 -12.00					Matemática
12.00 – 13.50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Educação Musical 12.10 – 13.00
	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO	ALMOÇO E RECREIO
14.30-15.20	Inglês	Formação Pessoal e Social	Estudo do Meio		Matemática
15.20-16.10	Expressão Artística	Estudo do Meio		Estudo do Meio	Estudo do Meio
16.10-17.00		Biblioteca/Informática 16.00-17.00	Formação Pessoal e Social		Educação Física
17.00	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE	LANCHE
17.15	SAIDA	SAIDA	SAIDA	SAIDA	SAIDA

(Horário sujeito a alterações)

Figura 12 – Horário do 1.º Ano B

5.3 Relatos Diários

30 de abril a 7 de maio de 2012

Durante este período, não assisti ao estágio pois realizou-se a viagem de finalistas à Tunísia.

8 de maio de 2012

Os alunos fizeram teste de avaliação formativa em Língua Portuguesa. Começaram por fazer a leitura em silêncio do texto contido no enunciado. De seguida, a professora leu-o em voz alta e deu as instruções para a realização do teste. Enquanto os alunos faziam o teste, eu e as minhas colegas marcámos com a professora as aulas programadas e definimos temas.

Depois do recreio, os alunos fizeram alguns exercícios de treino das tabuadas.

Fundamentação teórica/ Inferências

Exercitar a tabuada é indispensável para o desenvolvimento dos cálculos matemáticos, pois, como defende Mialaret (1975, p. 75), «o importante é pôr em evidência a estrutura da nossa numeração decimal e ensinar o aluno a aplicar os resultados obtidos em situações análogas». Os alunos devem praticar a memorização deste conteúdo, quer através de chamadas, quer através do treino em papel.

Esse exercício é indispensável, visto que a repetição conduz à memorização e «sem memorizar não se consegue relacionar, actividade fundamental no desenvolvimento das aprendizagens» (Sanches, 2001, p. 54). A tabuada deve ser repetida um grande número de vezes, para que as crianças adquiram o mais completo automatismo e, conseqüentemente, o seu domínio.

11 de maio de 2012

A professora iniciou a manhã com a área da Matemática, recorrendo aos Calculadores Multibásicos. Pediu a alguns meninos para distribuírem o material pelos colegas e depois ditou alguns números. Pediu que fizessem a leitura por cores (relembrando que a mesma era feita da esquerda para a direita) e solicitou a uma criança que representasse o número ditado no quadro. Depois, fizeram a leitura por ordens, por classes. Perguntou qual o algarismo de maior e menor valor absoluto, o algarismo de maior e menor valor relativo e pediu também a um aluno que fosse ao quadro fazer a decomposição desse número. Entregou, posteriormente, uma folha com exercícios semelhantes para os alunos fazerem nos lugares.

Quando regressaram do recreio, a professora leu a história “A Menina Verde”, do livro *Gente Gira* de Luísa Ducla Soares. Após, fizeram um exercício de expressão escrita: a partir da proposta “Se eu fosse muito verde...”, tinham que escrever pelo menos duas frases e para cada frase tinham que fazer uma ilustração.

14 de maio de 2012

A colega Ana N. deu a sua primeira manhã de aulas nesta turma.

A Ana iniciou a aula de Estudo do Meio com a apresentação de um *PowerPoint*, simulando com os alunos uma viagem ao espaço para conhecerem

melhor o planeta Terra. À medida que as imagens do *PowerPoint* iam passando, a colega ia dialogando com os alunos sobre as características do nosso planeta. No final da apresentação, fizeram uma sopa de letras para consolidar o que tinham aprendido.

Na aula de Língua Portuguesa, fizeram uma composição coletiva. A Ana trouxe um esquema com imagens, a partir do qual tinham que escolher os objetos e personagens para a composição; depois, foram dando novas ideias. Conforme iam criando o texto, a Ana foi escrevendo-o no computador para que os alunos o passassem para a folha.

Na aula de Matemática, o tema abordado foi o conceito de metade. Recorrendo a material não estruturado, os alunos realizaram alguns exercícios para treinar a metade.

Fundamentação teórica/ Inferências

No ambiente escolar, a escrita torna-se numa modalidade de conduta de comunicação, constituindo-se para a criança como um necessário e imprescindível instrumento. De facto, como defendido por Condemarin e Chadwick (1986):

(...) quando uma criança escreve uma carta, uma história ou um convite, demonstra suas habilidades para transmitir suas ideias mediante símbolos visuais, para ordenar sequências, estabelecer relações, antecipar a correta colocação das palavras ou ideias e para seleccionar as formas mais aceitáveis em cada combinação de palavras, frases, orações e parágrafos. (p.20)

A criança, ao escrever codifica os seus pensamentos por meio de símbolos levando o leitor ou o ouvinte a descodificá-los em detrimento dos seus esquemas e códigos pessoais. Quando faz histórias, como no caso de hoje, desenvolve, ainda, a imaginação.

15 de maio de 2012

Esta manhã de aula foi conduzida pela minha colega de estágio Catarina L.

Na aula de Estudo do Meio, a Catarina apresentou um *PowerPoint* sobre o Sistema Solar, falou sobre como surgiu o universo e sobre a Via Láctea. No final distribuiu uma proposta de trabalho que consistia em colar as imagens dos planetas por cima da legenda correta. A Língua Portuguesa fez a leitura em voz alta do texto *Quero Ser Astronauta* e pediu depois para que alguns alunos lessem também e depois

fez algumas perguntas de interpretação. Na área da Matemática fez com os alunos a construção da mobília da sala com os 4.º e 5.º Dons de Fröbel e a partir da mesma os alunos resolveram algumas situações problemáticas.

18 de maio de 2012

Neste dia, a professora pediu aos alunos para fazerem a leitura silenciosa do texto “O Escaravelho”, de Álvaro de Magalhães, inserido no manual escolar. Fez a leitura modelo e pediu aos alunos para lerem. Explicou-lhes que ia fazer avaliação da leitura. Fazendo interdisciplinaridade com a área de Estudo do Meio, mostrou-lhes um escaravelho, dialogou com eles acerca das características do mesmo.

Aproveitado o número de patas de um escaravelho, aproveitou para fazer algumas perguntas relacionadas com a área Matemática, nomeadamente, “se um escaravelho tem seis patas, quantas patas têm 2 escaravelhos?” e “se um escaravelho tem duas antenas, quantas antenas têm 5 escaravelhos?”. Pediu a uma aluna que viesse ao quadro representar como tinha chegado à resposta.

No âmbito da Língua Portuguesa, perguntou aos alunos o título do texto, o número de parágrafos e algumas perguntas de gramática, nomeadamente a classificação da palavra “escaravelho” quanto à classe (nome comum) e subclasse (género masculino e número singular). Depois, os alunos sublinharam algumas palavras do texto e alguns deles soletraram essas mesmas palavras. Sempre que um aluno conseguia soletrar bem a palavra, a professora dava um reforço positivo. No final fizeram um exercício ortográfico.

Quando regressaram do recreio, os alunos fizeram uma ficha formativa com duas perguntas de interpretação, um exercício para ordenar frases, de 1 a 5, de acordo com os acontecimentos do texto e um exercício com sílabas para ordenar e formar palavras.

Por volta das 12 horas, os alunos tiveram aula de música. Nesta aula aprenderam canções novas.

Fundamentação teórica/ Inferências

Através do tema do texto de Língua Portuguesa, a professora abordou as características dos escaravelhos, ligando assim à área de Estudo do Meio. Segundo

Pombo *et al.* (1994, p. 25), a interdisciplinaridade é um termo «comummente utilizado para abarcar uma gama de práticas na realidade diferenciadas. No entanto, elas têm em comum a colocação em rede de saberes e de competências provenientes de diferentes campos disciplinares». Para Piaget (citado em Pombo *et al.*, 1994, p. 10), a interdisciplinaridade «é objecto de significativas flutuações: a simples cooperação de disciplinas ao seu intercâmbio mútuo e integração recíproca ou, ainda, a uma integração capaz de romper a estrutura de cada disciplina e alcançar uma axiomática comum».

Partindo das características dos animais, a professora partiu para a realização de problemas de cálculo mental. De acordo com Spodek e Saracho (1998, p. 319), «Uma forma de introduzir a matemática no programa é pela criação de um currículo totalmente integrado. Mesmo sem um currículo totalmente integrado, podem ser encontradas maneiras de reunir as ideias de diferentes áreas». Assim, confirmei observando a prática da professora, como, a partir de um só texto, foi possível trabalhar todas as áreas curriculares.

21 de maio de 2012

Neste dia, por motivos pessoais, a professora Paula chegou mais tarde. Para a substituir veio a professora Maria. Iniciou a aula com a leitura em voz alta do texto, do manual escolar, “A minha aldeia é Lisboa” e depois todos os alunos leram em voz alta. Após terem lido o texto, fizeram a interpretação do mesmo. No final, fizeram um ditado.

Partindo do tema da aula de Língua Portuguesa, a professora aproveitou para falar nas diferenças entre a cidade e a aldeia e através de algumas imagens. Os alunos foram relacionando as mesmas com estes dois meios.

Após o recreio, os alunos tiveram aula de Matemática dada por mim. O tema da aula foi a leitura de números até às centenas de milhares. Através da apresentação em *PowerPoint* de uma história, lembrei a leitura por ordens e por classes. Depois, distribuí os Calculadores Multibásicos e dei um número para que os alunos o representassem com este material. Fizeram a leitura por ordens, classes, identificaram qual o algarismo de maior valor absoluto, o algarismo de menor valor relativo, leram o número até às centenas de unidade e fizeram a decomposição do número. No final, os

alunos fizeram os exercícios de uma proposta de trabalho que eu lhes tinha entregue previamente.

Fundamentação teórica/ Inferências

A leitura de números desenvolve nos alunos o sentido do número. De acordo com Caldeira (2009, p. 203), «o sentido do número diz respeito à compreensão global e flexível dos números e operações, com o intuito de perceber os números e as suas relações e desenvolver estratégias eficazes para a sua aplicação no mundo que nos rodeia». Os alunos desenvolvem conceitos como «base, valor de posição e notação posicional» e, se bem que não seja necessário «distingui-los dum modo formal, há actividades que contribuem para a sua compreensão» (Ministério da Educação, 1999, pp. 42-43), como é o caso dos Calculadores Multibásicos.

A ideia de base tem a ver com o facto de, quando contamos, fazemos grupos e contamos os grupos, mantendo o número de itens (*base*) que cada um dos grupos contém através do sistema. Qualquer algarismo pode representar um número de elementos ou um número de grupos e, por isso, é possível exprimir qualquer quantidade numérica usando apenas 10 símbolos (os algarismos 0-9). Este facto constitui a ideia fundamental do *valor de posição*. A escrita lado a lado dos algarismos para nos dizer quantos elementos de cada valor de posição nós temos, é o que se costuma chamar a *notação posicional* (Ministério da Educação, 1999, pp. 42-43).

22 de maio de 2012

Esta manhã de aulas foi conduzida pela estagiária Sónia.

A Sónia levou os alunos para o ginásio para dar a aula de Estudo do Meio. Os alunos sentaram-se em roda e através de materiais insufláveis (que representavam o planeta Terra e o Sol e cujos tamanhos eram proporcionais), exemplificou os Movimentos de Rotação e de Translação, explicou como acontecem o dia e a noite e porque é que de 4 em 4 anos o ano tem mais um dia (ano bissexto).

Na área da Matemática, a Sónia deu uma aula sobre combinações. Apresentou uma situação problemática através de uma história: um astronauta que era muito vaidoso e que tinha fatos de várias cores para combinar. Através de material manipulável, os alunos verificaram quantas combinações podia a astronauta fazer.

Em Língua Portuguesa, introduziu a noção de verbo recorrendo a imagens apelativas que ilustravam ações. No final, entregou aos alunos uma proposta de trabalho com um texto lacunar para preencher com verbos e um exercício para sublinhar os verbos das frases.

Fundamentação teórica/ Inferências

É importante explicar às crianças os movimentos de rotação e translação do planeta Terra, através da utilização de material de apoio, bem como pedir a colaboração dos alunos para que representem o planeta Terra, o Sol e a Lua. Como defende o *Programa de Estudo do Meio*, «a curiosidade infantil pelos fenómenos naturais deve ser estimulada e os alunos encorajados a levantar questões e a procurar respostas para eles através de experiências e pesquisas simples» (Ministério da Educação, 2006, p. 118). Para além disso, o mesmo *Programa* defende que os alunos devem «constatar a forma da Terra através de fotografias, ilustrações... Observar e representar os aspectos da Lua nas diversas fases. Observar num modelo o sistema solar» (p. 118).

A Sónia, ao levar as crianças para um espaço amplo e exterior à sala de aula, como é o caso do ginásio, deu oportunidade às crianças de elas próprias representarem os movimentos de rotação e translação e desta forma perceberem melhor como ocorre este fenómeno.

25 de maio de 2012

Neste dia acompanhei os alunos a uma visita de estudo ao Jardim Zoológico de Lisboa. Partimos do Jardim-Escola por volta das 9h30, e iniciámos a visita às 10h00.

A visita foi guiada por um educador/ animador que nos acompanhou até ao final da manhã. À medida que íamos vendo os animais, o educador/ animador ia falando das características desses mesmos animais. No final da manhã, assistimos ao espetáculo das aves. Depois do almoço, os alunos assistiram ao espetáculo dos leões-marinhos e dos golfinhos.

Por volta das 16h00, regressámos ao Jardim-Escola.

Ao longo desta visita, foi possível conhecer espécies animais em vias de extinção e perceber a importância que os Jardins Zoológicos têm na conservação das espécies.

Fundamentação teórica/ Inferências

Abordar o tema “Os animais” nestas idades é muito importante, pois as crianças têm um fascínio muito grande por animais. De acordo com Catita (2007, p. 66), as crianças «veem nos animais uma espécie de mundo próprio semelhante ao dos humanos o que por vezes leva os adultos a considerar tal atitude como uma antropomorfização».

A visita ao Jardim Zoológico pretende que, através de uma forma lúdica e divertida, todos possam dar o seu contributo para a conservação da natureza e da sua biodiversidade, bem como compreender a sua importância. Assim, e ainda de acordo com Catita (2007):

(...) é importante sensibilizar as crianças destas idades para a questão do bem estar animal, mostrando-lhes as necessidades e cuidados a ter com os animais. Fazendo-lhes sentir que, da mesma forma que cultivamos o respeito pelos outros seres humanos, também devemos fazer o mesmo para com os outros animais» (p. 72).

Estas visitas de estudo são importantes para inculcar nas crianças valores, incentivando-as a agir de forma a ajudar à conservação da natureza e a terem respeito por ela.

28 de maio de 2012

Nesta manhã era a colega Sónia G. a dar a sua aula programada assistida com as professoras da Supervisão da Prática Pedagógica. No entanto, pouco depois das 9h30, a professora supervisora da Prática Pedagógica, Teresa Botelho, entrou na sala e disse que seria eu a dar a minha segunda aula surpresa na área de Língua Portuguesa. Foi-me proposto fazer com os alunos uma composição coletiva sobre a visita de estudo que os alunos fizeram ao Jardim Zoológico. Quando terminei o trabalho de composição com os alunos (eu ia redigindo no quadro o que eles me iam dizendo), as crianças dirigiram-se ao recreio um pouco mais cedo que o habitual, pois a Sónia iria dar a sua aula programada.

Às 10h30, a Sónia iniciou a sua aula programada à qual assistiu a professora Isabel Ruivo.

A Estudo do Meio, o tema da aula era os Continentes. A Sónia começou por mostrar um planisfério e depois falou um pouco sobre cada Continente, recorrendo a imagens de povos característicos de cada Continente, à bandeira de um dos países e a um monumento (ex.: Ásia: uma menina chinesa, a bandeira da China e a grande muralha da China). Para consolidar, os alunos receberam uma proposta de trabalho que consistia em colar os diferentes Continentes no respetivo lugar. Na aula de Língua Portuguesa, e aproveitando as imagens usadas para o tema de Estudo do Meio, a Sónia deu a noção de adjetivo. No âmbito da Matemática, introduziu a subtração com empréstimo, recorrendo ao material manipulativo Calculadores Multibásicos.

Fundamentação teórica/ Inferências

Depois de um acontecimento especial, como é o caso da visita de estudo, ou seja, um episódio vivido pelo conjunto da turma, pode-se propor que façam um texto coletivo.

Ao realizarem uma composição sobre a visita ao Jardim Zoológico, os alunos manifestaram através da mesma aquilo que mais gostaram, relatando tudo o que fizeram desde o início até ao fim da visita. De acordo com Condemaráin e Chadwick (1987), «a composição refere-se ao processo de estruturar as palavras de acordo com um plano organizado, a fim de elaborar uma mensagem efetiva e geralmente gramatical, ou um trabalho artístico, quer seja oral ou escrito» (p. 209). O papel do professor num exercício deste tipo deverá ser, segundo Recasens (1990) o seguinte:

(...) dar orientação da ordem dos acontecimentos e vai escrevendo as frases ditas pelos alunos no quadro. Quando se notar cansaço nas crianças propomos que se redija a frase final. O texto deve ser lido a fim de se confirmar se é o que se queria explicar. É natural que nesta altura se levantem mãos para dar novos pormenores. Faz-se então uma leitura final e dá-se um título ao texto. Por fim os educandos copiam o texto. (p.49)

Por não ter sido possível que os alunos escrevessem a composição no caderno, e por ser apenas eu a escrever no quadro, os alunos começaram a dispersar e a falar uns com os outros. Apesar de eu os ter chamado várias vezes à atenção, não consegui que estivessem interessados e em silêncio. Naturalmente, tive em consideração que este comportamento é próprio de crianças de 6/ 7 anos. Spodek e Saracho (1998) defendem que:

(...) as crianças não são adultos em miniaturas e não devemos esperar que se comportem como tal. Os professores devem desenvolver expectativas razoáveis quanto ao comportamento infantil. Não devemos esperar que as crianças pequenas, por exemplo, fiquem sentadas em silêncio ou prestem atenção por longos períodos de tempo. À medida que amadurecem, elas desenvolvem sua capacidade de permanecerem quietas por períodos cada vez maiores de tempo. (p. 158)

Esta turma revela alguma falta de maturidade, o que é próprio das idades. No entanto, o comportamento dos alunos fez com que me sentisse um pouco nervosa por não conseguir controlar a disciplina.

29 de maio de 2012

Neste dia foi a estagiária Ana N. a dar a sua segunda manhã de aulas.

A aula de Estudo do Meio foi sobre os Oceanos. Para abordar este tema, a Ana recorreu a um planisfério e foi apresentando cada Oceano e situando-os no mapa com um cartaz com os nomes a letra bem visível.

A Língua Portuguesa, o tema da aula era os tempos verbais (passado, presente e futuro). Através de algumas ações representadas em imagens, os alunos tinham que conjugar os verbos da frase no presente, no passado e no futuro, tendo como base sempre o início da frase: hoje, ontem e amanhã.

Na aula de Matemática, os alunos resolveram algumas situações problemáticas não rotineiras com material manipulável não estruturado, tendo construído um origami: um barco em papel.

Fundamentação teórica/ Inferências

O Origami é uma atividade que estimula o desenvolvimento das habilidades artísticas e intelectuais. De acordo com Gênova (1998), a técnica do Origami:

(...) em algumas disciplinas auxilia no despertar das noções de equilíbrio, espaço e na fixação das dobras na sua programação do que será feito e a ordem para executá-lo até chegar ao resultado final. Além disso acalma quem faz e agrada a quem recebe pois cada peça tem intencionalmente um significado. (p. 12)

A prática do Origami, muito usada nos Jardins-Escola João de Deus, serve para desenvolver capacidades e destrezas nos alunos, pois permite estimular a criatividade e a imaginação das crianças. O Origami pode ser utilizado para trabalhar

outras áreas curriculares como a Língua Portuguesa, Estudo do Meio ou a Matemática, como foi o caso da aula de hoje.

1 de junho de 2012

Neste dia, por ser Dia Mundial da Criança, os alunos passaram mais tempo no recreio que o habitual.

Por volta das 11 horas, os alunos dirigiram-se ao ginásio da Escola Superior de Educação, onde assistiram à peça de teatro *A Alegre História de Portugal em 90 minutos*, pela Companhia de Teatro Bocage.

Fundamentação teórica/ Inferências

É muito importante que os alunos possam brincar ao ar livre. De acordo com Hohmann e Weikart (1997):

O tempo de ar livre ou exterior é uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em actividades lúdicas vigorosas e barulhentas. As crianças prolongam e continuam as suas brincadeiras de interior num contexto mais expansivo, examinam os ambientes naturais, ganham um sentido das redondezas próximas e experimentam a mudança das condições atmosféricas e das estações do ano. Os adultos juntam-se à brincadeira das crianças e ganham uma compreensão maior dos interesses e capacidades que elas possuem. (p. 432)

Este tempo de recreio permite às crianças movimentarem-se e correrem livremente, saltar, baloiçar, sendo que todas estas brincadeiras podem ocorrer em espaço exterior.

4 de junho de 2012

Neste dia, os alunos fizeram teste de Matemática. O teste teve início às 9h30 e terminou às 11h00. Antes de o iniciarem, a professora leu o enunciado em voz alta e deu instruções para a realização do teste.

Depois do recreio, a professora fez a leitura em voz alta do texto “A menina que tinha cem pés”, de José Vaz, inserido no manual escolar. Posteriormente pediu aos alunos para lerem também em voz alta. No final fizeram uma cópia.

Fundamentação teórica/ Inferências

É muito importante a realização de exercícios caligráficos como a cópia, pois, de acordo com Condemarín e Chadwick (1987), esta prática permite às crianças desenvolverem competências ao nível da linguagem escrita, nomeadamente «quanto aos sinais de expressão, pontuação, diagramação, formulação espaço-direcional da esquerda para a direita, percepção da palavra como conjunto de letras separadas por dois espaços em branco e capatção da sequência das letras da palavra» (p. 182).

A par disso, e segundo aqueles dois autores, a cópia permite «praticar as destrezas caligráficas das formas específicas de cada letra, a ligação e manutenção de regularidade de tamanho e proporção, alinhamento e inclinação» (Condemarín e Chadwick, 1987, p. 182).

Este tipo de exercício, para além do que já foi referido anteriormente, favorece treino da memorização.

8 de junho de 2012

Por ser dia de *roulement*, a professora da turma não veio e, por isso, eu e as minhas colegas estágio fomos para a sala da outra turma do 1.º ano. Os alunos fizeram a leitura em silêncio de um texto e depois leram em voz alta. Depois, foram para o recreio onde permaneceram durante mais tempo que o habitual.

Às 12h10, os alunos foram para o ginásio, onde tiveram aula de música com o professor Paulo Viana.

11 de junho de 2012

Neste dia, foi a colega Sónia G. que deu a sua segunda manhã de aula.

A colega iniciou com a área de Língua Portuguesa, começando por distribuir o texto “Vida de sabonete” de António Torrado (um dos contos do volume *Trinta por uma Linha*). Fez a leitura em voz alta e depois foram os alunos a fazê-lo. De seguida, os alunos sublinharam algumas palavras do texto e, de seguida, alguns dos alunos foram soletrar essas palavras. Depois, fizeram um ditado de palavras e, no final, uma composição, cujo título era “Se eu fosse um sabonete seria...” e a ilustração da mesma.

Na aula de Matemática, os alunos treinaram a subtração com empréstimo recorrendo aos Calculadores Multibásicos.

Depois do recreio, na área de Estudo do Meio, os alunos realizaram uma experiência que consistia em fazer sabonetes. Começaram por ler o protocolo experimental, onde constavam os procedimentos e os materiais para a realização da experiência. No final, cada aluno ficou com o seu sabonete.

Fundamentação teórica/ Inferências

As atividades experimentais permitem que os alunos do 1.º ciclo possam «manusear materiais e equipamento laboratorial para a observação de determinados fenómenos» (Galvão *et al.*, 2006, p. 61). Na verdade, e como defendem Spodek e Saracho (1998):

(...) as crianças precisam primeiro de explorar as propriedades das coisas e, uma vez tendo feita esta exploração, podem fazer perguntas razoáveis sobre os materiais e os fenómenos que experimentam. (...) Mantendo uma atitude lúdica em relação à aprendizagem de ciências, as crianças podem aprender mais do que se lhes forem ensinados factos científicos específicos por repetição. (p. 224)

Ao fazerem sabonete, os alunos realizaram uma atividade que se enquadra naquelas que Thouin (2004) define como importantes por consistirem na utilização de um «material sugerido, segundo as etapas descritas, para fabricar uma versão rudimentar de um produto ou de um objecto disponível no mercado» (p. 13). Este tipo de atividades deve ser encarado como um contacto pertinente na relação com a ciência.

12 de junho de 2012

Esta manhã de aula foi conduzida por mim. Iniciei com a área de Língua Portuguesa. Comecei por fazer a leitura da história *A surpresa de Handa*, de Eileen Browne, e ao mesmo tempo ia projetando em *PowerPoint* as imagens do livro. Fizemos a interpretação do texto e, de seguida, distribuí aos alunos um envelope com imagens da história e uma folha para as colar e escreverem uma frase sobre as mesmas.

Na área da Matemática, fiz uma revisão sobre o sistema monetário. Através de um *PowerPoint* apresentei as várias notas e moedas de Euro; os alunos fizeram alguns exercícios de cálculo mental. Depois, dividi a turma em cinco grupos e distribuí

a cada grupo um envelope com dinheiro e uma lista de compras. No quadro, coloquei imagens dos diversos produtos, que constavam da lista de compras, com o respetivo preço. Cada grupo teve de contar o dinheiro que havia dentro do envelope, de somar o preço dos produtos da lista e, finalmente, de calcular quanto dinheiro lhes tinha sobrado.

Depois do recreio, na área de Estudo do Meio, propus aos alunos a realização de uma experiência: “ o mergulhador”. Distribuí por cada dois alunos o material necessário para a realização da experiência, e pedi a sua colaboração para a leitura do protocolo experimental (v. Anexo 3). No final da experiência, distribuí aos alunos um questionário (v. Anexo 4), para que registassem o que tinham observado na experiência.

Fundamentação teórica/ Inferências

Em relação à atividade experimental de Estudo do Meio que hoje apresentei aos alunos, gostava de salientar que uma das falhas que cometi prende-se com o facto de não ter questionado os alunos, antes de iniciar a experiência propriamente dita, e de não lhes ter pedido que registassem as suas previsões acerca do que pensavam que fosse acontecer.

Na opinião de Cachapuz (citado por Martins *et al.*, 2009, p. 28), as conceções alternativas são «ideias que aparecem como alternativas a versões científicas de momento aceites, não podendo ser encaradas como (...) distrações, lapsos de memória ou erro de cálculo, mas sim como potenciais modelos explicativos (...) resultando de um esforço consciente de teorização». Ao não ter perguntado aos alunos o que pensavam que iria suceder e ao não lhes ter pedido que registassem as previsões, quando a atividade terminou, os alunos não puderam confrontar as suas possíveis ideias iniciais com aquilo que efetivamente observaram após a realização da experiência. De acordo com Martins *et al.* (2009), «a mudança conceptual, quando ocorre, surge e é cimentada neste processo, que permite que a criança tenha consciência daquilo que pensava inicialmente e da razão por que essas ideias se confirmaram ou não» (p. 23).

Assim, numa outra atividade semelhante que venha a realizar no futuro, será importante dar oportunidade aos alunos para que registem as suas conceções alternativas.

15 de junho de 2012

Neste dia, dei aula de Língua Portuguesa e Estudo do Meio.

A Língua Portuguesa dei uma aula sobre a Banda Desenhada. Comecei por questionar os alunos sobre o tipo de texto que conheciam e depois mostrei uma imagem, em *PowerPoint*, de uma banda desenhada. Fiz perguntas dirigidas sobre as características deste tipo de texto e, de seguida, expliquei como é constituída a Banda Desenhada. No final, os alunos fizeram um exercício coletivo de expressão escrita, que consistia em preencher os balões de uma banda desenhada que eu lhes entreguei.

A seguir ao recreio, dei a aula de Estudo do Meio, sobre a Lua. Partindo dos conhecimentos dos alunos, revi, de forma breve, o Sistema Solar e os movimentos da Terra. Através de uma apresentação em *PowerPoint*, falei sobre a Lua, os seus movimentos, as suas fases, e apresentei algumas curiosidades, nomeadamente falando-lhes da ida do homem à lua ou da influência da lua sobre as marés. No final, distribuí uma ficha informativa e uma proposta de trabalho (v. Anexo 5) em que um dos exercícios consistia em completar um texto lacunar e o outro era para legendar as diferentes fases da lua.

Às 12h10, chegou o professor Paulo Viana para dar a aula de música. Os alunos estiveram a ensaiar as músicas para a festa de final de ano.

Fundamentação teórica/ Inferências

A aprendizagem musical centra-se na voz e no canto e interliga-se com o corpo e o movimento. De acordo com a *Organização Curricular e Programas (2006)*, «a prática do canto constitui a base da expressão e educação musical no 1.º ciclo» (Ministério da Educação, 2006, p. 67).

Ao nível dos Projetos artísticos levados a cabo pela escola, as *Orientações Programáticas da Música* no 1.º Ciclo do Ensino Básico salientam que a realização de concertos, recitais e espectáculos musicoteatrais são «um instrumento fundamental para a colocação dos saberes e das aprendizagens em acção, em articulação com diferentes saberes e competências, de modo a fomentar as práticas artísticas no interior da escola e na comunidade» (Vasconcelos, 2006, p. 12).

A música, quando bem trabalhada, desenvolve o raciocínio, a criatividade e outras aptidões. Por isso, deve-se aproveitar esta atividade educacional tão rica dentro das salas de aula.

18 de junho de 2012

Neste dia foi a Prova Prática de Aptidão Profissional do 1.º Ciclo.

Às 9h30 assisti à aula da estagiária Aurora, na turma onde estou a realizar o estágio.

O tema da aula era os rios. A estagiária começou a aula no salão, com os alunos sentados no chão, e através de uma maquete, realizada por ela, explicou como nasce um rio, o que são as margens, leito, nascente, afluente, etc. Depois, na área da Língua Portuguesa, os alunos regressaram à sala e fizeram a leitura e interpretação de um texto. Na Matemática, a Aurora distribuiu o Tangram aos alunos e construiu com eles um peixe e um barco, dando sempre as indicações e representando o peixe e o barco, posteriormente, no quadro. No final, os alunos foram divididos em grupos e fizeram um jogo que consistia em pescar o maior número de peixes possível que se encontravam dentro de uma “piscina”.

Às 11h00, assisti à aula da estagiária Nádia R., que deu a sua aula na turma do 2.º ano A.

O tema da aula era como se fazem os desenhos animados. A Nádia iniciou com a área de Língua Portuguesa, fez a leitura de um texto biográfico (de Walt Disney). Depois, pediu a alguns alunos para o lerem. De seguida, aproveitou para falar nas características deste tipo de texto e fez algumas perguntas de interpretação através de um jogo do tipo “Quem quer ser milionário”. Na área de Estudo do Meio, explicou aos alunos como se fazem os desenhos animados e toda a sua evolução, recorrendo a vídeos e imagens projetadas em *PowerPoint*. Na área da Matemática, os alunos resolveram algumas situações problemáticas de lógica com personagens da Disney. No final, os alunos deslocaram-se para um outro espaço, onde fizeram um jogo. Era-lhes distribuído um cartão com a imagem de um animal e, ao som de uma música, os alunos tinham que imitar esse animal. No final, tinham que descobrir quais os meninos que imitavam o mesmo animal e juntarem-se em grupo.

Às 14h00, foi a minha Prova Prática de Aptidão Profissional do 1.º Ciclo. Dei aula no 2.º Ano B.

Comecei com a Língua Portuguesa, passei para a Matemática, o Estudo do Meio e, por fim, fiz um Jogo. Todas as áreas estavam relacionadas com o assunto “confeção do gelado”.

Na área da Língua Portuguesa, comecei por questionar os alunos acerca dos tipos de textos que conheciam e, depois, distribuí um texto instrucional, “Receita do

gelado de nata”, juntamente com um envelope que continha cartões com imagens dos ingredientes e das quantidades. Expliquei que a receita é um texto instrucional e pedi para alguns alunos lerem o modo de preparação em voz alta.

Após a leitura, levei os alunos a descobrirem as características deste tipo de texto (texto de caráter informativo, verbos no modo imperativo, palavras que dão indicação de uma sequência, etc.). Depois, os alunos procuraram dentro do envelope os ingredientes necessários para completarem a receita, colando-os de acordo com a sequência apresentada no modo de preparação. De seguida, coloquei no quadro uma frase com palavras relacionadas com a receita e pedi que classificassem quanto à classe e subclasse algumas das palavras.

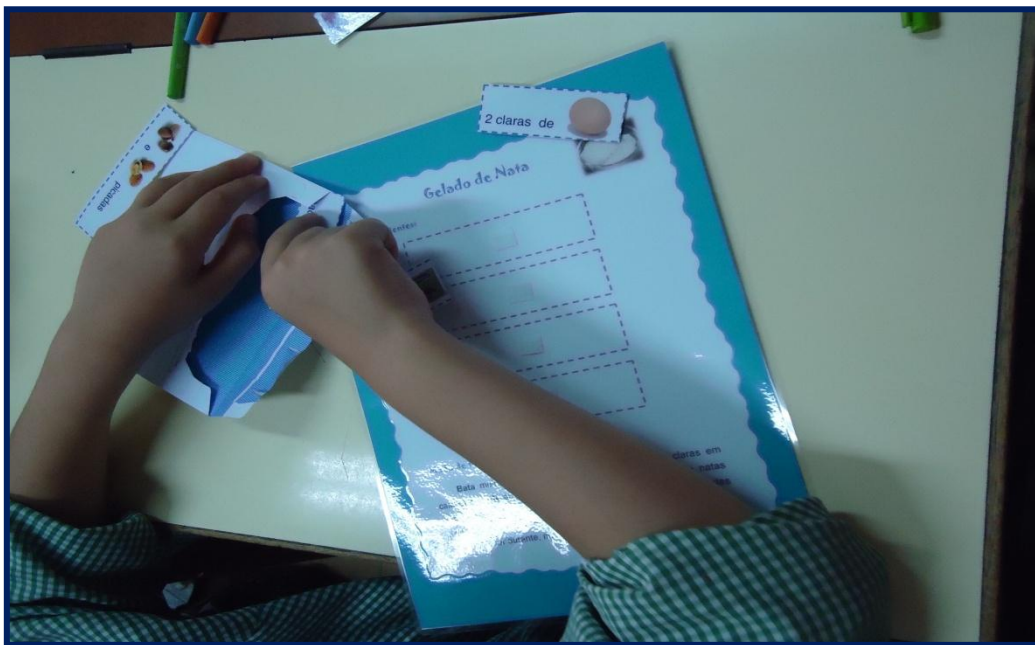


Figura 13 – Receita do gelado e envelope com cartões/ ingredientes

Na área da Matemática, distribuí aos alunos um saquinho com vários cones e bolas de gelado e projetei no *PowerPoint* uma situação problemática que consistia na realização das diferentes combinações possíveis. Após terem feito as diferentes combinações, pedi a alguns alunos que as fossem representar ao quadro.

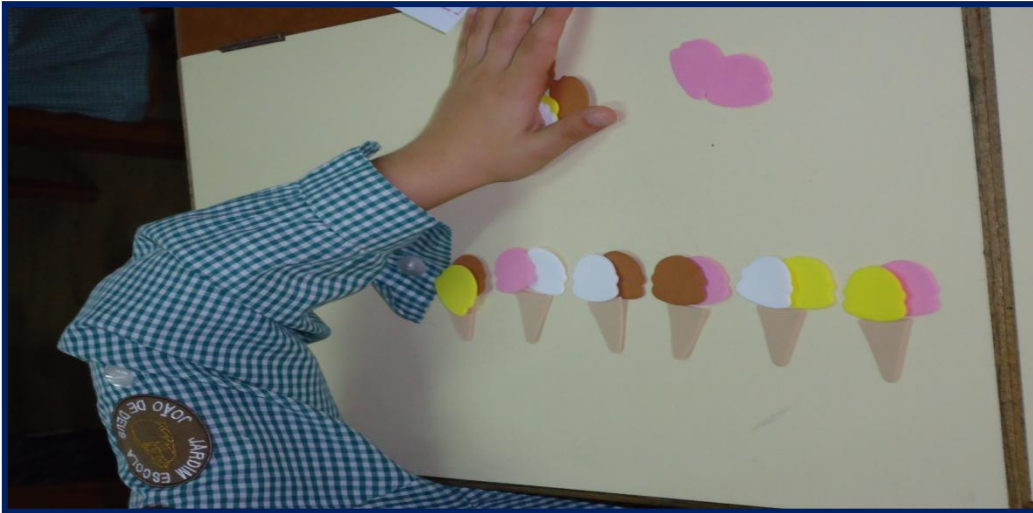


Figura 14 – Combinações com “gelados”

Na área de Estudo do Meio, falei um pouco sobre a história do gelado. Com a ajuda de um pequeno vídeo, expliquei aos alunos o processo de fabrico do gelado numa fábrica. No final, pedi aos alunos que voltassem a pegar na receita do gelado e me fossem dando as instruções para a confeção do gelado de nata.

No jogo, formei dois grupos (devidamente identificados). Os alunos tinham que formar duas filas e os primeiros de cada fila pegavam numa colher e numa bola de gelado que transportavam até um cone grande, sem deixar cair a bola. Quando regressavam, tinham que passar a colher ao aluno seguinte, que tinha que repetir o mesmo processo. Ganhava a equipa que conseguisse transportar mais bolas.



Figura 15 – Jogo “Estafeta de gelados”

Fundamentação teórica/ Inferências

A resolução de problemas constitui, na área da Matemática, um contexto universal de aprendizagem e, por isso, deverá estar sempre presente associada ao raciocínio e à comunicação, bem como integrada, naturalmente, nas diversas atividades. As situações problemáticas não rotineiras são atividades desafiantes para os alunos e, na maioria das vezes, para a resolução das mesmas são utilizadas diversas estratégias e métodos de resolução, não sendo obrigatório o recurso ao papel e ao lápis e tão pouco a resolução através da aplicação do algoritmo que conduz à sua resolução.

Como defende Morgado (1993), na resolução de um problema, é necessário ter em conta o nível operatório do aluno, pois:

(...) para que a questão a apresentar não seja demasiado fácil, tornando-se a sua solução numa rotina por aplicação de uma estratégia já memorizada; mas também não pode ser demasiado complexa, sob a pena de a criança não conseguir encontrar a resposta correcta. (p. 80)

A situação problemática deve ser motivante para o aluno e, de preferência, que «o seu enunciado se encontre relacionado com a sua vida de todos os dias, fazendo apelo aos seus conhecimentos e à suas actividades usuais» (p. 80-81).

Assim, na minha aula de matemática com base num mote relacionado com o quotidiano dos alunos e do seu agrado (o gelado), parti para a situação problemática apenas com o uso de um material não estruturado.

19 de junho de 2012

Neste dia, os alunos fizeram teste de Estudo do Meio. Antes de iniciarem, a professora leu o teste em voz alta e esclareceu algumas dúvidas. O teste iniciou às 9h30 e terminou por volta das 11h00.

Após o recreio, a professora pediu à estagiária Sónia G. para fazer a leitura modelo do texto do manual “O arco da Lua”, de André Gago. De seguida, foram os alunos a ler. Posteriormente fizeram a interpretação e análise morfosintática de uma frase.

22 de junho de 2012

Os alunos começaram por fazer a leitura silenciosa de um texto e, posteriormente, a professora leu o texto em voz alta e pediu a cada aluno que lesse para fazer a avaliação da leitura. Depois, fizeram a interpretação do texto.

A professora Paula Toscano disse aos alunos que era o meu último dia de estágio naquela sala e também enquanto estagiária, pois era “quase professora”. Desejou-me boa sorte e pediu aos alunos que me cantassem uma canção.

Após o recreio, os alunos fizeram uma proposta de trabalho de língua portuguesa, seguindo-se um exercício caligráfico.

Neste dia, os alunos não tiveram aula de música como habitualmente, pois devido à vinda de crianças de outro Jardim-Escola tiveram que almoçar mais cedo. Nós, estagiárias, ajudamos a dar os almoços às crianças.

CAPÍTULO 2. PLANIFICAÇÕES

Neste capítulo, após uma fundamentação teórica sobre as planificações, apresento três planos de aula (de Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio), dadas por mim numa turma de 2.º ano. As aulas serão contextualizadas e devidamente fundamentadas.

1. Fundamentação teórica

A planificação consiste numa breve descrição daquilo que se pretende abordar e aplicar em sala de aula. Para Ribeiro e Ribeiro (1990, p. 59), «o planeamento curricular seleciona e estrutura experiências e resultados de aprendizagem que se pretende alcançar, definindo assim, um produto». A planificação desempenha um papel extremamente importante no processo educativo dos alunos, pois o professor, desta forma, possui condutores de orientação, tendo consciência das metas a atingir. De acordo com Arends (1995., p. 44), «a planificação e a tomada de decisão são vitais para o ensino e interação com todas as funções executivas do professor».

Zabalza (2000, p. 47) diz-nos que planificar consiste em converter uma ideia ou um propósito num curso de ação. Este ato deve contribuir para a transformação e modificação do currículo para que se adeque às características particulares de cada situação de ensino. Segundo Pérez e López (2001), a planificação é facilitadora para o desempenho do professor, pois permite-lhe construir uma imagem mental da informação a abordar, tendo sempre em conta o meio cultural em que se encontra. O professor deve planear as aulas em função da turma: deverá ter em conta que cada aluno é um ser individual, com dificuldades e aptidões diferentes dos outros. É ao elaborar a planificação que o professor toma consciência e define as aprendizagens mais significativas para os alunos, descrevendo, assim, as suas ideias sobre um determinado assunto ou tema, e que servirão de fio condutor nas suas aulas.

É na planificação que o professor transmite as suas ideias, os conteúdos a abordar, os seus objetivos e as suas estratégias. Para Escudero (citado por Zabalza, 2000, pp. 47-48), trata-se «de prever possíveis cursos de acção de um fenómeno e plasmar de algum modo as nossas previsões, desejos, aspirações e metas num projecto». Contudo, importa salientar que a planificação não deve ser inflexível, ou

seja, o professor não tem que seguir tudo o que planeou: deverá antes, ajustar o plano às características dos seus alunos, visto que, como refere ainda Escudero, «pode chegar a ser contraproducente uma planificação rígida e que deixe pouca margem para a acomodação às características dos sujeitos» (citado por Zabalza, 2000, p. 55). É através da planificação que, segundo Zabalza (2000), o professor descobre:

(...) a melhor forma de organizar os alunos, como começar as actividades, quais os marcos de referência para a avaliação, (...) que conteúdos deveriam ser aprendidos (...) que materiais deveriam ser preparados (...) que actividades tem que ser organizadas (...) a distribuição do tempo, etc. (p.49).

A planificação torna-se imprescindível para os professores em início de carreira, para que possam sentir mais segurança e confiança na realização das suas atividades. Zabalza refere que a planificação serve «para satisfazer as suas próprias necessidades pessoais, reduzir a ansiedade e a incerteza que o seu trabalho lhe criava, definir uma orientação que lhes desse confiança, segurança, etc.» (p. 48). Porém, e como já referido, a planificação não deve ser rígida e intransigente, pois no dia-a-dia das crianças surgem imprevistos. Cabe, então, ao professor saber como lidar com estas situações, independentemente do planificado.

As planificações devem ser desenvolvidas em ambientes estimulantes. Para tal, é «fundamental que o professor leve mais além a linha geral de planeamento por outros iniciada, identificando, organizando e sequenciando aprendizagens mais concretas, claramente definidas, exequíveis e, em grande parte, susceptíveis de avaliação» (Ribeiro e Ribeiro, 1990, p. 15). Importa referir que a sala de aula é um espaço para a inovação educativa e para o progresso pessoal dos alunos. No 1.º Ciclo do Ensino Básico, existe um único professor responsável por todas as disciplinas. Assim, «as decisões de planificação sobre o que deve ser ensinado, o tempo que se deve dedicar a cada tópico e o treino que se deve proporcionar revestem-se de um significado e de uma complexidade suplementares» (Arends, 1995, p.44).

As planificações apresentadas neste capítulo basearam-se num modelo adaptado do Modelo T de Aprendizagem, proposto por Martiniano Pérez, que é utilizado nos Estágios Profissionais da Escola Superior de Educação João de Deus. Este modelo de planificação designa-se de modelo T, pois tem forma de um duplo T no domínio dos conteúdos e procedimentos/ métodos, e também a forma de T no domínio das competências (capacidades/ destrezas e valores/ atitudes). Segundo Pérez (s.d., p. 40), «de uma forma panorâmica e global, numa só folha, integramos todos os elementos do currículo e da cultura social e organizacional para ser aprendida na escola ao longo do curso escolar».

O modelo T integra os seguintes elementos: capacidades/ destrezas – indicam os objetivos fundamentais cognitivos que queremos desenvolver; valores/ atitudes – mostram os objetivos fundamentais afetivos que pretendemos desenvolver; procedimentos/ métodos – apresentam-se como forma de executar para serem aprendidas no decorrer do ano letivo (Pérez, s.d, p.40).

Quadro 2 – Exemplo de uma Planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem

Conteúdos		Procedimentos	
Capacidades - Destrezas	Competências	Valores - Atitudes	

As planificações realizadas por mim ao longo dos quatro anos de formação baseiam-se num tipo de planificação a curto prazo. Foram elaboradas para aulas com duração de 20/ 30 minutos e/ ou para uma manhã de aulas (4 horas). Importa realçar, portanto, que estas planificações são baseadas num modelo adaptado do modelo original (Modelo T), na medida em que Pérez (s.d.) considera uma planificação a curto prazo aquela cuja duração mínima é de 6 semanas. Tal como referido anteriormente, as planificações não deverão ser inflexíveis, pelo que todos os planos de aula apresentados estiveram sujeitos a alterações, no sentido de atingir a flexibilidade necessária para alterar estratégias sempre que as circunstâncias o exigissem.

2. Planificações fundamentadas

Passo a apresentar os Planos de Aula de Língua Portuguesa, de Matemática e de Estudo do Meio, de uma manhã de aulas, do dia 24 de abril de 2012, para alunos do 2.º ano B (turma lecionada pela professora Vânia Oliveira), bem como as respetivas fundamentações teóricas das aulas.

2.1. Língua Portuguesa

Quadro 3- Plano de aula de Língua Portuguesa

Jardim-Escola João de Deus – Estrela		
Ano: 2.º ano B	Estagiária: Maria José Gonçalves	
Professora: Vânia Oliveira	Mestrado: Ensino do 1.º Ciclo	
Data: 24 de abril de 2012	N.º: 5	
Plano de aula Área: Língua Portuguesa		
Conteúdos Conceptuais	Procedimentos	
<ul style="list-style-type: none"> • Sinais de Pontuação e auxiliares de escrita 	<ul style="list-style-type: none"> • Estabelecer um diálogo com os alunos sobre a importância dos sinais de pontuação e auxiliares de escrita na linguagem escrita; • Explicar a função e situações em que se utilizam os diferentes sinais de pontuação e auxiliares de escrita; • Exibir imagens dos sinais de pontuação e pedir aos alunos para colocar a respetiva legenda com a descrição da função de cada um; • Entregar uma ficha informativa; • Realizar uma proposta de trabalho; • Fazer a leitura do texto “Ponto Final”, de António Torrado. 	
Capacidades - Destrezas	Competências	Valores - Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> • Raciocínio Lógico: <ul style="list-style-type: none"> • Interpretar • Aplicar • Classificação: <ul style="list-style-type: none"> • Analisar • Distinguir 	<ul style="list-style-type: none"> • Cooperação: <ul style="list-style-type: none"> • Colaborar • Respeito: <ul style="list-style-type: none"> • Escutar 	
Material: Sinais de pontuação e legendas, proposta de trabalho, ficha informativa, texto “Ponto final”, de António Torrado		

Baseado no Modelo T de Unidade de Aprendizagem/plano pode estar sujeito a alterações

Fundamentação teórica

A correta utilização dos sinais de pontuação permite aos alunos «a adequada comunicação escrita mediante a transição dos aspectos prosódicos e expressivos da linguagem oral e das pausas por símbolos gráficos. Além de estruturar as ideias em unidades interdependentes» (Condemarín e Chadwick, 1987, p. 176).

De acordo com o *Programa de Português*, no 1.º ano e 2.º ano os alunos devem contactar com os sinais de pontuação (ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação, reticências, vírgula, dois pontos e travessão), com respeito pelas «principais regras de utilização dos sinais de pontuação» (Ministério da Educação, 2009, p. 42).

Para esta aula, preparei sinais de pontuação e auxiliares de escrita, em tamanho de 20cm e que plastifiquei. Levava igualmente legendas, em letra grande. As imagens favorecem a motivação dos alunos e ajudam no desenvolvimento da observação, complementam e enriquecem as aulas. Para além disso, são um recurso pouco dispendioso e acessível. Devem ser de tamanho visível para toda a turma.

Segundo Pereira (1992), os recursos «constituem um material precioso e um suplemento necessário para atingir os objectivos de aprendizagem» (p. 139). A mesma autora refere ainda que os «recursos (também designados por recursos auxiliares ou meios auxiliares) incluem todos os materiais com que o professor trabalha para fazer com que o processo de aprendizagem seja mais eficaz na sala de aula e na escola em geral» (p. 139).

Antes de iniciar a aula, parti de uma história que tinha sido contada aos alunos na semana anterior, e que estava relacionada com a circunstância de um sinal de pontuação poder alterar o significado de uma frase. Desta forma, tentei sensibilizar os alunos para o facto de os sinais de pontuação serem de extrema importância na escrita. Depois, expliquei aos alunos a função de cada um dos sinais de pontuação e auxiliares de escrita, dando exemplos de situações em que se utilizam. Em seguida, mostrei as imagens dos mesmos, afixando-os no quadro, e pedi aos alunos que colocassem a respetiva legenda, na proposta de trabalho entregue com a descrição da função de cada um.

No final, fiz a leitura em voz alta do texto “Ponto Final”, de António Torrado, inserido no volume *Da rua do contador à rua do ouvidor*, e posteriormente pedi a alguns alunos para o lerem individualmente.

De acordo com Teberosky e Colomer (2003, p. 32), a leitura de histórias facilita «a aprendizagem de vocabulário, bem como o uso da linguagem expressiva, a compreensão da função da escrita e o conhecimento da linguagem das histórias de ficção». Após a leitura do texto, fiz algumas perguntas de interpretação, em jeito de conclusão, uma vez que o texto falava sobre todos os sinais de pontuação.

2.2. Matemática

Quadro 4 – Plano de aula de Matemática

Jardim-Escola João de Deus – Estrela		
Ano: 2.º ano B		Estagiária: Maria José Gonçalves
Professora: Vânia Oliveira		Mestrado: Ensino do 1.º Ciclo
Data: 24 de abril de 2012		N.º: 5
Plano de aula Área: Matemática		
Conteúdos Conceptuais		Procedimentos
<ul style="list-style-type: none"> • O Perímetro: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Unidade de Medida ✓ Submúltiplos do Metro 		<ul style="list-style-type: none"> • Dialogar com os alunos acerca da noção de perímetro, partindo dos conhecimentos que já têm; • Relembrar o que é uma unidade de perímetro recorrendo a exemplos (barras de Cuisenaire); • Apresentar a unidade principal das medidas de comprimento e os seus submúltiplos; • Calcular o perímetro de algumas figuras construídas com o material Cuisenaire, fazendo corresponder cada unidade de medida a unidades de comprimento (cm); • Representar as figuras construídas numa folha quadriculada.
Capacidades - Destrezas	Competências	Valores - Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> • Raciocínio Lógico: <ul style="list-style-type: none"> • Interpretar • Relacionar • Classificação: <ul style="list-style-type: none"> • Identificar • Distinguir 		<ul style="list-style-type: none"> • Cooperação: <ul style="list-style-type: none"> • Colaborar • Respeito: <ul style="list-style-type: none"> • Escutar
Material: Proposta de trabalho e Material Cuisenaire		

Baseado no Modelo T de Unidade de Aprendizagem/plano pode estar sujeito a alterações

Fundamentação Teórica

Para apresentar este conteúdo, procurei partir dos conhecimentos que os alunos já tinham acerca da noção de perímetro.

Para Estanqueiro (2010, p. 34), «os alunos aprendem melhor quando conseguem ligar os novos conteúdos às aprendizagens anteriores e à realidade concreta em que se inserem». O conhecimento prévio dos alunos é um fator decisivo na aquisição de novas aprendizagens, o que pressupõe que cada um dos novos conceitos a adquirir pode integrar-se num conceito que já possua, privilegiando aprendizagens significativas. Tal como refere Braga (2004):

(...) o conceito de aprendizagem significativa – baseada na estrutura do conhecimento, partindo dos conhecimentos mais gerais para os mais específicos e dependendo da estrutura do sujeito – tem, pois, subjacente a ideia de que a aprendizagem é pessoal e pode passar pela necessidade de modificar os esquemas conceptuais dos alunos. (p. 26)

Recorri ao material Cuisenaire para relembrar o que era uma unidade de perímetro e, através de um cartaz, exibi as unidades de medida de comprimento. Expliquei que o Metro é a unidade principal e apresentei os submúltiplos (dm, cm e mm).

A utilização de recursos de apoio ao processo de ensino e aprendizagem é defendida por Ponte e Serrazina (2000), quando referem:

(...) as tarefas que o professor propõe devem despertar o interesse dos alunos de fazer apelo aos seus conhecimentos prévios. Para isso ele tem que procurar conhecer características e interesses dos alunos e tirar partido dos materiais existentes, incluindo manuais escolares, objetos do dia a dia, vídeo, calculadora (p. 112).

Posteriormente, distribuí o material Cuisenaire e uma folha quadriculada a cada aluno e propus-lhes a construção de diferentes figuras com perímetros diferentes e a representação das mesmas, obedecendo às cores do material.

De acordo com Caldeira (2009):

(...) ao trabalharmos o conceito de perímetro (...) podemos trabalhar com o Cuisenaire. Se pedirmos para utilizarem diferentes peças e desenharem na folha quadriculada, com 1 cm de lado, a linha fronteira, as crianças podem medir com a peça padrão (1 cm de aresta) e calcular o perímetro de diferentes figuras geométricas. (pp. 160-161)

Ao longo da aula, fui sempre acompanhando os alunos na realização desta tarefa, orientando-os sempre que necessário.

2.3. Estudo do Meio

Quadro 5 – Plano de aula de Estudo do Meio

Jardim-Escola João de Deus – Estrela		
Ano: 2.º ano B		Estagiária: Maria José Gonçalves
Professora: Vânia Oliveira		Mestrado: Ensino do 1.º Ciclo
Data: 24 de abril de 2012		N.º: 5
<p>Plano de aula Área: Estudo do Meio</p>		
Conteúdos Conceptuais		Procedimentos
<ul style="list-style-type: none"> • Meios de Comunicação: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Pessoal ✓ Social 		<ul style="list-style-type: none"> • Dialogar com os alunos sobre o que é a comunicação e para que serve; • Colocar no quadro diversas imagens de meios de comunicação pessoal e meios de comunicação social; • Falar um pouco sobre os mesmos, nomeadamente sobre a sua evolução ao longo dos tempos; • Realizar uma proposta de trabalho.
Capacidades - Destrezas	Competências	Valores - Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> • Socialização: <ul style="list-style-type: none"> • Dialogar • Relacionar • Classificação: <ul style="list-style-type: none"> • Identificar • Caraterizar 		<ul style="list-style-type: none"> • Cooperação: <ul style="list-style-type: none"> • Colaborar • Respeito: <ul style="list-style-type: none"> • Escutar
Material: Imagens, ficha informativa e proposta de trabalho		

Baseado no Modelo T de Unidade de Aprendizagem/plano pode estar sujeito a alterações

Fundamentação Teórica

Os temas abordados nas aulas de Estudo do Meio são, na sua maioria, temas que suscitam grande interesse por parte das crianças, uma vez que, quando entram para a escola, elas são já portadoras de conhecimentos, competências, valores e atitudes, adquiridos e desenvolvidos no seu meio físico e social, e ao mesmo tempo são já agentes transformadores desse mesmo meio. Nesse sentido, o professor de 1.º Ciclo deve tirar o máximo proveito da realidade que envolve as crianças. Como fonte de recursos e experimentação, a área do Estudo do Meio tem um grande potencial na educação das crianças. Segundo Catita (2007, p. 58), «ao abordar estes temas, é conveniente explorar a excelente capacidade das crianças destas idades de se deslumbrarem com as novas tecnologias, não descurando, no entanto, a alusão à história dos meios de comunicação».

Para esta aula, preparei imagens (impressas e plastificadas) de vários meios de comunicação pessoal (carta, telefone, fax, etc.) e de vários meios de comunicação social (rádio, televisão, jornal, etc.). À medida que coleí as imagens no quadro, fui dialogando com os alunos sobre a importância de comunicar e do meio de comunicação que correspondia a cada imagem. As imagens foram colocadas no quadro de maneira a agrupar os meios de comunicação pessoal, de um lado, e os meios de comunicação social, do outro. No final, coloquei a imagem do computador no centro, explicando aos alunos que o computador pode ser um meio de comunicação pessoal (se utilizado para enviar uma mensagem ou escrever uma carta) ou um meio de comunicação social (se utilizado para o acesso à internet).

Segundo Rebelo (1990), «para aprender convenientemente a criança necessita de um ambiente propício na escola, o que implica o tipo de ensino escolhido, os métodos usados e os estímulos frequentes que provoquem as capacidades mentais» (p.72). De acordo com Estanqueiro (2010, p. 37), «um professor competente utiliza recursos variados, incluindo recursos multimédia, para motivar os alunos e reforçar as suas mensagens. Qualquer pessoa aprende melhor aquilo que escuta e vê, ao mesmo tempo. Como é habitual, dizer-se, uma imagem vale por mil palavras».

Os alunos não conheciam o fax e, por isso, a imagem ajudou na explicação da função deste meio de comunicação. Neste nível de ensino, as crianças deparam-se ainda com diversos conceitos e conhecimentos que lhes poderão parecer entes abstratos, por isso, e de acordo com o Ministério da Educação (citado por Ponte e Serrazina, 2000, p. 116) há que “encontrar ilustrações, representações e modelos em diversos tipos de suportes físicos” que os ajudem a construir o conhecimento.

No final da apresentação e diálogo, distribuí aos alunos uma proposta de trabalho. O meu objetivo foi o de que eles treinassem a atividade de classificar – que se entende por «agrupar, seriar, padronizar e ordenar. As crianças classificam, por exemplo, os alimentos, as roupas, os brinquedos, as conchas, os insectos, as folhas, etc.» (Catita, 2007, p. 13). Assim, a atividade proposta por mim consistia em colar separadamente imagens dos meios de comunicação pessoal e social em dois espaços reservados para o efeito., sendo o objetivo desta atividade treinar a classificação.

CAPÍTULO 3. AVALIAÇÕES

Neste capítulo, após a fundamentação teórica sobre a importância dos dispositivos de avaliação, serão apresentadas três propostas de avaliação para as áreas de Matemática, Estudo do Meio e Língua Portuguesa, realizadas numa turma de 2.º ano. Para cada uma delas é feita uma descrição dos parâmetros, critérios e cotações; seguidamente, apresento uma grelha com os critérios e cotações, uma grelha de avaliação, com as classificações dos alunos, e, por último, apresento os resultados, através de um gráfico, que serão analisados.

1. Fundamentação teórica

De acordo com o estabelecido no Decreto-Lei n.º 18/ 2011, de 2 de Fevereiro, a avaliação constitui um processo regulador das aprendizagens, orientador do percurso escolar e certificador das diversas aquisições realizadas pelo aluno ao longo do ensino básico.

Conforme Fernandes (2005) defende, todas as crianças têm direito a aprender. Nesse sentido, a avaliação deve estar integrada no processo de ensino e aprendizagem, sendo que a sua função é a de melhorar esse mesmo processo, contribuindo para que os alunos possam aprender melhor. Num outro local, o mesmo autor, refere que a avaliação não é apenas uma tarefa do professor, devendo, por isso, ser partilhada com os alunos e com outros intervenientes, pelo que se torna necessário utilizar uma variedade de estratégias, técnicas e instrumentos de avaliação (Fernandes, 2004, p. 13). Na opinião deste autor, a «função formativa é a principal função da avaliação e está relacionada de perto com funções tais como a de melhorar, desenvolver, aprender ou motivar» (p.13). Assim, a avaliação deverá servir «para ajudar as pessoas a desenvolverem as suas aprendizagens» e não «para as julgar ou classificar numa escala» (p.13).

Contudo, a avaliação não deverá ser confundida com a classificação, pois como afirma Fernandes (2005):

(...) o propósito primordial da avaliação é o de melhorar as aprendizagens e o de ajudar os alunos a superarem as suas dificuldades. Enquanto a opinião completamente adversa a esta, rege-se simplesmente por testar apenas as dificuldades dos alunos, ou seja, com o único objectivo de os classificar. (p. 23)

O professor não pode limitar-se a classificar, mas tem, sim, de ir ao encontro das necessidades de aprendizagem que a turma lhe apresenta e, a partir daí, gerir o currículo. Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990):

(...) a avaliação é, assim, uma operação que prepara, acompanha e remata o processo de ensino-aprendizagem e que é o motor do seu constante aperfeiçoamento, pretendendo, em última análise, conduzir todos os alunos ao sucesso pleno do programa de estudos que seguem. (p. 338)

Para estes autores, «a função de avaliar corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objetivos atingidos e aqueles onde se levantam dificuldades» (p. 337).

A avaliação possui objetivos gerais para cada um dos ciclos, e objetivos específicos para cada disciplina ou área disciplinar. As finalidades consistem na recolha de informações e tomada de decisões sobre o processo de ensino-aprendizagem, a intervenção do professor, o papel do aluno no seu processo educativo e a melhoria da qualidade do sistema educativo. A avaliação destina-se a diversos intervenientes, nomeadamente, a escola, os professores, os alunos, os encarregados de educação e o pessoal não docente. As finalidades da avaliação consistem na seleção de métodos e recursos mais adequados, as adaptações curriculares necessárias, a resposta a necessidades educativas especiais, a orientação da relação dos professores com os outros intervenientes no processo educativo, a reformulação pelos alunos das decisões acerca dos seus próprios processos educativos, a introdução das alterações necessárias à melhoria da qualidade do sistema educativo (Instituto de Inovação Educacional, 1992, pp.10-11).

Para Boggino (2009, p. 79), a avaliação serve para conhecer e é conhecendo o aluno é que se torna «possível realizar intervenções pedagógicas apropriadas que tendam a gerar melhorias nas suas aprendizagens». Nesse sentido, o autor considera que a avaliação terá de ser o ponto de partida, em vez dos conteúdos curriculares, isto é, para além dos resultados, os processos de aprendizagem devem também ser avaliados, pois estes permitem aos professores «oferecer aos seus alunos um apoio pedagógico sistemático e ajustado às suas possibilidades de aprendizagem e que garanta a continuidade dos seus processos de aprendizagem» (p. 79).

A avaliação não serve para avaliar somente o aluno, mas também serve para avaliar o docente e sua prática pedagógica. Esse processo de mudança implica necessariamente uma nova forma de encarar o ensino, sobretudo por parte dos docentes. Conforme defende Perrenoud (citado em Estanqueiro, 2010, p. 83), «é a

avaliação que ajuda o aluno a aprender e o professor a ensinar». Sempre que avaliamos podemos cometer erros, porque não há nenhuma estratégia, técnica ou instrumento que nos permita avaliar exatamente determinadas aprendizagens. Segundo Fernandes (2005,p. 81), «não é fácil garantir que a avaliação abranja todos os domínios do currículo ou mesmo o essencial de cada um dos domínios».

É fundamental refletir sobre a questão da avaliação, para que possa existir um ensino com qualidade. Pais e Monteiro (2002, p. 76) sustentam que «não haverá avaliação eficaz, como não haverá ensino nem aprendizagem eficaz, se o professor não refletir sobre as suas práticas diárias, se não se avaliar diariamente». Importa não esquecer que a aprendizagem em sala de aula não é feita da mesma forma, pois cada aluno tem o seu ritmo e apresenta as suas dificuldades.

Convém ainda realçar que, conforme Fernandes (2005, p.139) assinala, «todas as atividades que se realizam em ordem, a obter informações que permitam decisões ou pontuações corretas no final da ação educativa, constituem a avaliação.» Ou seja, não basta avaliar os resultados, é fundamental avaliar o processo a eles associado. Como tal, a avaliação do aluno é mais do que a atribuição de uma simples nota. Passa, sim, por detetar os problemas/ dificuldades de aprendizagem, ajudando os alunos nesse sentido, potenciando as suas possibilidades. De acordo com Oliveira e Oliveira (1996, p.143), «quanto mais parâmetros houver para a avaliação, menos injusta ela será, porque há sempre qualquer injustiça nesta avaliação, pois é impossível controlar totalmente o esforço, a capacidade, a motivação pessoal e familiar, a disciplina e outras variáveis que facilitam ou dificultam a aprendizagem».

Segundo Cortesão (1993, p. 44), «a avaliação desempenha três tipos de funções: diagnóstica, formativa e sumativa». Numa dimensão diagnóstica, a avaliação é normalmente realizada quando se inicia uma nova etapa formativa sobre as competências e saberes dominados pelas crianças, em relação às propostas que se pretendem desenvolver. Neste sentido, pode ser implementada não apenas quando se inicia um ano escolar, mas ao longo deste, procurando-se, através dela, identificar pré-requisitos necessários para a aquisição progressiva de novas e diferentes competências. A avaliação diagnóstica ganha ainda pertinência, se considerarmos que, quanto mais cedo as dificuldades forem identificadas, mais probabilidades existem de serem superadas pelas crianças.

A avaliação, numa dimensão formativa, será concebida com uma prática continua que contribui para a melhoria da aprendizagem, ou uma contribuição efetiva – e não para a regulação da aprendizagem durante todo o ano escolar. Segundo

Perrenoud (1999), a ideia de avaliação formativa induz o professor a observar sistematicamente os alunos, para adaptar as metodologias de forma a que o ensino do conteúdo (conjunto de tópicos abordados de forma sistemática para possibilitar aquisição de conhecimento) se torne significativo.

A principal característica da avaliação formativa é ser integrada no próprio ato de ensino, de modo a «contribuir para melhorar a aprendizagem em curso, informando o docente sobre as condições em que está a decorrer essa aprendizagem e instruindo o aprendente sobre o seu próprio percurso, os seus êxitos e as suas dificuldades» (Hadji, 1994, p.63). De acordo com o Despacho Normativo n.º1/2005:

- A avaliação formativa é a principal modalidade de avaliação do ensino básico, assume carácter contínuo e sistemático e visa a regulação do ensino e da aprendizagem, recorrendo a uma variedade de instrumentos de recolha de informação, de acordo com a natureza das aprendizagens e dos contextos em que ocorrem.
- A avaliação formativa fornece ao professor, ao aluno, ao encarregado de educação e aos restantes intervenientes informação sobre o desenvolvimento das aprendizagens e competências, de modo a permitir rever e melhorar os processos de trabalho.
- A avaliação formativa é da responsabilidade de cada professor, em diálogo com os alunos e em colaboração com os outros professores, designadamente no âmbito dos órgãos colectivos que concebem e gerem o respectivo projecto curricular e, ainda, sempre que necessário, com os serviços especializados de apoio educativo e os encarregados de educação, devendo recorrer, quando tal se justifique, a registos estruturados.
- Compete ao órgão de direcção executiva, sob proposta do professor titular, no 1.º ciclo, e do director de turma, nos restantes ciclos, a partir dos dados da avaliação formativa, mobilizar e coordenar os recursos educativos existentes na escola ou agrupamento com vista a desencadear respostas adequadas às necessidades dos alunos.
- Compete ao conselho pedagógico apoiar e acompanhar o processo definido no número anterior.

A avaliação sumativa baseia-se na formulação de uma síntese das informações recolhidas sobre o desenvolvimento das aprendizagens e competências definidas para cada área curricular e disciplina, no quadro do respetivo projeto curricular de turma, dando uma atenção especial à evolução do conjunto dessas aprendizagens e competências. Para Cortesão (1993, p. 44), «a avaliação sumativa envolve conclusões sobre o mérito e o valor de um processo já completo ou estabilizado, sendo utilizada para seleccionar e responsabilizar».

Existem diversas práticas de registo de informação da avaliação. Todavia, as grelhas de avaliação são o elemento mais utilizado pelos professores e constituem um suporte da avaliação dos conhecimentos dos alunos sobre um determinado conteúdo programático. De acordo com Leite e Fernandes (2002, p. 60), as grelhas de avaliação oferecem a «reflexão atenta das práticas [o que] permite melhoramentos contínuos». Assim, os dispositivos de avaliação permitem ao professor um maior esclarecimento dos objetivos dos trabalhos a avaliar nos alunos.

2. Dispositivos de avaliação de Língua Portuguesa

2.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

Durante o estágio que realizei com o 2.º Ano B, procedi à realização de uma proposta de trabalho na área da Língua Portuguesa, no dia 24 de abril de 2012. A atividade foi realizada no contexto sala de aula e teve a duração de 50 minutos (aproximadamente). Estavam presentes 27 alunos; faltava uma criança.

Estabeleci um diálogo com os alunos sobre a importância dos sinais de pontuação, expliquei a função de cada um e exemplifiquei algumas situações em que se utilizam. Depois, distribuí uma proposta de trabalho, na qual era suposto os alunos identificarem qual o sinal de pontuação que correspondia a cada informação.

A escala da avaliação das propostas das atividades foram elaboradas para 10 valores associados a 5 níveis de desempenho. De acordo com Tenbrink (2002):

As escalas avaliação têm uma definida vantagem sobre as listas de controlo, porque nos permite formular juízos sistemáticos sobre o grau basta que chegue a um comportamento ou característica. Uma escala de avaliação normalmente consiste num conjunto de características ou comportamentos a avaliar e algum tipo de hierarquia. (p. 259)

Este autor refere que «estas escalas de evolução ajudam o observador a centrar-se em aspetos específicos, observáveis, dos elementos que está a avaliar» (p.260). Tenbrink sublinha ainda que «uma escala numérica em vez de uma gráfica proporciona-nos resultados, com mais fácil compreensão, registo e manipulação. Uma escala gráfica, por outro lado, tem a vantagem de caligrafar registos de uma forma mais específica e com resultados observáveis» (p.267).

A avaliação é feita através da escala de avaliação, apresentada no quadro seguinte.

Quadro 6 – Escala de avaliação utilizada

Avaliação quantitativa	Avaliação qualitativa
0 – 2,9	Fraco
3 – 4,9	Insuficiente
5 – 6,9	Suficiente
7 – 8,9	Bom
9 - 10	Muito Bom

O quadro indica o valor qualitativo e quantitativo que o aluno irá obter, consoante a cotação atribuída. Deste modo, no trabalho realizado (identificação do sinal de pontuação), se a cotação for menor que 2,9 valores, o aluno, no seu desempenho, terá a avaliação de Fraco. Se a cotação se situar entre os 3 e os 4,9 valores, o seu desempenho será ainda Insuficiente. Porém, se atingir o Suficiente, a sua cotação será superior a 5 e menor que 7. A classificação de Bom será atribuída se o aluno obtiver entre 7 e 8,9 valores. Por fim, se a criança alcançar entre os 9 e 10 valores, o seu valor qualitativo é de Muito Bom.

Para os restantes dispositivos de avaliação, foi utilizada a mesma escala de avaliação.

2.2. Grelha de avaliação da atividade de Língua Portuguesa

Quadro 7 – Grelha de critérios e cotações

Parâmetros	Critérios		Cotações
1. Reconhecer os sinais de pontuação e auxiliares de escrita	Identificou todos os sinais	10	10
	Identificou 8 sinais	8	
	Identificou 7 sinais	7	
	Identificou 6 sinais	6	
	Identificou 5 sinais	5	
	Identificou 4 sinais	4	
	Identificou 3 sinais	3	
	Identificou 2 sinais	2	
	Identificou 1 sinal	1	
	Não identificou nenhum sinal	0	
TOTAL			10

Quadro 8 – Grelha de correção

QUESTÕES	QUESTÃO 1	TOTAL	AVALIAÇÃO QUALITATIVA
Cotações	10 valores	10 valores	
Alunos			
A	8	8	Bom
B	10	10	Muito bom
C	10	10	Muito bom
D	10	10	Muito bom
E	10	10	Muito bom
F	8	8	Bom
G	10	10	Muito bom
H	7	7	Bom
I	8	8	Bom
J	8	8	Bom
K	8	8	Bom
L	8	8	Bom
M	8	8	Bom
N	10	10	Muito bom
O	10	10	Muito bom
P	8	8	Bom
Q	6	6	Suficiente
R	10	10	Muito bom
S	7	7	Bom
T	7	7	Bom
U	8	8	Bom
V	10	10	Muito bom
W	8	8	Bom
X	10	10	Muito bom
Y	8	8	Bom
Z	8	8	Bom
AA	4	4	Insuficiente
AB	-	-	-
MÉDIA ARITMÉTICA		8,41	Bom

Nota: O aluno AB não realizou este dispositivo de avaliação, pois não se encontrava presente.

2.3. Apresentação dos resultados em gráfico e análise

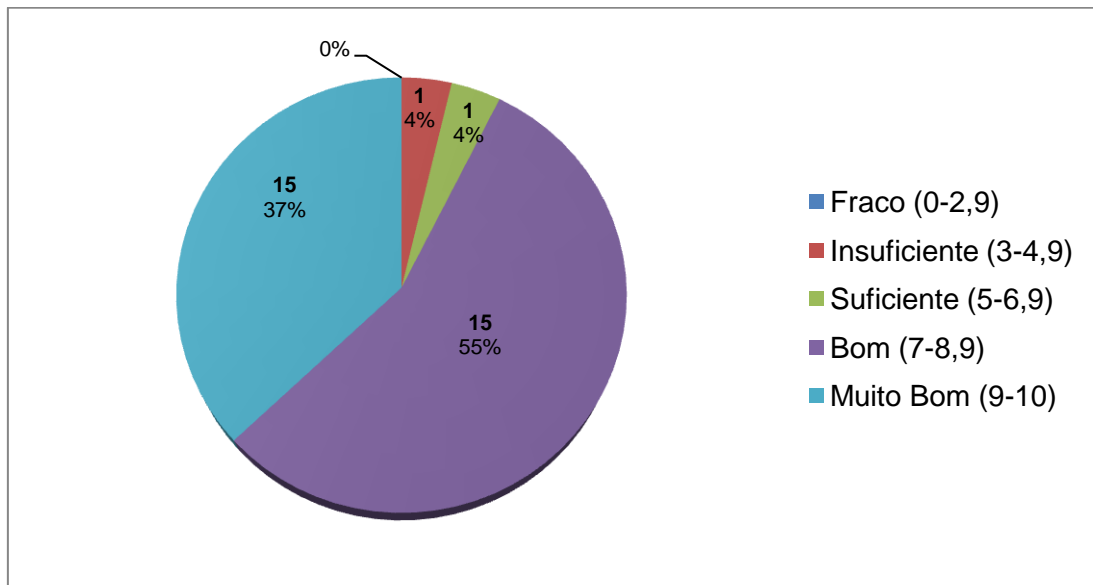


Figura 16 – Gráfico de resultados

Observando a figura acima, podemos verificar que, num total de 27 alunos, dez alunos atingiram o Muito Bom, obtendo a cotação de 10 valores. Outras quinze crianças obtiveram Bom, sendo que 12 crianças tiveram a cotação de 8 valores e três tiveram a cotação de 7 valores. Uma das crianças atingiu a qualificação de Suficiente, tendo obtido 6 valores, e a última criança obteve Insuficiente, com apenas 4 valores.

Sendo assim, a média dos resultados dos alunos é de 8,41 valores.

De uma forma geral, podemos constatar que o grupo de alunos revela ter conhecimentos sobre os sinais de pontuação e sobre os sinais auxiliares de escrita, sabendo identificá-los, pois a maioria das crianças conseguiu resultados positivos, com as classificações de Muito Bom, Bom e Suficiente. Apenas uma criança obteve insuficiente.

3. Dispositivos de avaliação de Matemática

3.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

Durante o estágio realizado na sala do 2.º Ano B, do Jardim-Escola da Estrela, procedi à realização de uma atividade de avaliação na área da Matemática, cujo objetivo era o de que os alunos representassem nas quadriculas uma figura com 14 cm de perímetro, uma figura com 26 cm de perímetro e outra figura com 40 cm de perímetro.

Assim, no dia 24 de abril de 2012, e com 27 crianças presentes (faltando um aluno), iniciei a aula dialogando com os alunos sobre a noção perímetro, partindo dos conhecimentos prévios dos mesmos. Através do material estruturado Cuisenaire, exemplifiquei o que era uma unidade de perímetro e apresentei aos alunos a unidade principal das medidas de comprimento, assim como os seus submúltiplos, explicando que, no caso presente, uma unidade de perímetro correspondia a 1cm.

Após aquela apresentação, propus aos alunos que construíssem, com o material Cuisenaire, três figuras com perímetros diferentes e que representassem as mesmas numa folha quadriculada, pintando as composições de espaço das mesmas de acordo com as cores das peças do material. Esta atividade teve a duração aproximada de 50 minutos.

A avaliação é feita através da escala mostrada anteriormente.

3.2. Grelha de avaliação da atividade

Quadro 9 – Grelha de critérios e cotações

Parâmetros	Critérios		Cotações
1. Representar nas quadrículas as figuras construídas	Representou todas as figuras	5	5
	Representou 2 das figuras	3	
	Representou 1 das figuras	2	
	Não representou nenhuma das figuras	0	
2. Representar as composições com as peças do material Cuisenaire	Pintou todas as peças com a cor correspondente	5	5
	Pintou a maioria das peças com a cor correta	3	
	Pintou poucas peças com a cor correspondente	2	
	Não pintou nenhuma peça com a cor correspondente	0	
TOTAL			10

Quadro 10 – Grelha de correção

	QUESTÃO 1	QUESTÃO 2	TOTAL	AVALIAÇÃO QUALITATIVA
Cotações	5 valores	5 valores		
Alunos				
A	2	5	7	Bom
B	2	5	7	Bom
C	2	5	7	Bom
D	2	5	7	Bom
E	3	5	8	Bom
F	2	5	7	Bom
G	5	5	10	Muito Bom
H	2	3	5	Suficiente
I	2	5	7	Bom
J	0	5	5	Suficiente
K	0	5	5	Suficiente
L	0	5	5	Suficiente
M	5	5	10	Muito Bom
N	3	3	6	Suficiente
O	3	5	8	Bom
P	3	5	8	Bom
Q	5	5	10	Muito Bom
R	5	5	10	Muito Bom
S	3	5	8	Bom
T	5	5	10	Muito Bom
U	5	5	10	Muito Bom
V	2	3	5	Suficiente
W	3	3	6	Suficiente
X	5	5	10	Muito Bom
Y	5	5	10	Muito Bom
Z	0	3	3	Insuficiente
AA	3	5	8	Bom
AB	-	-		-
MÉDIA ARITMÉTICA		7,5		Bom

Nota: O aluno AB não dispõe de avaliação, pois não se encontrava presente.

3.3. Apresentação dos resultados em gráfico e análise

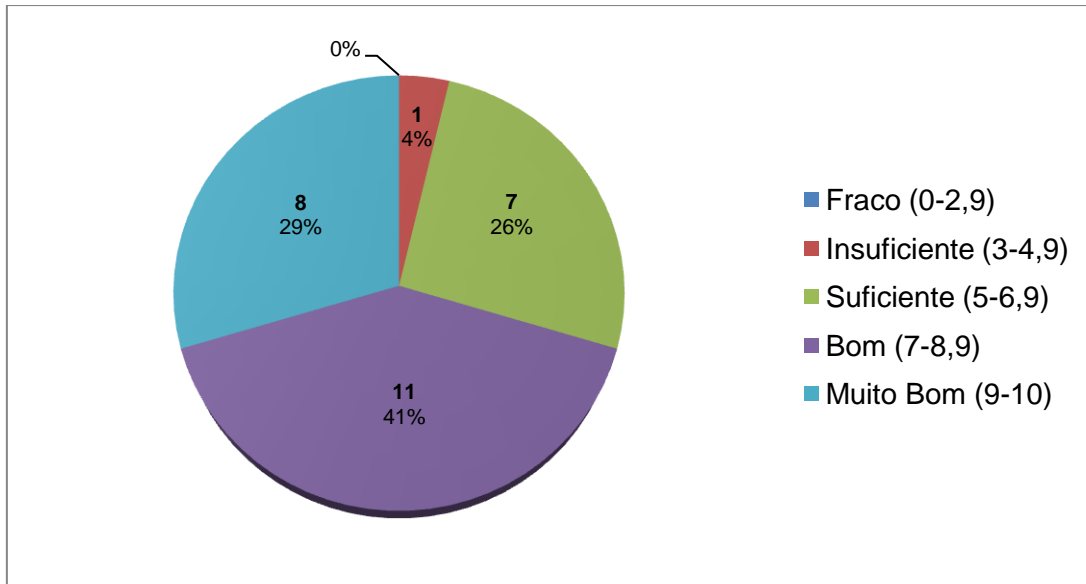


Figura 17 – Gráfico de resultados

Observando a figura acima, verifica-se que menos de metade dos alunos conseguiu realizar a atividade, acertando corretamente em todos os exercícios. Assim, oito alunos tiveram a classificação de Muito Bom, sendo que todos obtiveram 10 valores. Com a classificação de Bom ficaram onze alunos, dos quais cinco obtiveram 8 valores e os restantes seis obtiveram 7 valores. Apenas uma das crianças teve Insuficiente obtendo 3 valores. Os restantes alunos obtiveram Suficiente, dois dos quais com a classificação de 6 valores e cinco alunos obtiveram 5 valores.

A média das cotações totais é de 7,5 valores, o que, em termos de média geral, equivale a Bom.

O gráfico mostra que, num total de 27 crianças, mais de metade teve a classificação de Bom e Muito Bom, o que revela que houve compreensão por parte dos alunos. Apenas sete crianças ficaram com a classificação de Suficiente e só um aluno obteve a classificação de Insuficiente.

4. Dispositivos de avaliação de Estudo do Meio

4.1. Descrição de parâmetros, critérios e cotações

No mesmo dia (24 de abril de 2012), procedi à realização de uma proposta de trabalho com os mesmos alunos do 2.º ano B, na Área do Estudo do Meio. Estavam presentes 27 dos 28 alunos da turma.

Comecei por explicar aos alunos o que é a comunicação e para que serve. Em seguida, coloquei diversas imagens no quadro, com diversos meios de comunicação social e meios de comunicação pessoal. Falei sobre a importância e utilidade de cada um e a sua evolução ao longo dos tempos.

Depois, distribuí a cada aluno uma proposta de trabalho, juntamente com um envelope que continha imagens de vários meios de comunicação. A atividade, que teve a duração aproximada de 45 minutos, consistia em fazerem a distinção de cada um dos meios de comunicação e colarem as imagens no local correto.

A avaliação é feita através da escala mostrada anteriormente.

4.2. Grelha de avaliação da atividade

Quadro 11 – Grelha de critérios e cotações

Parâmetros	Critérios		Cotações
1. Identificar e reconhecer os meios de comunicação pessoal	Colou corretamente todas as imagens	5	5
	Colou corretamente 4 imagens	4	
	Colou corretamente 3 imagens	3	
	Colou corretamente 2 imagens	2	
	Colou corretamente 1 imagem	1	
	Não colou corretamente nenhuma imagem	0	
2. Identificar e reconhecer os meios de comunicação social	Colou corretamente todas as imagens	5	5
	Colou corretamente 4 imagens	4	
	Colou corretamente 3 imagens	3	
	Colou corretamente 2 imagens	2	
	Colou corretamente 1 imagem	1	
	Não colou corretamente nenhuma imagem	0	
TOTAL			10

Quadro 12 – Grelha de correção

	QUESTÃO 1	QUESTÃO 2	TOTAL	AVALIAÇÃO QUALITATIVA
Cotações	5 valores	5 valores		
Alunos				
A	5	5	10	Muito Bom
B	5	5	10	Muito Bom
C	5	5	10	Muito Bom
D	5	5	10	Muito Bom
E	5	5	10	Muito Bom
F	5	5	10	Muito Bom
G	4	5	9	Muito Bom
H	4	4	8	Bom
I	5	5	10	Muito Bom
J	4	5	9	Muito Bom
K	5	5	10	Muito Bom
L	5	5	10	Muito Bom
M	5	5	10	Muito Bom
N	5	5	10	Muito Bom
O	5	5	10	Muito Bom
P	5	5	10	Muito Bom
Q	5	5	10	Muito Bom
R	5	5	10	Muito Bom
S	5	5	10	Muito Bom
T	5	5	10	Muito Bom
U	5	5	10	Muito Bom
V	5	5	10	Muito Bom
W	5	5	10	Muito Bom
X	5	5	10	Muito Bom
Y	5	5	10	Muito Bom
Z	5	5	10	Muito Bom
AA	5	5	10	Muito Bom
AB	-	-		-
MÉDIA ARITMÉTICA		9,5		Muito Bom

Nota: O aluno AB não dispõe de avaliação, pois não se encontrava presente.

4.3. Apresentação e análise dos resultados em gráfico

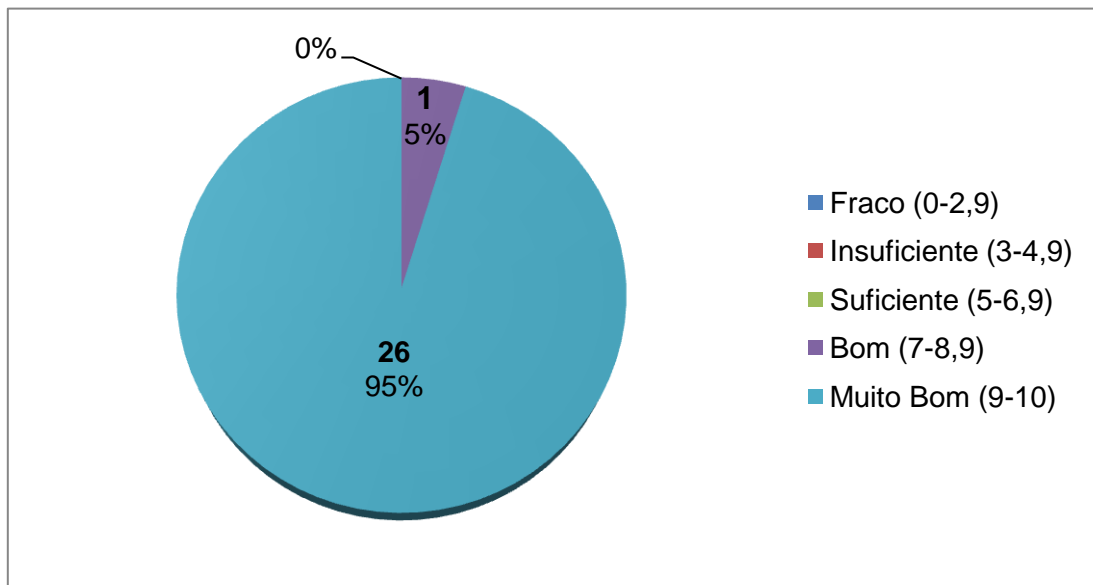


Figura 18 – Gráfico de resultados

Observando a figura acima, podemos verificar que, num total de 27 alunos, apenas uma criança obteve Bom, tendo tido a classificação de 8 valores. Dois alunos obtiveram Muito Bom, tendo tido a classificação de 9 valores. Os restantes alunos atingiram a classificação máxima, Muito Bom, obtendo 10 valores.

Constata-se que a maioria das crianças conseguiu identificar e reconhecer os meios de comunicação pessoal e social.

A média da cotação total dos alunos é de 9,5 valores (Muito Bom).

Assim, o resultado desta avaliação mostra que todos os alunos avaliados conseguiram a classificação de Muito Bom.

REFLEXÃO FINAL

Analisando todo o percurso de estágio desde o 1.º ano da Licenciatura até ao final do Mestrado, gostaria de salientar a importância que os estágios que realizei tiveram para a minha formação. Em primeiro lugar, por me terem permitido observar muitas aulas dadas pelas professoras cooperantes; em segundo lugar, por me terem permitido viver de perto o dia-a-dia das crianças.

No que diz respeito ao Estágio Profissional, a Escola Superior João de Deus possibilita-nos a integração nos Jardins-Escolas desde muito cedo, o que nos permite um contacto com a realidade educativa que, na maioria dos cursos de formação de professores, não se verifica. Os estágios são, pois, uma mais-valia na nossa formação e desenvolvimento.

Para além da observação de aulas, tive oportunidade de lecionar em diversas áreas curriculares, nomeadamente nas de Língua Portuguesa, Matemática e Estudo do Meio – durante a Licenciatura, com aulas de apenas 20 minutos e no Mestrado com manhãs inteiras. Estas aulas foram sem dúvida uma grande preparação para os futuros desafios e obstáculos que terei de enfrentar ao longo da minha vida profissional.

De acordo com Campos (1995, p. 14), «a Prática Pedagógica concretiza-se através de actividades diferenciadas (desde a observação e análise até à responsabilização pela docência, sempre com supervisão) ao longo do curso e em períodos de duração crescente e responsabilização progressiva». A prática pedagógica que desenvolvi foi fundamental para adquirir conhecimentos e alargar competências práticas, pois só nos estágios é que os alunos em formação tomam consciência da realidade da Prática Pedagógica.

O estágio profissional, bem como a elaboração deste Relatório, ajudaram-me a desenvolver competências reflexivas. Segundo Nóvoa, (1992):

(...) a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal. Por isso é tão importante *investir a pessoa* e dar um estatuto ao *saber da experiência*. (p. 25)

Para além de desenvolver as competências reflexivas, o estágio é necessário para a construção da identidade profissional do docente. Segundo Korthagen (citado em Flores e Simão, 2009):

(...) os alunos futuros professores reflectem sobre o seu pensamento, sentimento, desejo e acção sobre os mesmos aspectos nos seus alunos. O objectivo desta reflexão é torná-los mais conscientes sobre a forma como são orientados por alguns sinais durante o seu ensino, incluindo sinais vindos de dentro da pessoa, tais como sentimentos de irritação ou de precipitação. (p. 48-49)

De acordo com Formosinho (2001), a Prática Pedagógica mais do que um processo de formação pessoal, é também um processo de avaliação das aprendizagens imediatas e das potencialidades dos futuros professores; para este autor, esta é:

(...) a fase de prática docente acompanhada, orientada e reflectida que serve para proporcionar ao futuro professor uma prática de desempenho docente global em contexto real que permita desenvolver as competências e atitudes necessárias para um desempenho consciente, responsável e eficaz. (p. 53)

Durante o meu Estágio Profissional I e II, não tive oportunidade de assistir a outras áreas curriculares, como a Educação Física, a Expressão Plástica e a Formação Pessoal e Social, visto que os horários em que estas áreas eram lecionadas não eram compatíveis com o meu horário de Estágio. Como se pode constatar nos horários das turmas que transcrevi, as aulas de Estudo do Meio, Formação Pessoal e Social, Expressão Plástica, Educação Física, Biblioteca e Informática ocorrem no período da tarde e o estágio realizou-se sempre entre as 09h00 e as 13h00.

Por o horário estar assim distribuído, também as aulas de Estudo do Meio a que assisti foram sempre dadas ou por mim ou por outras estagiárias. Tive oportunidade de assistir um dia a uma aula do Clube de Ciências e só no último momento de estágio pude assistir às aulas de Educação Musical (que aconteciam à sexta-feira das 12h10 às 13h00).

Tive pena que ao longo do Estágio não pudesse assistir a aulas em que as professoras recorressem ao uso da *Cartilha Maternal*, o que só pude verificar numa ou noutra situação pontual. O facto de ter feito estágio no 1.º ano apenas no final do ano não me possibilitou também que assistisse a essa prática de ida à *Cartilha*.

Ao longo do período de estágio foram-me solicitadas duas aulas surpresa. Ao contrário das aulas programadas e assistidas, não considero que estas tenham sido particularmente importantes para a minha formação e para o meu desenvolvimento enquanto profissional. Ao longo de toda a formação é destacada a importância da planificação – o que, aliás, está de acordo com a bibliografia teórica que refiro no capítulo 3 deste Relatório. Por isso, o único ponto que, na minha opinião, poderá ser avaliado nestas aulas surpresa, será a capacidade de improvisação.

Para a realização deste Relatório, na maioria das vezes, abdiqueei de horas a que me deveria ter dedicado a outras Unidades Curriculares. Penso que seria importante haver mais tempo letivo que permitisse trabalhar e esclarecer dúvidas para a elaboração deste Relatório – embora a Unidade Curricular Trabalho de Projeto se destine a esse efeito, mas que é insuficiente para tantas alunas.

Ainda que me tenha deparado com estas situações menos positivas, a realização deste Relatório fez-me pesquisar, estudar, rever e refletir sobre toda a teoria que, ao longo do curso (Licenciatura e Mestrado), me foi apresentada. Durante este período, pude constatar que um professor tem de estar permanentemente informado e atualizado, para que possa adequar as suas estratégias à realidade educativa, pois esta está sempre em constante mudança. Como no Relatório para a Unesco (Delors, coord., 1996) é afirmado:

A educação ocupa cada vez mais espaço na vida das pessoas à medida que aumenta o papel que desempenha na dinâmica das sociedades modernas. (...) Hoje em dia, ninguém pode pensar adquirir, na juventude, uma bagagem inicial de conhecimentos que lhe baste para toda a vida, porque a evolução rápida do mundo exige uma atualização contínua dos saberes, mesmo que a educação inicial dos jovens tender a prolongar-se. (Unesco, 1996, p.103)

O Estágio Profissional I e II e a realização deste Relatório foram sem dúvida um marco muito importante na minha formação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abrantes, P., Serrazina, L e Oliveira, I. (1999). *A matemática na Educação Básica*. Lisboa: Departamento de Educação Básica – Ministério da Educação.
- Alarcão, I. (1996). Reflexão crítica sobre o pensamento de D. Schön e os programas de formação de professores. In *Supervisão e formação de professores*. Porto: Porto Editora; pp. 9-39.
- Alarcão, I. e Tavares, J. (2003). *Supervisão da prática pedagógica – Uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem* (2ª ed.). Coimbra: Almedina.
- Alarcão, I.; Freitas, C. V.; Ponte, J. P.; Alarcão, J., e Tavares, M. J. F. (1997). A formação de professores no Portugal de hoje. Documento de Trabalho do CRUP – Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas. Recuperado em 2011, junho, 10. [http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/97-Alarcao-Ponte\(CRUP\).rtf](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/97-Alarcao-Ponte(CRUP).rtf)
- Alegria, M. F., Loureiro, M., Marques, M. A. & Martinho, A. (2001). A prática pedagógica na formação inicial de professores. Documento de trabalho da Comissão ad hoc do CRUP para a Formação de Professores. Recuperado em 2011, fevereiro, 16. www.crup.pt/DocumentosPDF/praticapedagformainicialprofs.pdf.
- Almeida, A. (1998). *Visitas de Estudo – Conceções e eficácia da aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Alves, M. P. C. (2002). A avaliação e o desenvolvimento profissional do professor. In Moreira, A. F. B. & Macedo E.F. (eds). *Currículo, Práticas Pedagógicas e Identidades*. Porto: Porto Editora.
- Alves, J. M., Leite, M. J. (2005). *Sucesso na escola – um guia para os pais*. Porto: ASA.
- Arends, R. (1995). *Aprender a ensinar*. McGraw-Hill: Lisboa.
- Azevedo, M. (2000). *Teses, relatórios e trabalhos escolares – sugestões para estruturação da escrita*. Lisboa: Universidade Católica.
- Bastos, G. (1999). *Literatura infantil e juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Bloom, B., Hastings, J. T. e Madaus, G. F. (1973). *Manual de Avaliação Formativa e Sumativa do aprendizado escolar*. S. Paulo: Livraria Pioneira Editora.

- Bogdan, R. e Biklen, S.K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Boggino, Norberto (2009). A avaliação como estratégia de ensino. Avaliar processos e resultados. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 09, pp 79-86. Consultado em [janeiro, 2012] em <http://sisifo.fpce.ul.pt>
- Bouton, C. P. (1977). *O desenvolvimento da linguagem*. Lisboa: Moraes Editores.
- Costa, C. B. e Sousa, O. C. (2010). O texto no ensino inicial da leitura e da escrita. In O. C. e Sousa e A. Cardoso (Eds.). *Desenvolver competências em língua – Percursos didáticos*. Lisboa: Edições Colibri; pp. 73-94.
- Braga, F. (2004). *Planificação novos papéis, novos modelos*. Porto: ASA.
- Breda, A. Serrazina, L., Menezes, L. e Sousa, H. (2007). Geometria e Medida no Ensino Básico – Brochura de apoio ao Programa de Matemática do Ensino Básico para o ensino da Geometria e Medida. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC).
- Caldeira, M. F. (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Campos, B. P. (1995). *Formação de professores em Portugal*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Canário, R. (2001). A prática profissional na formação de professores. In Bártolo Paiva Campos (org.). *Formação profissional de professores de ensino superior*. Vol. 1. Porto: Porto Editora; pp. 31-45.
- Catita, E. M. (2007). *Estratégias metodológicas para o ensino do Meio Físico e Social*. Lisboa: Areal Editores.
- Célis, G. (1998). *Aprender a formar crianças leitoras e escritoras*. Artmed: Porto Alegre.
- Condemarin, M. e Chadwick, M. (1987). *A escrita criativa e formal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Cordeiro, M. (2010). *O livro da criança – Do 1 aos 5 Anos (5ª ed.)*. Lisboa: Esfera dos Livros.
- Cortesão, L. (1993). *Avaliação Formativa – Que desafios?* Porto: ASA.
- Dacosta, Luísa (2002). Leitura e pedagogia do deslumbramento. In Armindo Mesquita (coord.). *Pedagogias do Imaginário*. Porto: Asa, pp.199-206.

- Delors, J. (coord.). *Educação um tesouro a descobrir* - Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. S. Paulo: Cortez Editora.
- Deshaies, B. (1997). *Metodologia da investigação em Ciências Humanas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Diniz, M. A. S. (1993). A literatura de expressão oral. In *As fadas não foram à escola*. Porto: ASA; pp. 45-75.
- Estanqueiro, A. (2010). *Boas práticas na Educação – O papel dos professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Félix, N. (1998). *A história na Educação Básica*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica.
- Fernandes, D. (2004). *Avaliação das aprendizagens: uma agenda, muitos desafios*. Lisboa: Texto Editora.
- Fernandes, D. (2005). *Avaliação das aprendizagens: Desafios às teorias, práticas e políticas*. Lisboa: Texto Editores.
- Fernandes, E. (1997). O trabalho cooperativo num contexto de sala de aula. *Análise Psicológica*, 4 (XV) (56).
- Fisher, J. (2000). *Sugestões para o Desenvolvimento do Trabalho Pedagógico*. Lisboa: Texto Editora.
- Flores, J. (1994). *Análisis de datos cualitativos – Aplicaciones a la investigación educativa*. Barcelona: PPU.
- Flores, M. A. e Simão, A. M. V. (2009). *Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: Contextos e perspectivas*. Portugal: Mangualde: Edições Pedago.
- Formosinho, J. (2001). A formação prática dos professores: da prática docente na instituição de formação à prática pedagógica nas escolas. *Revista Portuguesa de Formação de Professores*, 1 (37-54).
- Freire, P. (1997). *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- Gabinete de Informação e Avaliação do Sistema Educativo do Ministério da Educação (2005). *Eurydice - Rede de Informação sobre Educação na Europa*. Lisboa: Ministério da Educação.

- Galvão, C., Reis, P., Freire, A., Oliveira, T. (2006). *Avaliação de competências em Ciências – Sugestões para professores dos ensinos Básico e Secundário*. Porto: ASA.
- Gênova, A. C. (1988). *Origami Escolar; Dobraduras*. São Paulo: s.n.
- Gomes, J. F. (1977). *Educação infantil em Portugal*. Separata da *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano XI. Coimbra: Departamento de Psicologia e de Ciências da Educação (1-217).
- Gomes, J.A. (1996). *Da nascente à voz: Contributos para uma pedagogia da leitura*. Lisboa: Caminho.
- Grosso, C. (2004). *Grandezas e medidas. Áreas e volumes*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Hadji, C. (1994). *A avaliação, regras do jogo. Das intenções aos instrumentos*. Porto: Porto Editora.
- Herdeiro, M. B. (1980). *Dimensão pedagógica da Leitura*. In *Problemática da leitura – aspectos sociológicos e pedagógicos*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
- Hohmann, M. e Weikart, D. P. (1997). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Instituto de Inovação Educacional (1992). *Avaliar é aprender; o novo sistema de avaliação*. Lisboa: IIE.
- Jean, G. (2000). *A leitura em voz alta*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Jesus, J. M. S. (2002). *Educação do movimento*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Jolibert, J. (coord.). (1994). *Formando crianças produtoras de textos* (vol. II). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Leite, C., Fernandes, P. (2002), *Avaliação da aprendizagem dos alunos: Novos contextos, novas práticas*. Porto: ASA.
- Magalhães, V. F. (2008). A promoção da leitura na infância: Um mundo de verdura a não perder. In O. Sousa e A. Cardoso (org.). *Desenvolver competências em Língua Portuguesa*. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa/ CIED; pp. 55-73.
- Marques, R. (2001). *Educar com os pais*. Lisboa: Presença.

- Martins, M. (1995). Os valores e os modelos na construção da personalidade infantil. In *Ler Sophia – Os valores, os modelos e as estratégias discursivas nos contos de Sophia de Mello Breyner Andresen*. Porto: Porto Editora; pp. 21-50.
- Matos, J. M. e Serrazina, M. L. (1996) *Didáctica da matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Mialaret, G. (1975). *A aprendizagem da Matemática*. Coimbra: Almedina.
- Ministério da Educação (2006). *Organização Curricular e Programas*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2007). *Programa de Matemática do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2009). *Programas do Português do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Morgado, José. (2004). *Qualidade na educação. Um desafio para os professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Morgado, L. M. A. (1993) *O ensino da Aritmética – Perspetiva construtivista* Coimbra: Almedina.
- Neves, I. (2007). A formação prática e a supervisão da formação. *Saber(e) Educar* n.º 12. Porto: ESE de Paula Frassinetti (79-95).
- Nóvoa, A. (1992). Formação de professores e profissão docente. In António Nóvoa (coord). *Os professores e a sua formação*. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1992; pp. 15-33.
- Oliveira, J. B., & Oliveira, A. B. (1996). *Psicologia da Educação Escolar II – Professor - Ensino*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Oliveira, T. (1991). *Didática da biologia*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Pais, A., & Monteiro, M. (2002). *Avaliação uma prática diária*. Lisboa: Editorial Presença.
- Palhares, P. (2004). *Elementos de Matemática para Professores do Ensino Básico*. Lisboa: Lidel.
- Palhares, P. e Gomes, A. (coord). (2006). *Mat1C Desafios para um novo rumo*. Braga: Universidade do Minho.
- Pereira, M. (1992). *Didáctica das ciências da natureza*. Lisboa: Universidade Aberta.

- Pérez, M. e López, E. D. (2001). *Diseños curriculares de aula. Un modelo de planificación como aprendizaje-enseñanza*. Buenos Aires: Ediciones Novedades Educativas.
- Pérez, M. R. (s.d.). *Desenho Curricular de aula como Modelo de Aprendizagem – Ensino*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Perrenoud, P.(1999). *Avaliação da excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Pinto, M. O. (2010). *Desenvolver competências do oral no 1.º ciclo*. In O. C. e Sousa e A. Cardoso (Eds.). *Desenvolver competências em língua – Percursos didáticos*. Lisboa: Edições Colibri; pp. 15-32.
- Pombo, O.; Guimarães, H. M. & Levy, T. (1994). *A Interdisciplinaridade – Reflexão e Experiência*. Lisboa: Texto Editora.
- Ponte, J. Pedro; Serrazina, M. L. (2000). *Didáctica da matemática do 1.º Ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Proença, M. C. (1990). *Ensinar/ Aprender História*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Proença, M. C. (1989). *Didática da História, textos complementares*. Lisboa: Universidade aberta.
- Propp, V. (1983). *Morfologia do Conto* (2ª ed.). Lisboa: Vega.
- Quivy, R. & Campenhoudt, V. L. (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais* 3ª ed. Lisboa: Gradiva.
- Rebelo, D. (1990). *Estudo psicolinguístico da aprendizagem da Leitura e da Escrita*. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa.
- Recasens, M. (1990). *Como jogar com a linguagem*. Plátano Edições Técnicas: Lisboa.
- Reis, M. P. I. F. C. P (2008). *A relação entre pais e professores: Uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Tese de Doutoramento. Facultad de Ciencias de la Educación, Universidad de Málaga.
- Ribeiro, A. C. e Ribeiro L. C. (1990). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Rodari, G. (2006). *Gramática da Fantasia*. Lisboa: Caminho.

- Ruivo, I. M. S. (2009). *Um Novo Olhar sobre o Método de Leitura João de Deus*. Dissertação de Doutoramento. Universidad de Málaga. Facultad de Ciências de la Educacion.
- Sanches, I. (2001). *Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula*. Porto: Porto Editora.
- Silva, M. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação: Lisboa.
- Silveira-Botelho, T. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal: uma prática educativa na Escola Superior de Educação João de Deus*. Dissertação de Doutoramento. Málaga: Universidade de Málaga. Facultad de Ciências de la Educacion.
- Sim-Sim, I., Duarte, I., Ferraz, M. J. (1997). *A Língua materna na Educação Básica. Competências nucleares e níveis de desempenho*. Lisboa: Departamento de Educação Básica – Ministério da Educação.
- Sousa, O. e Cardoso, A. (2008). Introdução. In O. Sousa e A. Cardoso (org.) *Desenvolver competências em Língua Portuguesa*. Lisboa: Escola Superior de Educação de Lisboa/ CIED; pp. 5-9.
- Spodek, B. & Saracho, O. N. (1998). *Ensinando Crianças de Três a Oito Anos*. Porto Alegre: Artmed.
- Teberosky, A. (2002), *Psicopedagogia da Linguagem Escrita* (10ª ed.). Petrópolis: Editora Vozes Fala da escrita de notícias.
- Teberosky, A. e Colomer, T. (2003). *Aprender a ler e a escrever – Uma Proposta Construtiva*. Porto Alegre: Artmed.
- Tendbrink, T. D. (2002). *Evaluación guía práctica para profesores*. Madrid: Narcea, S. A.
- Thouin, M. (2004). *Resolução de problemas científicos e tecnológicos nos ensinios do Pré-escolar e Básico 1.º ciclo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- VanCleave, J. (1991). *Astronomia para Jovens*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Vasconcelos, A. A. (2006). *Orientações Programáticas do Ensino da Música no 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: APEM – Associação Portuguesa de Educação Musical.
- Veloso, R. M. (2001). Literatura infantil e práticas pedagógicas. *Malasartes* n.º 6. Setembro (22-24).

Veloso, R. M. (2006). A leitura literária. Recuperado em 2011, dezembro, 19. 195.23.38.178/casdaleitura/portalpha/bo/.../ot_leit_litera_a_C.pdf

Veloso, R. M. (s.d.). Obras de Alice Vieira [bibliografia] | SOL - Serviço de Orientação da Leitura | Vidas e Obras Recuperado em 2012, fevereiro, 27 www.casdaleitura.org

Viana, F. L. (2009). *O ensino da leitura: A avaliação*. Lisboa: Ministério da Educação/ Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Zabalza, M. A. (2000). *Planificação e Desenvolvimentos Curricular na escola*. Rio Tinto: ASA.

Zeichner, K. (1993). *A formação reflexiva de professores. Ideias e práticas*. Lisboa: Educa.

ANEXOS

Anexo 1

Proposta de Trabalho para Língua Portuguesa – 2.º ano B

(19 de março de 2012)

Língua Portuguesa -2.º ano



Nome: _____ Data: __/__/__

1. Observa a imagem:



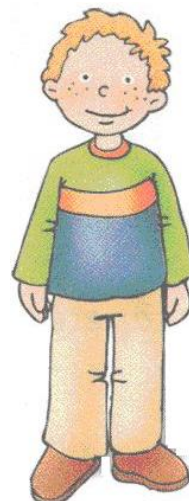
Ana



João



Maria



Luís

1.1. Sublinha o adjetivo da seguinte frase:

O Luís é alto.

1.2. De acordo com a imagem, completa as seguintes frases, usando sempre o adjetivo da frase anterior:

a) A Ana é _____ do que o Luís.

(grau comparativo de inferioridade)

b) A Maria é _____ como o João.

(grau comparativo de igualdade)

c) O Luís é _____ do que a Ana.

(grau comparativo de superioridade)

Anexo 2

Proposta de Trabalho para Matemática – 2.º ano B

(19 de março de 2012)

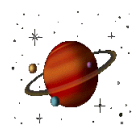
Nome: _____ Data: __/__/__

Situações Problemáticas

1. Numa das suas viagens ao espaço, os astronautas encontraram quatro planetas alinhados. O planeta Diamante é o primeiro da fila. O planeta Lazuli está a seguir ao planeta Diamante. O planeta Rubi está entre o planeta Esmeralda e o planeta Lazuli. Qual é que está em último lugar?



2. A soma das idades de três astronautas é 115. O astronauta André é o mais novo e a astronauta Luísa não é a mais velha. O astronauta Francisco tem mais sete anos que o astronauta mais novo que tem trinta e cinco anos. Qual é a idade da astronauta Luísa?



Anexo 3

Protocolo Experimental para Estudo do Meio – 1.º ano B

(12 de junho de 2012)

Anexo 4

Registo de Observação da Experiência de Estudo do Meio – 1.º ano B

(12 de junho de 2012)

Anexo 5

Proposta de Trabalho para Estudo do Meio – 1.º ano B

(15 de junho de 2012)

Proposta de trabalho

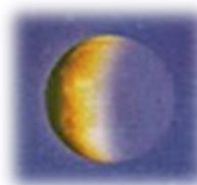
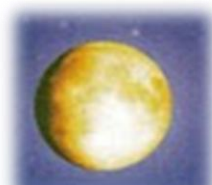
Nome: _____ Data: ___/___/___

1. Completa o texto com as palavras da caixa.

Lua estrelas luar
Terra Marte Sol

A _____ é o satélite natural da _____, pois gira à sua volta.

Como não tem luz própria capta a luz do _____ e reflete-a para a Terra, dando lugar ao que chamamos _____. É por esse motivo, que às vezes podemos vê-la toda ou na sua maior parte e outras vezes, só a podemos ver um pouco ou então nem sequer a vemos. A este fenómeno chamamos **fases da Lua**.





Jardim-Escola João de Deus – Estrela

Nome: _____

Data: ____/____/____





PROTOCOLO

INTRODUÇÃO: Nesta experiência vais controlar um mergulhador.

Para isso, só vais ter de apertar os lados de uma garrafa!!!

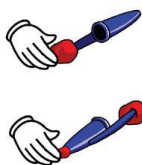
OBJETIVOS: Ver como se movimenta o mergulhador quando se aperta a garrafa.

Material:

-  1 tampa de esferográfica
-  Plasticina
-  1 garrafa de plástico
-  1 copo

Procedimento:

1. Coloca um pouco de plasticina na ponta da tampa da caneta, mas sem tapar a sua abertura. Se a tampa tiver um buraco no topo, tapa-o com plasticina.



2. Enche o copo com água. Põe a tampa com plasticina dentro do copo com água. Verifica se flutua. Tira, ou acrescenta plasticina, na ponta da tampa até que esta flutue.



3. Enche a garrafa de plástico com água, mas sem que fique totalmente cheia.
4. Coloca a tampa com plasticina dentro da garrafa e tapa-a.
5. Aperta os lados da garrafa. Observa o que acontece à tampa.
6. Solta a garrafa e vê o que acontece à tampa.

Observações:



Conclusões:

Ao apertar os lados da garrafa, a tampa vai ao fundo porque entra água e a bolha de ar fica mais pequena. Quando se solta a garrafa, a bolha de ar fica maior e a tampa volta a flutuar.

Bom trabalho!





Jardim–Escola João de Deus – Estrela

Nome: _____

Data: ____/____/____

Assinala a resposta correcta.

1. Se a tampa com plasticina for ao fundo dentro do copo com água, o que deves fazer para que fique a flutuar?

- a) Tirar um pouco de água do copo.
- b) Tirar um pouco de plasticina.
- c) Colocar mais plasticina na tampa.

2. A tampa com plasticina fica a flutuar porque tem...

- a) ... água.
- b) ... plasticina.
- c) ... uma bolha de ar.

3. Para que a tampa com plasticina vá ao fundo tens que...

- a) ... fechar a garrafa.
- b) ... tirar a plasticina.
- c) ... apertar os lados da garrafa.



Jardim–Escola João de Deus – Estrela

Nome: _____

Data: ____/____/____

Assinala a resposta correcta.

1. Se a tampa com plasticina for ao fundo dentro do copo com água, o que deves fazer para que fique a flutuar?

- a) Tirar um pouco de água do copo.
- b) Tirar um pouco de plasticina.
- c) Colocar mais plasticina na tampa.

2. A tampa com plasticina fica a flutuar porque tem...

- a) ... água.
- b) ... plasticina.
- c) ... uma bolha de ar.

3. Para que a tampa com plasticina vá ao fundo tens que...

- a) ... fechar a garrafa.
- b) ... tirar a plasticina.
- c) ... apertar os lados da garrafa.